

REVISTA DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Comissão Editorial

Astolfo Gomes de Mello Araujo
Camilo de Mello Vasconcelos
Fabiola Andréa Silva
Maria Isabel D'Agostino Fleming

Editora Responsável

Maria Isabel D'Agostino Fleming

Conselho Editorial

Ana Mae Tavares Barbosa	Lux Vidal
Antonio Porro	Maria Luiza Corassin
Augusto Titarelli	Maria Manuela Carneiro da Cunha
Carlos Serrano	Maria Margareth Lopes
Fábio Leite	Niède Guidon
Felipe Tirado Segura	Noberto Luiz Guarinello
Gabriela Martin D'Ávila	Pedro Ignacio Schmitz
Igor Chmyz	Pedro Paulo Abreu Funari
Jacyntho Lins Brandão	Rudolf Winkes
José Antonio Dabdab Trabulsi	Solange Godoy
Kabengele Munanga	

*Ped-se permuta
We ask for exchange*



Av. Prof. Almeida Prado, 1.466
Cidade Universitária - São Paulo, SP
CEP 05508-900 - Fax (11) 3091-4977
<http://www.mae.usp.br> - revmae@usp.br

Utensílios líticos revelam sua história e a da Pré-história
A propósito de Coleções do MAE-USP

—

Inventário das coleções Limur & Mediterrâneo e Oriente Médio

REVISTA DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA
E ETNOLOGIA. SUPLEMENTO

NUMERO 17

Editora
Maria Isabel D'Agostino Fleming

Utensílios líticos revelam sua história e a da Pré-história
A propósito de Coleções do MAE-USP

—

Inventário das coleções Limur & Mediterrâneo e Oriente Médio

Águeda Vilhena Vialou

e

Denis Vialou

São Paulo
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
2013

Desenhos - Denise Dal Pino

Fotos - Wagner Souza e Silva

Tradução do francês - Álvaro Allegrette

Diagramação e Tratamento de imagem - Cida Santos

Revisão final - Maria Isabel D'Agostino Fleming e Cida Santos

Vialou, Águeda Vilhena.

Utensílios líticos revelam sua história e a da Pré-história a propósito de Coleções do MAE-USP: inventário das Coleções Limur & Mediterrâneo e Oriente Médio / Águeda Vilhena Vialou e Denis Vialou; ed. Maria Isabel D'Agostino Fleming. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2013.

108 p. il. - (Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. Suplemento. ISSN 2317-3599; n. 17)

ISBN 978-85-60984-24-4

1. Arqueologia pré-histórica - Europa. 2. Europa pré-histórica.
3. Indústria lítica - Europa. I. Vialou, Denis. II. Fleming, Maria Isabel D'Agostino (Ed.). III. Título. IV. Título da série.

Sumário

1	Prefácio
3	Apresentação
7	1. Apresentação geral e valor científico das Coleções
7	1.1 Valor histórico
9	1.2 Valor científico
9	1.3 Interesse museológico
10	1.4 Síntese dos principais dados científicos das Coleções Limur, Mediterrâneo e Oriente Médio
11	2. Os grandes conjuntos cronoculturais
11	2.1 Paleolítico Inferior
13	2.1.1 <i>Pebble culture</i>
15	2.1.2 Acheulenses
19	2.1.3 Método de lascamento Levallois
21	2.1.4 Fácies culturais
23	2.2 Paleolítico Médio
24	2.2.1 As indústrias mousterienses
24	2.3 Séries do Paleolítico Inferior e do Paleolítico Médio da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio
24	2.3.1 Portugal
26	2.3.2 Itália
26	2.3.3 Oriente Próximo
27	2.4 Séries do Paleolítico Inferior e do Paleolítico Médio da Coleção Limur
29	2.5 Paleolítico Superior
33	2.5.1 Aurinhacense
36	2.5.2 Gravetiense
37	2.5.3 Solutrense
38	2.5.4 Magdaleniense
39	2.6 Séries do Paleolítico Superior da Coleção Mediterrâneo
39	2.7 Séries do Paleolítico Superior da Coleção Limur
41	2.8 Epipaleolítico e Mesolítico
41	2.8.1 Epipaleolítico na Europa
42	2.8.2 Mesolítico na Europa
43	2.8.3 Epipaleolítico magrebiano
44	2.8.4 Epipaleolítico do Levante e do Oriente Médio
45	2.9 Séries do Epipaleolítico da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio
46	2.10 Séries da Coleção Limur

47	2.11 Neolítico
48	2.11.1 Neolítico do Oriente Próximo e Médio, ao Magreb e ao Saara
49	2.11.2 Séries neolíticas do Oriente mediterrânico e do Magreb
57	2.11.3 Neolítico da Europa
58	2.11.4 Séries do Neolítico da Europa da Coleção Mediterrâneo
59	2.11.5 Séries do Neolítico da Europa da Coleção Limur
64	2.12 Calcolítico
65	2.12.1 Calcolítico no Oriente Próximo e na Europa
65	2.12.2 Séries do Calcolítico da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio
66	2.12.3 Série do Calcolítico da Coleção Limur
67	2.13 Peças pré-históricas americanas da Coleção Limur
67	2.13.1 Peças dos Estados Unidos
67	2.13.2 Peças do México
68	2.13.3 Outras peças americanas
69	Conclusão
70	Referências bibliográficas
73	Anexos
75	Anexo 1 Inventário da Coleção Limur
91	Anexo 2 Inventário da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio

Prefácio

A publicação sistemática de coleções arqueológicas em museus brasileiros não é uma prática comum, não só no que respeita a acervos adquiridos no passado em várias circunstâncias como também no tocante às coleções provenientes de escavações rigorosas e modernas. E no entanto, elas são das mais relevantes dentre as atividades museais, e, com esta realidade em mente, propus aos autores deste livro uma verdadeira empreitada no sentido de recuperar para a ciência e a cultura as coleções líticas da América, Europa, Mediterrâneo e Oriente-Médio, conservadas no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Não só atenderam a este apelo como foram além, dando aos estudos aqui publicados um cunho pedagógico de alto valor.

Desnecessário será uma apresentação exaustiva dos autores, tanto são eles bem conhecidos no circuito arqueológico nacional e internacional: cumpre-me salientar, porém que Denis Vialou e Águeda Vilhena Vialou distinguem-se por pesquisas de campo no Brasil e na França, com prestigiosas publicações sobre Pré-história e, particularmente, são especialistas em material lítico de várias partes do globo.

Numa outra oportunidade (Sarian 1999) expus o meu ponto de vista a respeito das funções essenciais de um Museu Universitário. Este prefácio é o local adequado para insistir nessa questão. Afirmava eu (p. 33-34): “Seria um truísmo dizer que Museus se identificam pelas suas coleções, evidências materiais da cultura e do meio ambiente e, conseqüentemente, que suas atividades devem centralizar-se nelas e orientar-se por elas. Truísmo, porém nem sempre, uma vez que existem Museus cujos projetos mais importantes referem-se marginalmente às suas coleções ou à cultura material como um todo, ou, então, que ignoram totalmente seus acervos. Partirei do princípio de que todas as atividades em questão (a saber, ensino, pesquisa e extensão, função tripartite da Univesidade), por estarem vinculadas a um museu, serão da natureza da cultura material e do meio ambiente, obedecendo aos princípios básicos sobejamente aclamados entre profissionais de Museus e, pela bibliografia (veja-se, por ex., King 1984): *coletar, preservar, pesquisar e divulgar*. Tal programa merece que consideremos todos os problemas pertinentes: um deles é a sua combinação com os objetivos da Universidade. Ora, se os Museus se definem como unidades centralizadas em acervos, os Museus Universitários deverão se articular no sentido de harmonizar o exercício de seus objetivos básicos com o das três funções precípua instituídas pela Universidade, isto é, pesquisa, ensino e extensão serão solidárias às coleções, que apontam para coleta, preservação, pesquisa e divulgação”

Ora, no livro em pauta, os autores não desdenharam de duas destas funções: *pesquisa e divulgação, vale dizer a publicação*, recuperando para essas coleções líticas todo o seu valor *histórico, valor científico e valor museológico*.

É o suficiente para afirmar que Denis Vialou e Águeda Vilhena Vialou podem estar cientes de terem alcançado seus objetivos e atendido plenamente às duas das mais importantes funções de um *Museu Universitário*, vale dizer, seus esforços não terão sido em vão.

Haiganuch Sarian
(Museu de Arqueologia e Etnologia/USP)

Apresentação

As Coleções Líticas do MAE-USP

A publicação de uma obra com este perfil, dedicada ao estudo de parte das mais antigas coleções líticas da Universidade de São Paulo através do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP), é um fato importante na história das pesquisas dessa instituição, relativamente recente no cenário museológico brasileiro. O MAE-USP é uma instituição resultante da fusão de instituições científicas distintas da USP e respectivos acervos, vinculados à Arqueologia e Etnologia, a saber: o componente arqueológico e etnográfico do Museu Paulista, o acervo Plínio Ayrosa do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), o Instituto de Pré-História e o então Museu de Arqueologia e Etnologia, criado, inicialmente, com o nome Museu de Arte e Arqueologia.

Nesta introdução, nos concentraremos em expor parte da história das coleções que serão abordadas neste estudo, as quais se caracterizam por serem coleções de artefatos líticos estrangeiros complementares ao quadro das coleções pré-históricas brasileiras constantes no acervo dessa instituição. O material analisado neste trabalho constitui praticamente um estudo inédito dessas coleções.

Coleção Limur

A primeira coleção apresentada nesta obra é a *Coleção Limur*, certamente a mais antiga do acervo do MAE/USP. Essa *Coleção* foi adquirida pelo Governo do Estado de São Paulo, em 1914, oriunda principalmente de vários países da Europa e foi depositada no Museu Paulista, na gestão do Diretor, Prof. Hermann von Ihering.¹ A *Coleção Limur* é constituída por material paleontológico, mineralógico e arqueológico, contendo, esta última categoria, artefatos variados de pedra, madeira, osso e cerâmica.² A procedência desses artefatos é muito variada, mas, sabe-se que uma grande parte deles foi coletada por Boucher de Perthes, no vale do Somme (França) e por Lubbock, na Inglaterra.³ O conjunto de objetos estudados neste trabalho compreende 442 líticos, que, como o restante da coleção arqueológica, esteve sob a guarda do Museu Paulista até 1989, ano em que ocorreu a fusão entre os vários museus arqueológicos e etnológicos da Universidade de São Paulo, constituindo assim o atual Museu de Arqueologia e Etnologia. Desde a sua guarda no Museu Paulista,

(1) Para informações mais detalhadas ver: Ihering (1917: 3-12). Em 1913, o curador do Museu Paulista, Prof. Rodolpho von Ihering foi à Europa para escolher o material que melhor atendesse aos interesses científicos da Instituição.

(2) Segundo o então Diretor do Museu Paulista: (...) “A parte mais valiosa desta collecção é sem dúvida a archeologica” (...). (Ihering 1917: 8).

(3) Conforme uma anotação do Prof. Hermann von Ihering: “(...) Trata-se deste modo de objectos comprobatorios da existencia do homem junto com o Mamuth, o urso e a hyena das cavernas e outros mamiferos da Europa; é notavel que taes artefactos ainda estejam providos do rótulo original, confeccionados pela mão de Boucher de Perthes.” (Ihering 1917: 12).

passaram-se quase sessenta anos, até que se tivesse uma correta noção da amplitude e qualidade dessa coleção. Antes de 1972, não havia qualquer estudo sobre esse material, foi então que, nesse ano, Águeda Vilhena Vialou publicou o primeiro artigo referente a esse acervo na *Revista do Museu Paulista* (Vilhena de Moraes 1972-73).

Os artefatos líticos dessa *Coleção* são provenientes de várias partes do mundo, tais como das Américas (Estados Unidos e Peru), do norte da África (Egito e Tunísia) e da Europa (França, Inglaterra, Irlanda, Alemanha, Itália, Dinamarca e Bélgica). Vale revelar, no entanto, que cerca de três quartos desse material provêm da França, oriundo de áreas arqueológicas importantes tais como, Saint-Acheul, Le Moustier, Abbeville e La Madeleine.

Coleção Italiana

Outra coleção que integra o material analisado neste estudo fez parte do acervo que compunha o núcleo original do Museu de Arte e Arqueologia da Universidade de São Paulo (MAA-USP), na época de sua fundação, em 1964 e que tinha como Diretor o Prof. Dr. Eurípides Simões de Paula.

A aquisição dessa *Coleção* pelo MAA estava estreitamente vinculada às origens desse museu. Em 1963, uma comissão composta por Francisco Matarazzo Sobrinho e pelos eméritos pesquisadores da USP, Eurípides Simões de Paula e Paulo Duarte, foi encarregada de projetar a instalação de um museu de Arqueologia nessa Instituição. Para tal, essa comissão estabeleceu contatos estreitos com o Governo italiano. Recomendada pelo Ministro de Instrução Pública da República Italiana, Luigi Gui e por Pellegrino Claudio Sestieri, então Diretor do Museu Luigi Pigorini, a comissão anteriormente citada passou a averiguar a possibilidade de cessão de peças arqueológicas disponíveis nas reservas técnicas dos museus italianos e de outras instituições congêneres desse país.

Os esforços conjuntos dessas pessoas resultaram no intercâmbio e na cessão de material arqueológico existente em quinze museus e Superintendências Regionais de Antiguidades da Itália; em troca, receberam material etnográfico brasileiro levantado no Museu Paulista e entre colecionadores particulares. O volume do material movimentado neste intercâmbio atestou a boa vontade do Governo italiano para com a Universidade de São Paulo. Dentre esses museus italianos, destacamos o Museu Luigi Pigorini (Museo della Preistoria e Protostoria del Lazio), de onde são oriundos os 84 artefatos líticos discutidos neste estudo.

Direção Geral de Minas e Serviços Geológicos de Portugal

Uma outra parte da *Coleção* em tela é proveniente de Portugal. Foi adquirida na forma de uma doação feita pela Direção Geral de Minas e Serviços Geológicos do Ministério de Economia de Portugal. Em 1968 foi feita uma oferta ao antigo Museu de Arte e Arqueologia, de material arqueológico, cerâmico e lítico, encontrado *in situ* nos terraços de 25-30 m de Alpiarca, no Ribatejo, sendo que o material lítico abrangia 164 peças tipologicamente variadas.

Museu Nacional de Nicósia (Chipre)

Ainda podemos citar uma doação feita, em 1964, pelo Governo da República de Chipre, por meio do Serviço de Antiguidades do Ministério de Obras e Comunicações, dirigido, na época, por Vassos Karagheorghis e também pelo Museu Nacional de Nicósia (Meneses 1965: 29). Tal doação compunha-se de treze objetos arqueológicos, dentre os quais se incluía um machado de pedra polida, o qual foi incorporado ao acervo do antigo Museu de Arqueologia e Etnologia, junto com os outros artefatos.

Colecionadores Particulares

Embora, até o momento, nos referimos a contribuições institucionais, não poderíamos deixar de destacar uma doação particular. Estamos nos referindo às peças cedidas por Edgardo Pires Ferreira. Colaborador, de longa data junto ao antigo Museu de Arqueologia e Etnologia, em 1973, deixou em comodato nesse Museu uma série de utensílios líticos provenientes do Oriente Médio e do norte da África, constituindo um conjunto de 231 objetos provenientes do Irã, do Egito, de Israel, da Jordânia e da Tunísia.

Tal conjunto de artefatos só pode ser verdadeiramente apreciado quando for situado adequadamente em seu contexto por meio de análises e interpretações fornecidas por investigadores, habilitados para tal. Portanto, nada mais adequado e proveitoso do que passarmos à apresentação dessas coleções pelos especialistas que as estudaram.

Álvaro Allegrette

(Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP)

1. Apresentação geral e valor científico das Coleções

A reunião de peças arqueológicas da *Coleção Limur*, já estudada e publicada (Vilhena de Moraes, A. 1972), com as peças da *Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio* (que também contém peças de arqueologia clássica, entre as quais peças de cerâmica), constitui um conjunto lítico notável composto por 926 peças (442 e 484 respectivamente). Essas *Coleções* integradas por séries distintas e por quantidades numericamente desiguais apresentam, apesar de sua evidente heterogeneidade, três interesses fundamentais e complementares: histórico, científico e museográfico.

1.1 Valor histórico

As diferentes origens das séries líticas reunidas em um período anterior à constituição do MAE/USP, conforme o que foi exposto na apresentação deste trabalho, refletem a pesquisa e a aquisição, realizada por colecionadores, de peças provenientes de sítios que se tornaram famosos a partir da segunda metade do século XIX, primeiro na Europa, em seguida no Oriente Médio e na África. Poucos museus e/ou laboratórios de Arqueologia, no mundo, podem

se vangloriar de possuir, por exemplo, utensílios líticos de Saint-Acheul, Le Moustier, Solutré, La Madeleine, Er Lannic ou Carnac, na França; de Menton ou Polesini, na Itália; de Tabun, Gafzeh ou Erq-El-Ahmar em Israel; de Fayum, no Egito, ou ainda de Ali Kosh, no Irã.¹

Alguns dos instrumentos adquiridos pela USP possuem indiscutivelmente um valor de “tipo” isto para estabelecer um paralelismo com as coleções zoológicas ou botânicas, entre outras. Este é o caso, por exemplo, dos bifaces de Saint-Acheul, de um núcleo Levallois de Le Moustier, ou de foices do Egito.

A importância da maioria dos sítios dos quais são provenientes as peças dessas duas coleções e a presença de numerosas peças portadoras de características tipológicas e tecnológicas notáveis, até mesmo excepcionais, conferem um valor histórico e científico com grande amplitude ao conjunto formado pelas *Coleções Limur, Mediterrâneo e Oriente Médio*. (Ver mapa com a localização dos principais sítios).

(1) No dicionário da Pré-História indicado na bibliografia (D. Vialou - Org. 2004), é possível encontrar verbetes sobre a maioria dos sítios, dos utensílios e das noções (culturas, por exemplo) referentes às duas coleções analisadas.



Mapa dos principais sítios arqueológicos. Eric Robert - Muséum National d'histoire Naturelle - Paris. Confecção final, Denise Dal Pino - MAE - USP.

1.2 Valor científico

Boa parte das peças e dos sítios abrangidos pelas duas coleções está ligada ao desenvolvimento das pesquisas pré-históricas no decorrer do século XIX e da primeira metade do século XX. Disso resulta evidentemente um interesse científico global de primeira ordem. No entanto, o valor das Coleções se mede também em outros dois planos, o das peças-tipo e o dos domínios cronoculturais e geoculturais cobertos pelo conjunto das séries líticas.

Convém sublinhar que o leque tecnológico abarca quase toda a Pré-história, desde o talhe de seixos provenientes do Paleolítico Inferior de Portugal (figs.1-7), até os retoques planos bifaciais das peças calcólicas do Magreb e do Egito (figs. 111-113), ou ainda as peças bifaciais do Paleo-Índio dos Estados Unidos ou das culturas ceramistas do México (figs. 114-117) e do Peru. Da mesma forma, as numerosas peças polidas do Neolítico Europeu testemunham claramente a diversidade e a qualidade dos tratamentos técnicos de várias rochas que apresentam texturas e graus de dureza diferenciados. O leque tipológico está nitidamente vinculado às indústrias e às culturas das quais os utensílios procedem. Os principais tipos de utensílios paleolíticos e neolíticos do Mundo Antigo, perimediterrânico, estão bem representados nas coleções reunidas, em quantidade suficiente para integrar a variabilidade de formas, por exemplo, as séries de machados polidos, de bifaces, de *grattoirs*² (raspadores com retoques lamelares). Outros tipos, tais como os utensílios solutrenses com retoque bifacial, são, ao menos, atestados por algumas peças, o que permite evitar lacunas importantes. Os instrumentais e armaduras do Calcólítico da Europa, África do Norte e Oriente Médio são muito diversificados e oferecem, desta maneira, uma grande riqueza tipológica.

O campo cronocultural coberto pelas duas Coleções é quase tão vasto e universal quanto

aquele definido pela tecnologia. Porém ele está representado de maneira desigual conforme a importância numérica e a diversidade tipológica das séries líticas em questão.

O domínio geocultural é essencialmente centrado na bacia mediterrânica: do lado africano, um bom número de peças provenientes do Magreb; do lado europeu, os países melhor representados são: primeiramente, a França, para a quase totalidade das culturas e conjuntos tecnotipológicos, depois Portugal e a Itália. O leste e o sudeste da Bacia Mediterrânica estão bem representados pelas séries provenientes de Israel e do Egito.

Devido à considerável antiguidade da constituição dessas duas Coleções, muitas vezes, a proveniência exata de numerosas séries líticas é desconhecida. É necessário então se conformar com uma localização regional apenas. Mas, em sua maioria, o material provém de sítios conhecidos e inventariados. A ausência total de referências estratigráficas e paleoetnológicas, inerentes a essas Coleções históricas, é menos lamentável no plano arqueológico quando as séries provêm de sítios epônimos, como Saint-Acheul, Le Moustier ou de ocupações corretamente identificadas em outros sítios, como, por exemplo, de Polesini.

Apesar das carências relativas aos contextos arqueológicos e à seleção do material em detrimento de séries completas e perfeitamente representativas, as Coleções *Limur*, *Mediterrâneo* e *Oriente Médio* claramente oferecem um enorme interesse científico pela representatividade dos seus comportamentos técnicos e industriais próprios dos homens pré-históricos, tais como, o *Homo heidelbergensis*, o *Homo sapiens neandertalensis*, e o *Homo sapiens sapiens*, principalmente na Bacia Mediterrânica.

1.3 Interesse museológico

Por serem compostas por peças-tipo e por bem representar a universalidade dos gestos técnicos e a diversidade tipológica dos instrumentais confeccionados pelos homens pré-históricos durante um milhão de anos, as Coleções *Limur*, *Mediterrâneo* e *Oriente Médio* são bastante

(2)Vocabulo não traduzido do francês: utensilio elaborado em lasca, lâmina ou lamela, com uma sequência de retoques lamelares localizados em uma das extremidades do suporte configurando-lhe uma parte frontal convexa.

adequadas à exibição pública. Elas possibilitam a reunião de peças espetaculares no plano morfológico e/ou no plano tecnológico. Elas podem também ser concebidas em um plano sistemático, por exemplo, no da tecnologia e da morfologia dos bifaces, ou ainda, da funcionalidade cada vez mais diversificada dos instrumentais e das armaduras, como por exemplo, durante o Paleolítico Superior, na Europa, ou do Calcolítico, no Oriente Médio.

1.4 Síntese dos principais dados científicos das Coleções Limur, Mediterrâneo e Oriente Médio

O cruzamento dos dados tecnopológicos das indústrias líticas com os dados cronoculturais de suas proveniências geoculturais e arqueológicas (os sítios), permite por em evidência sua importância científica.

No eixo diacrônico dos conjuntos cronoculturais, duas séries se destacam nitidamente: de uma parte a França, para a Europa ocidental e meridional, tendo como complemento a Itália e Portugal; de outra parte, Israel, tendo como complemento o Egito para o Oriente Médio. Estas duas séries são ainda mais notáveis porque os complexos industriais que as compõem pertencem, de fato, aos grandes fluxos evolutivos: de um lado a filogenia do *Homo ergaster* e do *Homo sapiens*, e de outro lado as correntes tecnopológicas maiores das indústrias líticas que resultaram principalmen-

te do talhe de blocos (Paleolítico Inferior e Paleolítico Médio), das indústrias estruturadas sobre o lascamento de lascas e dos sistemas de retoques de bordos (Paleolítico Médio e Paleolítico Superior), das indústrias estruturadas sobre o lascamento de lâminas, lamelas e lascas (Paleolítico Superior, Epipaleolítico), das indústrias que desenvolveram sistemas de retoques abrangendo unifaciais e bifaciais (do Paleolítico Superior ao Calcolítico) e das indústrias que incluíam o talhe e/ou o polimento de blocos (Neolítico).

No eixo sincrônico das séries cronoculturais, a distribuição de conjuntos líticos do Neolítico-Calcolítico é visivelmente a mais vasta, pois ela abrange praticamente todas as proveniências das coleções da Europa, África do Norte e Oriente Médio. Os conjuntos líticos do Paleolítico Inferior e do Paleolítico Superior têm uma distribuição mediana. As outras séries industriais estão representadas de forma incompleta e desigual nas três grandes áreas geográficas abrangidas pelas coleções. As peças provenientes dos três países americanos (coleção Limur) compreendem dois grandes períodos da Pré-História do continente, de um lado o Paleo-Índio (EUA), de outro lado, o período ceramista (México e Peru). Todavia o seu número muito reduzido limita consideravelmente sua representatividade e sua exemplaridade científicas. Seu interesse é antes de mais nada histórico e museológico (particularmente, as belíssimas peças de obsidiana). (Ver Anexos 1 e 2: inventários das coleções Limur, Mediterrâneo e Oriente Médio).

2. Os grandes conjuntos cronoculturais

Grças ao leque cronocultural extremamente amplo das indústrias líticas reunidas nas *Coleções Limur, Mediterrâneo e Oriente Médio*, é possível efetuar uma apresentação ordenada dos conjuntos líticos de acordo com sua vinculação aos grandes períodos da Pré-História, bem atestados em torno da Bacia Mediterrânea. Procedendo desta maneira, é possível valorizar os dados tecnológicos e tipológicos dos instrumentos e das culturas das quais eles provinham. (Ver quadro cronocultural)

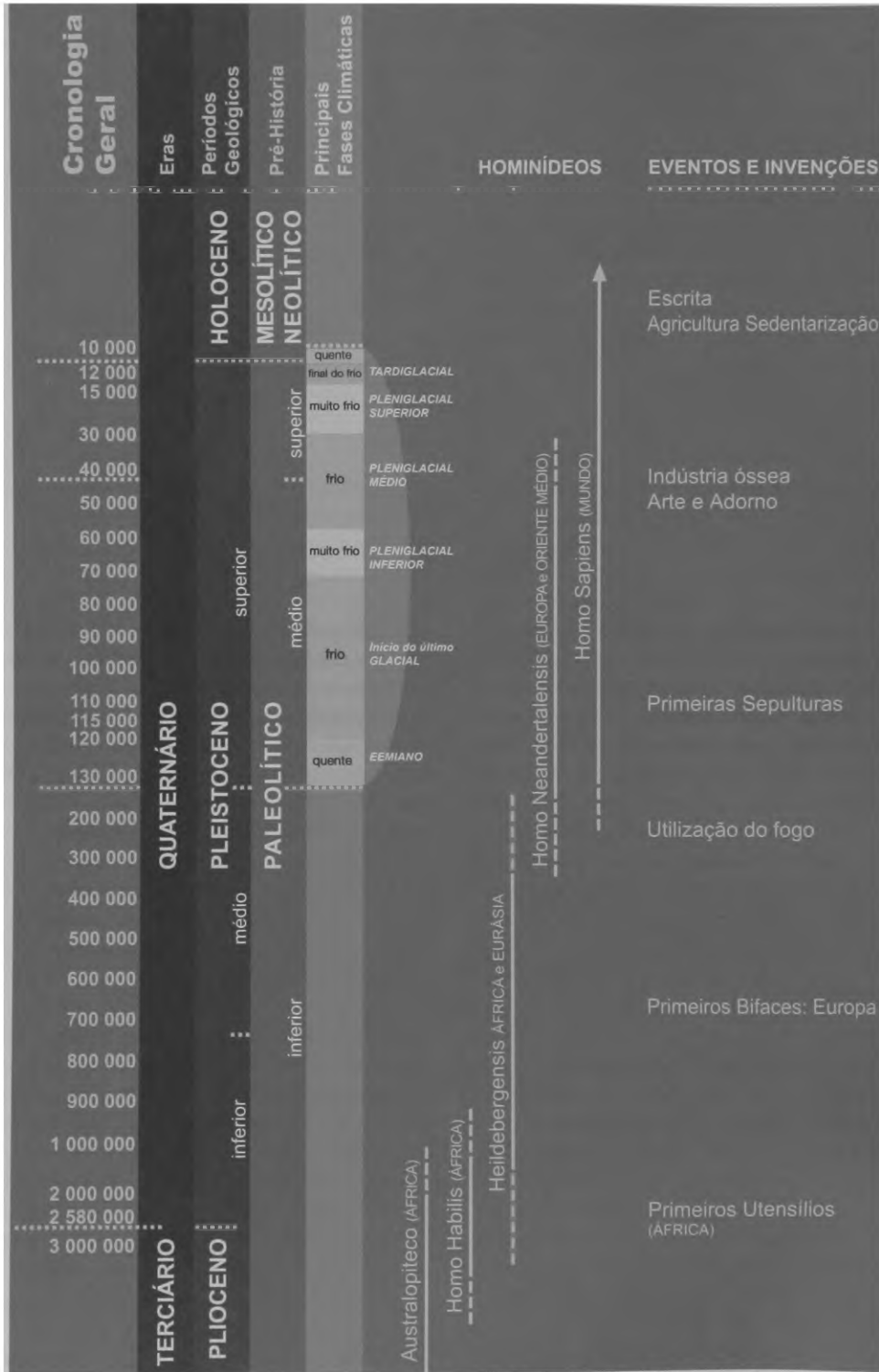
2.1 Paleolítico Inferior

Os mais antigos fósseis conhecidos (atualmente) nas três áreas geográficas que contornam o Mediterrâneo (Europa, África do Norte e Oriente Médio) e que são relacionadas às *Coleções Limur, Mediterrâneo e Oriente Médio*, referem-se ao *Homo ergaster*. O povoamento dessa área, está certamente em estreita relação com a filogenia do *Homo habilis-Homo ergaster* situado no leste do continente africano, que remonta a pelo menos 1,5 milhão de anos para o *Homo erectus*.

As numerosas discussões científicas sobre o papel do Estreito de Gibraltar enquanto local da travessia pelos homens pré-históricos para a Eu-

ropa ainda não estão definitivamente fechadas. De qualquer maneira é sabido que as regressões marinhas ao longo do Quaternário não deixaram o estreito emerso, de tal forma que, apenas uma navegação direcionada por um leme permitiria uma travessia sistemática. Somente para o final do Pleistoceno é que há provas arqueológicas indiscutíveis de uma paleonavegação, concomitante com a ocorrência de uma exploração sistemática da obsidiana, atestada em uma das ilhas Cíclades, utilizada para a fabricação de complexos industriais líticos no continente (sítio de Franchti, Grécia).

As pesquisas anteriores e as em andamento no Magreb indicam que as primeiras populações remontam ao Paleolítico Inferior; a ausência de datações mais seguras impede a construção de uma cronologia mais precisa, mas nada contraria a idéia de que tenha um milhão de anos, ou talvez mais. Restos ósseos do *Homo ergaster* são conhecidos no Marrocos, em Casablanca, e na Argélia, os “Atlantropos” de Tighennif (ou Ternifina). Por outro lado, os complexos de seixos trabalhados estão bem representados no Marrocos, em Sidi Abderrahman (próximo a Casablanca), por exemplo, na Argélia (em Aïn Hanech ou Reggane no Saara argelino) e até na Líbia, em Bir Doufane.



Quadro Cronocultural. Revisado por Jean-Jacques Bahain - Muséum National d'histoire Naturelle - Paris.
Confeção final, Denise Dal Pino - MAE - USP.

As pesquisas atuais na Península Ibérica fazem com que a presença do *Homo ergaster* e/ou de suas indústrias líticas remonte a aproximadamente um milhão de anos, por exemplo em Atapuerca, no vale do Tejo ou em vários sítios portugueses. O mesmo é válido para a França, como o mostram os *habitats* do Paleolítico Inferior do contorno mediterrânico, do Maciço Central. O povoamento da Europa ocidental pelo *Homo ergaster*, bem caracterizado a partir de um milhão de anos, se fez a partir da África oriental e talvez mesmo setentrional, passando pelo Oriente Médio e Europa do Leste, como o testemunham os restos cranianos de Dmanissi, na Geórgia, que são datados de 1,8 milhão de anos, a orla mediterrânica, ao sul do maciço Alpino, Petralona na Grécia por exemplo, e até a Península Ibérica (Atapuerca, Espanha).

Os conjuntos líticos mais antigos conhecidos nas três áreas cobertas pelas *Coleções Limur, Mediterrâneo e Oriente Médio* pertencem a dois grandes conjuntos culturais distintos, o das indústrias de seixos talhados e o das indústrias de bifaces.

Os dois conjuntos testemunham os primeiros gestos técnicos dos homens pré-históricos, do *Homo habilis* para os seixos talhados e do *Homo ergaster* para os seixos talhados e os bifaces. Estes são os gestos de talhe de blocos brutos em matérias-primas líticas duras, como sílex, quartzitos, quartzo etc.

2.1.1 *Pebble culture*

O talhe mais elementar de seixos consiste em descorticar um dos pólos, efetuando a retirada de uma lasca por percussão. O bordo dessa retirada forma um ângulo, mais ou menos cortante, com a superfície original do seixo. O negativo da retirada pode servir de plano de percussão para uma ou várias outras retiradas que determinam assim um gume mais ou menos agudo e sinuoso. Os seixos que possuem uma única direção para retirada(s) são chamados *choppers*. As séries Mediterrâneo, provenientes de Portugal (Alpiarca, Casal do Monte) e de Israel (Ubeid), compreendem vários exemplares (figs. 1-5).¹ Os seixos que

oferecem duas direções opostas de retiradas, cruzadas e/ou alternadas, são denominados *chopping-tools*; as séries de Portugal incluem diversos exemplares característicos (figs. 6-7). Os gumes das *chopping-tools* são muito mais elaborados do que os dos *choppers*; eles são por vezes retilíneos e podem abranger uma porção importante do seixo e não apenas a parte polar. Os conjuntos das indústrias *pré-acheulenses* que contêm a maioria dos seixos trabalhados (ou *pebble-tools*), entre os quais os dos sítios Alpiarca e Casal do Monte, mostram que os dois tipos de artefatos (*choppers* e *chopping-tools*) foram produzidos concorrentemente, simultaneamente. Os *chopping-tools* não são o resultado evolutivo do talhe de *choppers*. Eles atestam a diversidade dos gestos técnicos já adquirida, ainda que seu número seja ainda reduzido durante este longo período de maturação técnica dos utensílios de pedra, cujas origens no Leste africano remontam a mais de 2,5 milhões de anos. É necessário lembrar também que a tecnologia dos seixos trabalhados que caracteriza a maioria e o essencial dos conjuntos culturais pré-acheulenses do Mundo Antigo (África, Europa e Ásia) perdura ao longo de toda a Pré-História, em proporções variáveis e muitas vezes reduzidas, até mesmo quando a tecnologia de lascamento e de retoques é a mais desenvolvida ou aperfeiçoada.

De maneira geral, as *Pebble cultures* exibem uma fraca diversidade tipológica, de tal forma que a comparação entre diferentes complexos líticos faz despontar uma impressão de homogeneidade cultural. Isso parece ilusório. Na verdade, ela traduz convergências de comportamentos e de gestos técnicos aplicados a matérias duras, que correspondem a um desenvolvimento anatômico e funcional do cérebro, ainda em um estado que poderia ser qualificado de *pré-sapiens*.

O lascamento sobre lascas, na origem de uma diversidade tipológica cada vez mais ampla, não se torna sistemático senão posteriormente às *Pebble cultures*, no decorrer do Acheulense. A produção de lascas e a sua utilização são, todavia, bem demonstradas em várias *Pebble-cultures* e nos complexos do Acheulense antigo. De qualquer maneira, as séries líticas do Paleolítico Inferior de Portugal, por exemplo, não contêm apenas numerosas lascas, mas também blocos utilizados como núcleos.

(1) Escala de todas as figuras em centímetros.



Fig. 1. Inv. 68/3.13 - 15.
Chopper. Alpiarca (Ribatejo),
Portugal.

Fig. 2. Inv. 68/3.1 16. *Chopper*. Alpiarca
(Ribatejo), Portugal.



Fig. 3. Inv. 68/3.10 - 12. *Chopper*. Alpiarca (Ribatejo), Portugal.

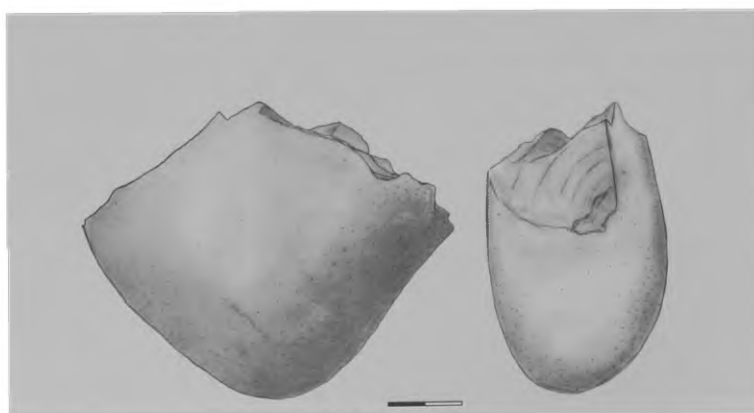


Fig. 4. Inv. 68/3.20 - 23. *Chopper*. Alpiarca (Ribatejo), Portugal.

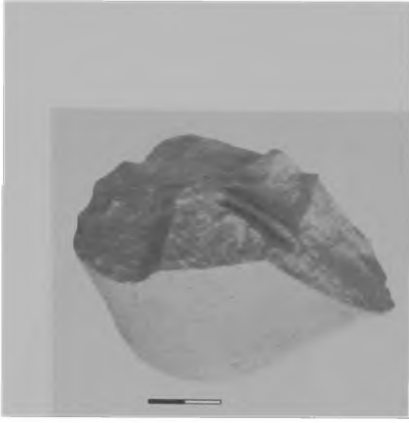


Fig. 5. Inv. 68/3.15 - 18. *Chopper*. Alpiarca (Ribatejo), Portugal.

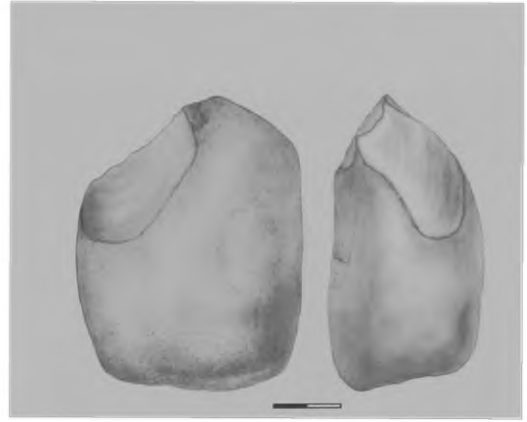


Fig. 6. Inv. 68/3.12 - 14. *Chopping-tool*. Alpiarca (Ribatejo), Portugal.

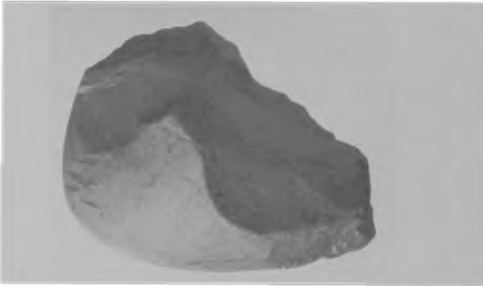


Fig. 7. Inv. 68/3.163 - 1a. *Chopping-tool*. Portugal.

2.1.2 Acheulenses

Os bifaces (figs. 8-12) são, como as machadinhas manuais, não encabadas (fig. 13), os utensílios mais característicos das culturas acheulenses; mas existem culturas acheulenses sem bifaces e/ou sem machadinhas e culturas pós-acheulenses, mousterienses entre outras, que contêm os bifaces em uma proporção considerável. Como no caso dos *pebble-tools*, a distribuição de bifaces cobre todo o Mundo Antigo. Esta extensão geocultural dos bifaces de um lado e a duração de sua produção, isto é, algumas centenas de milhares de anos, por outro lado, provocaram uma grande variabilidade de

formas e evoluções. Os mais antigos bifaces da Europa, denominados “abbevilienses” apresentam nitidamente formas mais grosseiras, gumes menos regulares e mais sinuosos do que os pequenos bifaces finos do Acheulense Superior na mesma área geográfica e do que, *a fortiori*, os bifaces mousterienses. Todos são obtidos pela mesma técnica de talhe por retiradas periféricas, que cobre parcialmente (fig. 9) ou totalmente (fig. 12) as superfícies originais dos blocos brutos. Como no caso dos seixos trabalhados, o talhe é feito com um percutor duro (de pedra). Todavia, a tecnologia do Acheulense Superior e Final (durante o Paleolítico Médio na Europa) atesta a utilização de percutores macios (em madeira ou chifre de cervídeo) no acabamento do gume, equivalente aos retoques de acabamento dos instrumentos em lasca.

Os suportes escolhidos pelos pré-históricos para confeccionar os bifaces são de dois grandes tipos, os seixos e as plaquetas. Os seixos, transformados em bifaces, têm uma base globular, isto é, um dos pólos do seixo original, e, na extremidade oposta, uma ponta, mais ou menos alongada e espessa. Seu perfil assim é triangular, em forma de gota d’água alongada. Os bifaces feitos em plaqueta têm, ao contrário, um perfil delgado e fino. Em geral não resta nada das superfícies originais da plaqueta, com as retiradas tendo desnudado completamente as duas faces da plaqueta e tendo igualmente reduzido todas as convexidades. Estes bifaces



Fig. 8. Inv. 4010 39. Biface. Saint Acheul, Somme, França.

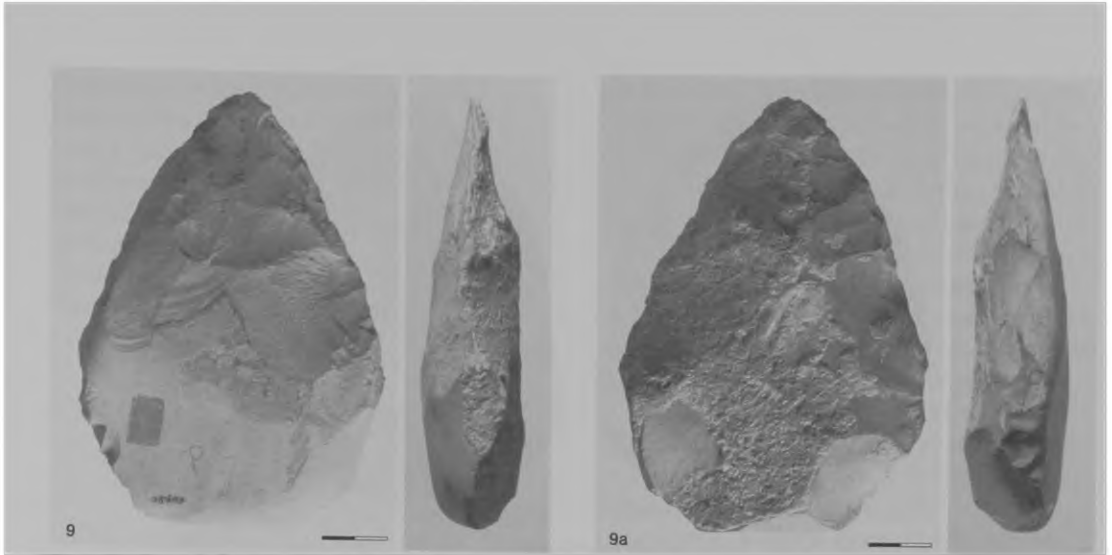


Fig. 9/9a. Inv. 64/1.81. Biface. Bari, Itália.

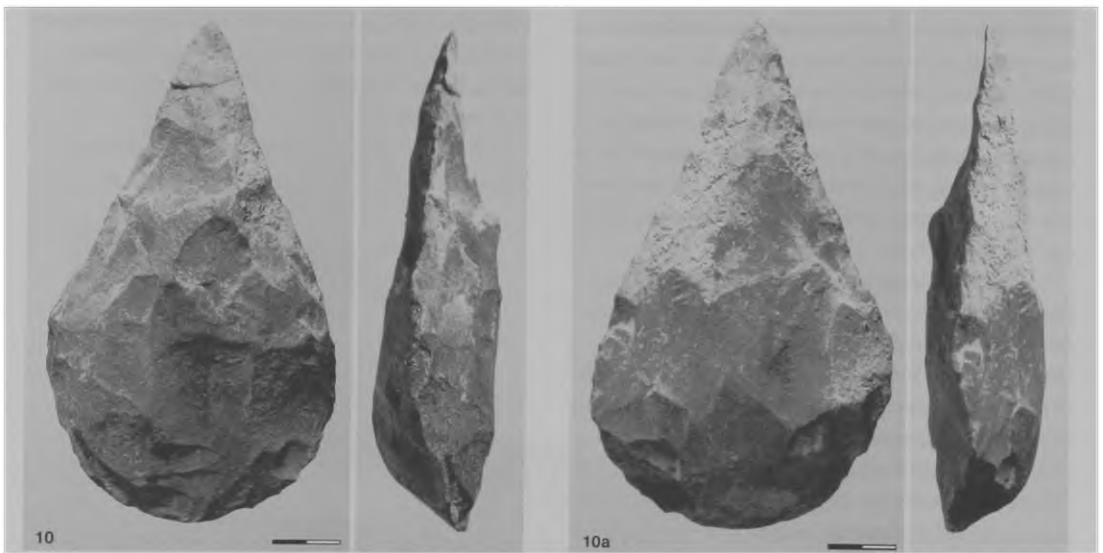


Fig. 10/10a. Inv. 64/1.82 - 3a. Biface acheulense. Calábria, Itália.

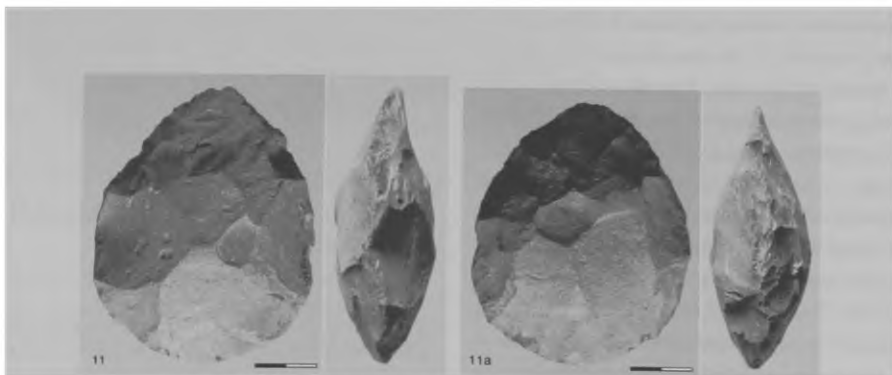


Fig. 11/11a. Inv. D73 104 - 3d. Biface. Tell Aslut, Israel

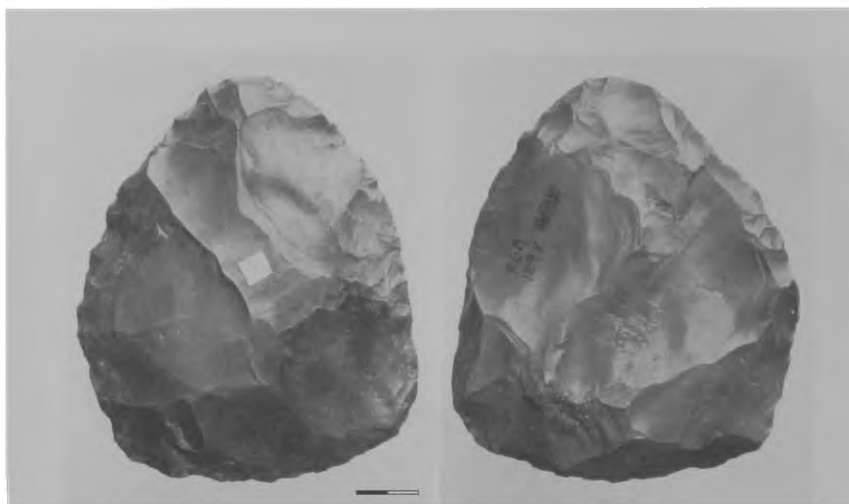


Fig. 12. Inv.1298 43. Biface ogival. Europa.

têm as formas desejadas e criadas pelos artesãos, enquanto que as formas daqueles feitos de seixos respondem necessariamente às restrições morfológicas naturais dos seixos. No caso das plaquetas, a procura e a obtenção de simetrias ortogonais, faciais e de perfil, atingem muitas vezes a perfeição. As formas dos bifaces feitos em seixos também podem ser totalmente simétricas e extremamente elaboradas.

Os sílex foram as rochas prediletas utilizadas para os bifaces, isto na medida em que eles favoreciam a precisão das retiradas e a nitidez dos negativos. De uma certa maneira se poderia dizer que a técnica de trabalho no sílex, efetivamente, começa e se desenvolve com os bifaces desde o Paleolítico Inferior.

As machadinhas (fig. 13) são feitas em grandes lascas (sílex e outras rochas) e se distribuem em diversos tipos, caracterizados com base nos retoques do gume, dos lados, da base e das faces. Globalmente, elas se definem por um gume transversal em relação ao eixo de lascamento; a face inferior corresponde à face de estilhamento e a face superior resulta por sua vez da preparação do lascamento e das retiradas laterais e/ou envolventes.

Os conjuntos acheulenses, com ou sem bifaces e machadinhas, oferecem uma diversidade tipológica sem comparação possível com as *Pebble cultures*. Essa diversidade vem da prática do lascamento para a obtenção de lascas, cada vez mais intensivas ao longo da evolução do Acheulense (figs. 14 e 15). Os principais tipos

de utensílios feitos sobre lascas conhecidos no Paleolítico Médio e Superior estão presentes nos conjuntos acheulenses: reentrâncias e denticulados, bicos, *racloirs*² (raspadores ou raspadeiras com retoques em escama) variados.

A diversidade tecnotipológica dos conjuntos líticos acheulenses permite que se

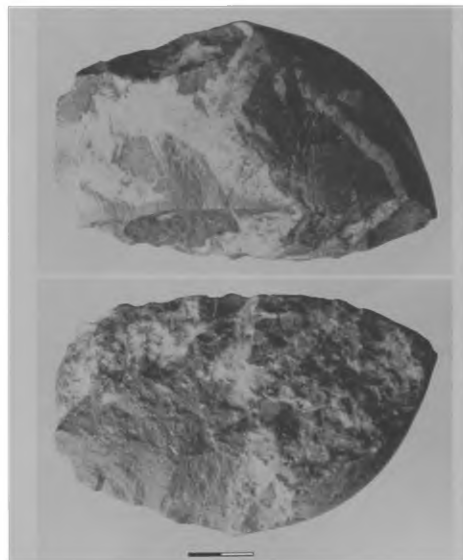


Fig. 13. Inv. 3998 15 43. Machadinha (*hachereau*). Garonne. França.

(2) Vocábulo não traduzido do francês: utensílio feito em lasca, lâmina ou ponta com retoques contínuos em escama dando uma forma ao gume, geralmente lateral, podendo ser convexa, côncava ou retilínea.

distingam uns dos outros, mesmo quando faltam dados cronoestratigráficos, o que muitas vezes é o caso. Assim, o Acheulense do Saara se diferencia globalmente do Acheulense da Europa ocidental e do Acheulense do Levante mediterrânico. No interior de cada uma dessas áreas geoculturais, as diferenças entre os conjuntos acheulenses são manifestas, tanto no



Fig. 14. Inv. 68/3.9 - 11. *Racloir*/lasca de seixo. Alpiarca (Ribatejo), Portugal.

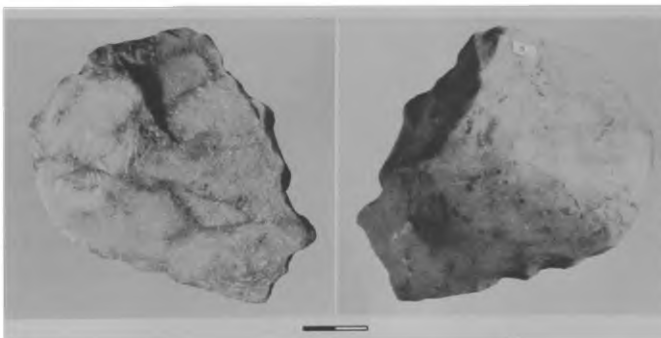


Fig. 15. Inv. 68/3.6 - 8. Denticulado, *racloir*, furador/lasca de seixo. Alpiarca (Ribatejo), Portugal.

plano diacrônico da evolução do Acheulense (*lato sensu*), quanto no plano sincrônico das culturas, efetivamente contemporâneas de acordo com as datações absolutas. Dessa maneira, no interior do Acheulense, concebido como

um complexo de indústrias definidas por suas características técnicas e tipológicas particulares durante um período de várias centenas de milhares de anos, no Mundo Antigo é possível distinguir diversos conjuntos acheulenses, caracterizados por seus próprios conjuntos líticos. A análise comparativa desses subconjuntos acheulenses faz com que se destaque a presença ou ausência de bifaces como um traço discriminante, mas, não exclusivo de outras características tipológicas, ou seja, os utensílios e sua diversidade, e outras características técnicas, tais como os estilos de lascamento. Nesta perspectiva, o lascamento Levallois, que aparece na última parte do Acheulense (*lato sensu*) e que chega ao seu ápice durante o Paleolítico Médio (em todo o Mundo Antigo) testemunha, ao mesmo tempo, a criatividade técnica do *Homo ergaster* e *Homo heidelbergensis* do lado europeu e *erectus* do lado da Ásia, e a diversidade de escolhas de lascamento, inerente aos hábitos culturais, mas, antes de mais nada, estreitamente ligadas às condições de aprovisionamento de matérias-primas.

2.1.3 Método de lascamento Levallois

Levallois-Perret é o nome de uma cidade da periferia a noroeste de Paris. A exploração dos areais no leito do Sena, no século XIX, permitiu a descoberta de novos conjuntos líticos. Estas séries continham lascas cujas formas tinham sido rigorosamente determinadas pela preparação sistemática dos núcleos, antes de seu lascamento. Esta organização do lascamento, denominada “método de lascamento Levallois” repousa sobre o encadeamento ordenado dos gestos técnicos, começando pela escolha do bloco bruto de sílex (uma plaqueta de preferência) e terminando com a obtenção do produto final do lascamento, uma lasca, uma lâmina ou uma ponta Levallois. O princípio do método é em primeiro lugar o de transformar um bloco ou plaqueta sub-ovoidal, com uma dupla convexidade das faces superior e

inferior, em um núcleo para retiradas de lascas, de lâminas ou de pontas. O bloco de sílex oblongo e relativamente pouco espesso é inicialmente talhado na periferia para que tenha as dimensões e a forma desejadas (fig 16). Em seguida, por meio de retiradas periféricas planas centrípetas é preparada a face superior do núcleo, de onde será destacada a lasca já mentalmente concebida.

O lascamento propriamente dito intervém em uma segunda etapa, quando a face preparada possui a convexidade necessária ao bom destaque da lasca e a geometria desejada dos bordos do núcleo, na origem daquela dos bordos da lasca. O bordo proximal do núcleo, na origem do talão da lasca, beneficia as últimas preparações (facetagens). As *Coleções Limur, Mediterrâneo e Oriente Médio* encerram algumas peças Levallois (do Paleolítico Médio), exemplares deste método bastante elaborado inventado pelos Acheulenses, em especial um núcleo, lascas e pontas Levallois (figs. 16, 17, 18).

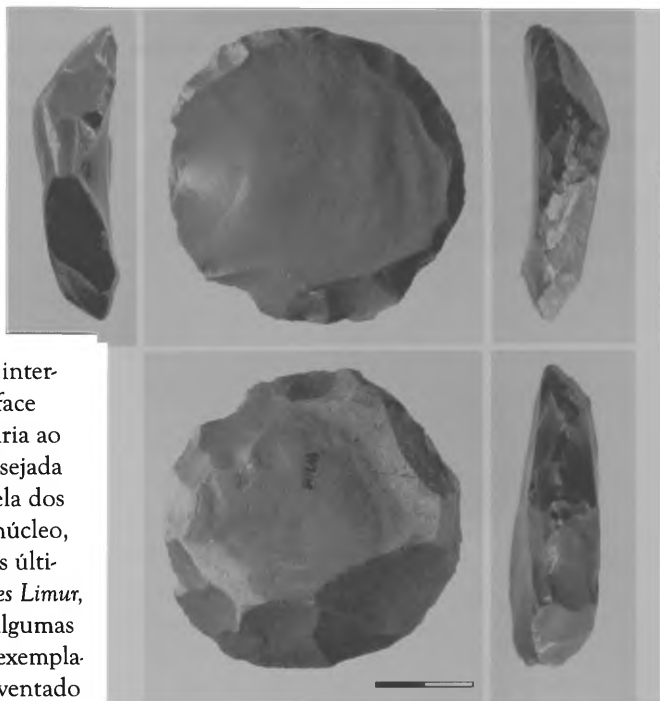


Fig. 16. Inv. 64/1. 47. Núcleo Levallois. Teramo, Vale della Vibrata, Itália.



Fig. 17. Inv. D73 62. Ponta Levallois. Gafzeh, Palestina.



Fig. 18. Inv. D73 71. Lasca Levallois. Tabun-Carmel, Israel.

Para concluir esta breve apresentação do método de lascamento Levallois, faremos duas observações gerais: a primeira é a constatação de que o método se baseia na técnica de talhe de um bloco de matéria-prima, principalmente de sílex, comparável à do talhe dos seixos em *pebble-tools* e ao talhe de bifaces. Entretanto, essa diferença é fundamental para com esses objetos talhados, na medida em que os núcleos Levallois, isto é, os blocos transformados em objetos de formas e dimensões desejadas, não são o objetivo procurado. O objeto procurado é a lasca, a lâmina ou a ponta, cuja forma foi pré-determinada pelo talhe do núcleo. Paradoxalmente, nota-se que o talhe dos bifaces ou o dos seixos produz uma certa quantidade de lascas, ainda que o objetivo não seja (aparentemente) o seu lascamento. Porém, as lascas de talhe, frequentemente finas e curtas, na realidade muitas vezes não possuem as qualidades funcionais (potenciais) das lascas obtidas pelo lascamento intencional feito no núcleo. A segunda observação serve para sublinhar o custo em matéria-prima do método de lascamento Levallois. Para a obtenção de uma lasca, e depois de uma série de lascas a partir de um mesmo núcleo, preparado novamente de acordo com a necessidade, existe um desperdício significativo de matéria na forma de lascas de tamanho inutilizável (ou pouco úteis). Desta técnica resulta a necessidade imperativa de se dispor, em abundância, de sílex de boa qualidade nas proximidades do local de lascamento (oficina ou *habitat*). O lascamento Levallois requer uma economia de abundância para o aprovisionamento de matérias-primas. Isto explica em grande parte o fato de que o lascamento Levallois era inconstante nos conjuntos do fim do Paleolítico Inferior e do Paleolítico Médio, qualquer que fosse a área geocultural em questão no Mundo Antigo.

2.1.4 Fácies culturais

A diversificação tecnológica dos conjuntos líticos no fim do Paleolítico Inferior conduz à identificação de fácies culturais com extensão regional ou micro-regional. Muitas dessas fácies são abrangidas pelas *Coleções Limur, Mediterrâneo e Oriente Médio*.

O *Tayaciense* é uma fácies do sudoeste da França, definida no sítio de La Micoque, município de Eyzies-de-Tayac, de onde vem o seu nome. A ponta de Tayac é o utensílio característico: um instrumento espesso, com a extremidade distal grosseiramente pontuda e com reentrâncias. Vários conjuntos líticos contemporâneos do Acheulense Final e do Paleolítico Médio no sul da França e na Península Ibérica são associados a esta fácies. Algumas das peças da *Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio*, provenientes dos sítios portugueses de Alpiarca e de Casal do Monte, são associadas simultaneamente ao *Tayaciense regional* – mas elas são pouco típicas do *Tayaciense, stricto sensu* – e ao Mousteriense.

O *Levalloisiense*, localizado na França setentrional, ao mesmo tempo que o Acheulense Superior e o Mousteriense (figs. 19 a 26), foi, por muito tempo, considerado uma cultura própria, antes de ser definida como uma fácies. Fala-se então do Acheulense Superior ou do Mousteriense de fácies *Levalloisiense*. Algumas peças da *Coleção Limur*, entre as quais uma ponta mousteriense (fig. 21), remetem a estes conjuntos originais.

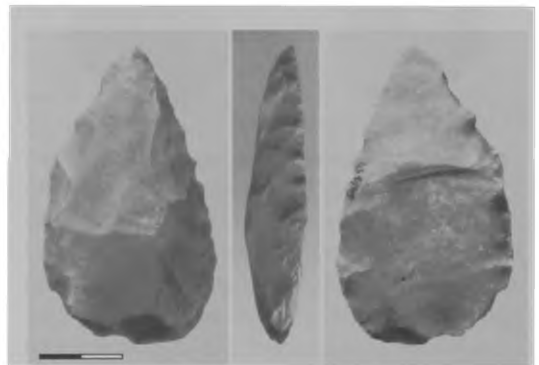


Fig. 19. Inv. 64/1. 54-6b. Ponta mousteriense. Teramo, Vale della Vibrata, Itália.

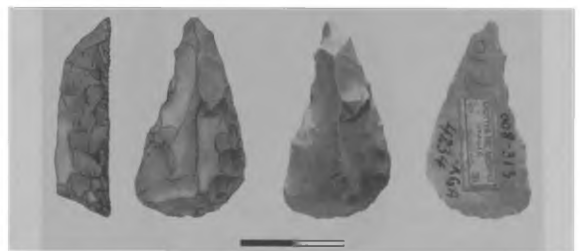


Fig. 20. Inv. 4234 313. Ponta mousteriense. Mentone, Ligúria, Itália.



Fig. 21. Inv. 4230 311. Ponta mousteriense. Chez Pourré, Corrèze, França.



Fig. 22. Inv. 4187 115. Ponta arqueada racloir duplo. Chez Pourré, Corrèze, França.

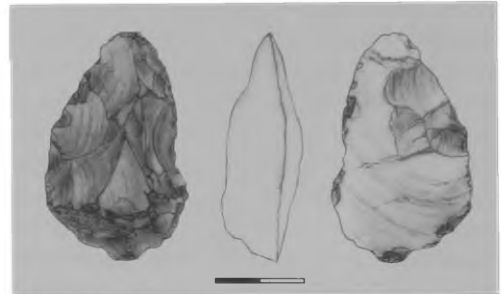


Fig. 23. Inv. 4343 314. Ponta mousteriense - grattoir e racloir duplo. Europa.

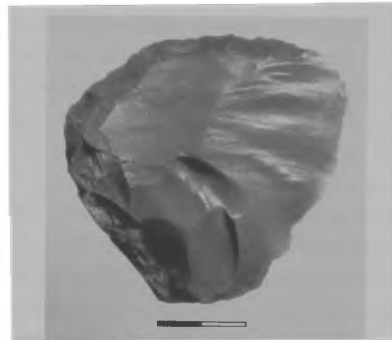


Fig. 24. Inv. 64/1. 52 - 5a. Racloir. Teramo, Vale della Vibrata, Itália.

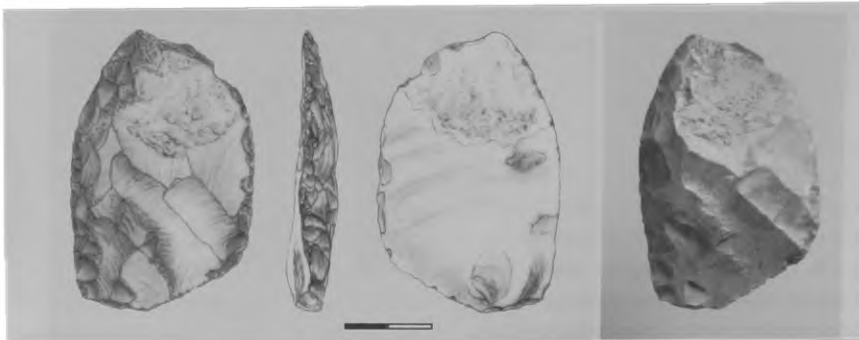


Fig. 25. Inv. 64/1.51 - 5c. Racloir. Teramo, Valle della Vibrata, Itália.

O *Iabrudense* foi definido no sítio sírio de Yabroud. Trata-se de uma fácies do Acheulense Final, no Levante, contemporâneo (cerca de 150.000 anos) ao Paleolítico Médio da Europa. O lascamento de lascas atarracadas, a presença de *racloirs* espessos são as características originais. Muitas peças da *Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio*, provenientes do sítio de Tabun (fig. 26), podem ser associadas ao Iabrudense.



Fig. 26. Inv. D73 74. Reentrância/talão de lasca retocada. Tabun-Carmel. Israel.

A simples apresentação de algumas destas fácies, a do método de lascamento Levallois, por exemplo, deixam perceber as continuidades tecnoculturais existentes entre algumas das culturas do último terço do Acheulense (entre 400.000 e 200.000 anos) e das culturas do Paleolítico Médio, em particular algumas das indústrias mousterienses da Europa Ocidental e do Oriente Médio, bem representadas nas *Coleções Limur e Mediterrâneo e Oriente Médio*.

2.2. Paleolítico Médio

Na Bacia Mediterrânea, o Paleolítico Médio se desenvolve entre 200.000 anos e 40.000 anos, aproximadamente (vide Quadro geológico e períodos cronoculturais da Pré-História), período correspondente à última glaciação do Pleistoceno Médio, a de Riss, em seguida à primeira metade do Pleistoceno Superior com o interglacial Riss-Würm (Eemiano) e os de Würm I e II (Weichseliano). As mudanças climáticas, isto é, essencialmente as alternâncias entre climas frios (seco) e quentes (úmido) perceptíveis nas análises paleoambientais, são, ao mesmo tempo, presentes e mais frequentes que aquelas dos longos períodos precedentes do Paleolítico Inferior. Os contrastes são particularmente marcantes na Europa entre o

Eemiano e o Weichseliano e também durante o último estágio glacial e os interestádios. As condições climáticas e ecológicas influenciaram na economia dos caçadores, na localização e na organização interna de seus *habitats*. A diversidade e a variabilidade dos complexos industriais líticos (ou das culturas), bem como a rapidez de sua evolução ou de sua substituição por outros complexos industriais, resultam evidentemente dessas mudanças relativamente rápidas e numerosas dos meios e dos climas, ou seja, dos recursos alimentares (fauna e vegetação) e das condições de vida em geral (umidade, frio etc.). Ao longo do Paleolítico Médio, a filogenia do gênero *Homo* mostra uma certa diversidade de tipos, sejam *Anteneandertalenses* e/ou *Pré-sapiens*, de *Neandertalenses* e de *Sapiens*. É verdade que o número de esqueletos encontrados, na maioria das vezes fragmentários, aumentaram consideravelmente ao longo deste período, tanto em função do crescimento demográfico das populações na Bacia Mediterrânea quanto em função da melhor conservação, devido à menor antiguidade dos fósseis e a sua localização nos meios calcários. Além disso, a partir de 100.000 a 90.000 anos, a prática de sepultamento foi iniciada pelos *Sapiens* arcaicos do Oriente-Próximo, particularmente em alguns sítios de Monte Carmel (Israel) de onde provêm peças da *Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio*, de Qafseh e Tabun. O número de esqueletos inteiros ou consideravelmente bem conservados, em sepulturas, aumenta progressivamente, favorecendo a análise paleo-antropológica com dados muito mais abundantes e precisos do que referentes aos períodos anteriores. De maneira bastante geral, pode-se dizer que o *Homo sapiens*, em sentido amplo, substitui as diferentes formas anteriores, de acordo com as regiões do mundo, sem que seus elos filogenéticos sejam, na verdade, totalmente conhecidos ou decodificados.

Finalmente, a diversidade e a variabilidade dos conjuntos culturais e, em certa medida, dos tipos humanos no interior do filo *sapiens* e de suas origens se afirmam durante o Paleolítico Médio da Bacia Mediterrânea. A expansão “*buissonnement*” (F. Bordes) das culturas mousterienses é o traço mais manifesto.

2.2.1 As indústrias mousterienses

A diversidade dos conjuntos líticos mousterienses provenientes de centenas de habitats (essencialmente abrigos sob rocha e entradas de grutas), escavados principalmente na França mas também em toda a Europa, no Oriente Próximo e Médio, no Magreb, sua boa contextualização crono-estratigráfica, permitem a classificação de diferentes indústrias do Mousteriense e uma consequente definição de culturas. Em outros termos, a distinção entre o *Mousteriense típico* e o *Mousteriense denticulado*, ou a distinção entre estes e o *Mousteriense da Ásia Central*, não consiste apenas no reconhecimento das diferenças na composição tipológica de suas indústrias líticas, mas no seu reconhecimento como culturas autônomas umas em relação às outras, sejam contemporâneas ou não, distantes ou não. A caracterização imprecisa das origens culturais das *Coleções Limur, Mediterrâneo e Oriente Médio* torna inútil uma apresentação das diferentes indústrias mousterienses na Bacia Mediterrânica. Basta lembrar aqui os principais traços tecnotipológicos da indústria mousteriense, em sentido amplo, bem como os principais dados tecnológicos e tipológicos discriminantes.

A grande diferença em relação às indústrias acheulenses e do Paleolítico Inferior, que justifica a divisão entre este e o Paleolítico Médio, vem do fato que as indústrias mousterienses são majoritariamente elaboradas com lascas. Os modos de lascamento, em particular o Levallois, são discriminantes de algumas indústrias e culturas: por exemplo, o *Mousteriense do tipo Ferrassie* se diferencia do *Mousteriense do tipo Quina* pela prática do lascamento Levallois. Algumas indústrias, classificadas de *Mousteriense de Tradição Acheulense*, contém uma proporção notável de bifaces, na maioria das vezes pequenos, triangulares e cordiformes. A *Coleção Limur* contém vários bifaces mousterienses, dentre os quais alguns provenientes do sítio epônimo, Le Moustier. Mas as indústrias do Mousteriense de tradição acheulense mostram também um lascamento sistemático de lascas, com utensílios confeccionados sobre lascas.

Os instrumentos feitos a partir de lascas mousterienses são compostos de tipos fundamentais, praticamente sempre presentes (mas em proporções variáveis) e de tipos específicos que definem sua originalidade. Os *racloirs* são abundantes e de técnicas variadas (figs. 22, 24, 25). Alguns são feitos com lascas espessas, com retoques em escama escalariforme, muitas vezes num bordo transversal ou oblíquo em relação ao eixo de lascamento; eles são denominados *racloirs Quina*, derivado do nome de um sítio francês, e caracterizam uma das culturas mousterienses, bem representadas na França. As peças com reentrâncias e denticuladas (já bem atestadas em numerosos complexos do Paleolítico Inferior) são comuns (fig. 26) e assim, por vezes, características de alguns conjuntos mousterienses. As pontas designadas mousterienses são obtidas a partir de lascas relativamente finas e alongadas (em relação aos *racloirs*) por retoques, igualmente em escamas ou semi-abruptos, com dois bordos (retilíneos ou ligeiramente convexos) convergindo regularmente em direção ao topo distal. Os objetos atribuídos ao “Paleolítico Superior”, como os *grattoirs*, as facas com dorso, os buris, estão igualmente presentes nas indústrias mousterienses (fig. 23) e indicam a variedade tipológica; as *Coleções Limur, Mediterrâneo e Oriente Médio* contém uma bela panóplia desses artefatos.

2.3 Séries do Paleolítico Inferior e do Paleolítico Médio da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio

O Paleolítico Inferior está representado por séries provenientes de Portugal (143 peças), da Itália (três peças), de Israel (quatro peças, das quais duas de origem incerta). O Paleolítico Médio conta com 19 peças provenientes de Israel, uma da Itália e 11 peças de origem indeterminada.

2.3.1 Portugal

O sítio de Alpiarca (Ribatejo) está localizado em um terraço fluvial de 25-30 m.

Para o sítio Casal do Monte (não localizado), as referências culturais das peças, nem sempre discriminadas, são: “Acheulense, Acheulense Antigo, Acheulense Médio, Acheulense Superior, Tayaciense, Mousteriense” No que concerne às peças associadas ao “Mousteriense-Paleolítico Superior”, o exame tipológico mostra que os fragmentos de seixos talhados de Casal do Monte (68/3. 98, 103) podem ser associados provavelmente ao Mousteriense e que uma lâmina com crista em sílex com retoques inversos e talão facetado (136), uma porção de lascas brutas (125, 133, 134-144, 140, 142, 143) e de lascas retocadas (120, 127-132, 134-139, 135, 137, 138, 141) podem provavelmente ser associadas ao Paleolítico Superior mais do que ao Paleolítico Médio. Em contrapartida, não é possível atribuir a proveniência de seis núcleos de Casal do Monte (68/3. 119, 121-124, 126). A ignorância total da verdadeira origem estratigráfica das peças provenientes desses dois sítios do Paleolítico Inferior e Médio impede sua classificação precisa em um quadro cronocultural. Em compensação é possível ordenar a apresentação das peças no plano tecnológico e tipológico:

Pebble culture: 76 peças, subdivididas em 55 seixos talhados e 21 lascas.

Choppers Alpiarca e Casal do Monte:

68/3.13 e 68/3.1 Alpiarca, uma retirada polar inclinada sobre uma face (figs. 1 e 2).

68/3-10 Alpiarca, várias retiradas avançando sobre uma das faces (fig. 3).

68/3-15 e 20 Alpiarca, várias retiradas que descorticam o seixo (figs. 4 e 5).

Estas peças mostram o talhe de um gume a partir de um pólo de um seixo e orientado sobre uma única face. Assinala-se que o gume é exclusivamente polar ou polar e (bi)lateral. No caso da quarta peça, o gume é perpendicular ao eixo maior do seixo e abrange toda a sua largura.

Os outros *choppers* de Alpiarca são as peças 68/3 -16, 145 e são provavelmente do mesmo sítio, um seixo em quartzito (21).

. *Chopping-tool* Alpiarca e Casal do Monte:

68/3-12 Alpiarca, uma retirada polar por face do seixo (fig. 6)

68/3-163 provavelmente de Alpiarca, duas retiradas polares-laterais por face do seixo (fig. 7).

O talhe dos gumes nas duas faces de um seixo tende a se estender até as faces e a quase totalidade do seixo, com exceção da parte globular do pólo oposto ao do talhe.

As outras, *chopping-tool* de Alpiarca, são as peças 68/3-18, 19, 22, 23, 145 e de Casal do Monte, duas em seixos de quartzo, não numerados.

De Casal do Monte provêm também seixos e fragmentos de seixos mais ou menos talhados ou percutidos, muitas vezes em sílex e frequentemente erodidos 41-46, 48-53, 56, 61, 64, 73, 77, 79, 80, 87, 89, 91, 92 e um *chopper* sem número. De Alpiarca provêm um fragmento de *chopper* (68/3 17) e, provavelmente do mesmo sítio, um seixo de sílex fragmentado semi-cortical (68/3 149-144) bem como duas lascas com algumas retiradas (161 e 164).

Seixos-núcleos de Casal do Monte:

Dois seixos rolados (68/3-47 e 59), com “talhe” multidirecional feito por grandes retiradas, podem eventualmente ser considerados núcleos. De qualquer maneira, a técnica de talhe não é a dos *choppers* e *chopping-tools* típicos. Entretanto, quatro núcleos em sílex (60, 62, 63 e 66) são característicos.

Lascas de seixos brutos e lascas retocadas:

Um seixo pode ser dividido por lascamento no sentido longitudinal ou transversal de acordo com sua morfologia. A face de lascamento com superfície convexa determina a lasca (ou a lasca inicial quando a localização é polar, como Alpiarca 68/3 3) enquanto o negativo côncavo da retirada relaciona-se com o seixo. As grandes lascas longitudinais obtidas por lascamento e as

lascas de seixo resultantes de uma fratura antiga (ou seja, erodida) servem muito bem para o retoque em utensílios. Bons exemplos são dados por quatro lascas em quartzito de Alpiarca: (68/3 8 e 9) transformadas em *racloirs* (fig.14), a peça 68/3 6-8 foi transformada em denticulado-*racloir*-furador (fig. 15) e uma última com um bico (68/3 30). Assinalam-se ainda lascas de seixos, retocadas ou não, provenientes desses mesmos dois sítios portugueses: peças em quartzito e quartzito talhadas de Alpiarca (6, 7, 24, 26, 27, 162), provavelmente do mesmo sítio (161 e 164), enfim uma lasca de quartzito com algumas retiradas em cada face (31). A isso se acrescenta uma lasca de rocha silicosa marrom (38), igualmente retocada nas duas faces, lascas em sílex retocadas (54, 75, 76, 81, 83, 84, 85, 88, 90, e uma sem número) e brutas de Casal do Monte (71, 74), uma lasca em quartzito (40) do mesmo sítio e uma lâmina semi-cortical com micro-retoques de utilização (86).

Utensílios em lasca de Alpiarca e Casal do Monte: algumas peças de Casal do Monte entre as quais uma denticulada (55), uma lasca com três reentrâncias (67), dois *racloirs*-reentrâncias (57 e 69) e um *racloir*-bico (65), três lascas em sílex retocadas e com reentrância (70, 82 e sem nº), uma lâmina com a metade cortical com microrretoques de utilização (86).

Para Alpiarca, se registram fragmentos e/ou lascas em quartzito, quartzito ou sílex de Alpiarca (11, 25, 32-36) e de Casal do Monte (39, 58, 71, 74 e 78).

Convém mencionar aqui as peças de Casal do Monte associadas globalmente ao Tayaciense-Mousteriense: seixos talhados (68/3 94, 98, 101, 102 e um *chopper* de um seixo de quartzito não numerado), fragmentos de seixos talhados (95, 98, 100, 103, 107, 108), núcleos (96, 97, 99), lascas retocadas (104, 109, 111-118), três fragmentos retocados (105, 106, 110), dois fragmentos de plaquetas com retiradas bifaciais (105, 106), um biface em quartzito com uma face 3/4 cortical (68/3.5) do Paleolítico Inferior ou Médio de Alpiarca e duas lascas brutas de quartzito também de Alpiarca (28 e 29).

2.3.2 Itália

Dois lâminas (64/1 63 e 64) quebradas distais, com talões puntiformes e com bordos com micro-marcas de uso, são originárias do sítio Paleolítico Inferior-Acheulense de Zanganello di Verona. Sua proveniência cultural não é bem conhecida.

De um sítio acheulense, localizado na região de Bari, provém um biface (64/1 81; fig. 9); um outro biface (82) de origem desconhecida da Calábria é provavelmente acheulense (fig.10); de Monte Gargano, sítio acheulense, provém um biface (64/1 62) com base reservada, semi-cortical. De um sítio de Valle della Vibrata (Toscane) provém um fragmento de núcleo mousteriense com lascas (64/1 49) e um notável núcleo Levallois mousteriense (64/1 47, fig.16), um outro núcleo mousteriense (64/1 48). Os dois núcleos Levallois com lascas são bastante característicos desta técnica de lascamento. Na realidade, um e outro mostram como a forma dada ao núcleo pelas retiradas preparatórias da face inferior e dos bordos produz a lasca almejada, da qual o núcleo guarda o negativo da retirada.

Do sítio de Valle della Vibrata provém outras peças mousterienses notáveis: uma lasca Levallois (64/1 49) e duas outras pseudo-Levallois (64/1 44 e 45), uma lasca Levallois retocada (64/1 53), uma ponta Levallois com talão facetado (64/1 46), uma ponta mousteriense com talão retirado (64/1 54, fig. 19), três *racloirs* (64/1 52, fig. 24), (64/1 51) (fig.25) e 61/1 50 5f (origem incerta). É possível que algumas outras peças, fragmentos de núcleos, lascas, tenham a mesma origem geocultural, mas faltam as referências.

2.3.3 Oriente Próximo

O *chopper* (D 73/105) proveniente de Ubeidyeh (Israel) foi feito a partir de um seixo de sílex calcedônico.

Do Paleolítico Inferior de Tell Aslut provém um biface espesso e atarracado, 73/d.104 (fig.11) e do Paleolítico Médio do "Sinai" os bifaces com porções corticais (76, 89) e duas

lascas com microrretoques de utilização (90 e 91). Nota-se também do Paleolítico Médio da “Palestina” uma ponta mousteriense (107), um *racloir* duplo de lasca retocada (108) e um tipo de lesma (106), uma ponta Levallois (62, fig.17), talvez da mesma origem. Um biface “acheulense Superior” com base cortical (92) é originário do sítio de Maayan Baruch (Alta Galiléia).

Atribuídas ao Paleolítico Médio de Tabun (Israel), a *Coleção* possui uma série de peças que demonstra um grau nítido de evolução técnica: um *grattoir* nucleiforme de lasca parcialmente cortical (73/d.75), um buril múltiplo sobre quebra de uma lasca lustrada com talão facetado (88), uma lasca retocada em *racloir* e com entalhe no talão (74, fig.26), uma lasca Levallois (71, fig.18), oito lascas (63-70) e duas quedas de buril (72 e 73).

2.4 Séries do Paleolítico Inferior e do Paleolítico Médio da Coleção Limur

Uma parte das peças pertencentes a estas séries já foi publicada por A. Vilhena de Moraes (1972/1973) e ilustrada: três bifaces acheulenses típicos (3979 e 4009), dentre os quais dois provenientes do sítio epônimo, Saint-Acheul (*op. cit.*, fotos 2 e 4). O terceiro biface, cordiforme (4006, foto 3), provém de um dos areais do leito do Sena, em Clichy-Levallois (a noroeste de Paris) que é o sítio de referência do Acheulense com lascamento Levallois (*supra*). Ele é comparável ao ilustrado aqui (1298, fig. 12 abc) pertencente à *Coleção Limur* mas sem proveniência conhecida (“Europa”). O núcleo-biface 4016 (*op. cit.*, foto 1) proveniente de Belmonte, sítio de Poitou (centro-oeste da França) é provavelmente mousteriense.

A série de bifaces acheulenses da coleção Limur é notável: pelo menos 33 peças, dentre as quais aquelas dos grandes sítios de referência que serviram para definir o Acheulense a partir das primeiras descobertas e escavações no século XIX. Trata-se dos bifaces 3979, 4009, 4010 (fig.8) de Saint-Acheul (Somme), de um biface (4013) de Abbeville (Somme), de diversos bifaces provenientes da Inglaterra (4069, 4261,

4265, 4267, 4272), de outros sítios, Grenelle 4003 e Neuilly 4004, provenientes de areais do Sena não distantes do sítio de Clichy-Levallois, uma série da bacia do Loire, Chantevour 3983 e Tilly 3984, 4315 em Allier, Girolles 4214 e 4218 no Loiret, Thenay 4001 e um outro sítio (não mencionado) do Loire-e-Cher 4066, um sítio (Preuilly) de Indre-e-Loire 3999, um sítio em Poitou 4016, e por fim bifaces de proveniência pouco conhecida da França, 3987, 3997, 4211, 4263 e da Europa, 1299, 4018.

Entre as peças acheulenses prováveis (pelo desconhecimento de suas posições estratigráficas), se distingue uma machadinha feita sobre lasca (3998, fig. 13) proveniente (provavelmente de um dos terraços) de Garonne (França), uma lasca com bordo de núcleo (3980) de Saint-Acheul, uma grande lasca com bordo microrretocado e uma lasca laminar de Abbeville (4014 e 4015), duas lascas retocadas com reentrância(s) de Clichy (4005 e 4006'), uma lasca e duas lâminas retocadas de Levallois (4007, 4008 e 4164), uma ponta (4100) proveniente do Sena e por fim um biface com base não modificada (3948, sem proveniência) e uma ponta Levallois (4147), uma lasca levallois retocada (4077), duas lascas retocadas (4059, 4062) e uma lâmina com reentrância (4146) de Girolles (Loiret), uma lâmina do Pech de l'Azé (4162).

As séries atribuídas e atribuíveis ao Mousteriense e ao Paleolítico Médio, em geral, são mais abundantes, compreendendo cerca de quarenta peças, e apresentam também peças de referência. A. Vilhena de Moraes (*ibid*) havia inventariado as peças maiores, em especial aquelas provenientes de Le Moustier: duas pontas mousterienses 4022 e 4024 e uma ponta arqueada (*déjettée*) (4019), um *racloir* convexo 4025, um *grattoir* atípico 4031, uma lasca com reentrância 4032, um *racloir* sobre lasca retocada 4023, as lascas retocadas 4020, 4021, 4027, 4030, uma lâmina com dorso cortical 4026 e uma lasca cortical 4033.

A esta série de referência, convém acrescentar um *racloir* sobre lâmina com dorso cortical (4028) e um *racloir* típico sobre grande lasca parcialmente cortical (4029), duas pontas mousterienses (4234, fig. 20, e 4186) e duas lascas retocadas (4222 e 4231, mas que poderiam igualmente provir do Paleolítico Superior) da gruta

de Menton (Itália) uma ponta mousteriense (4230, fig. 21) e uma ponta arqueada, 4187, fig. 22 do sítio francês de Chez Pourré (Corrèze), uma ponta de proveniência indefinida (Europa (4343 fig. 23), enfim uma lasca parcialmente biface (4002) proveniente de Sarthe (França) e núcleos globulares provenientes da França (sem especificação, 4213, 4232, 4281). Uma ponta mousteriense (4229), originária de um sítio francês (Tilly) não localizado, pode ser verossimilmente mantida neste lote.

Como vários sítios franceses são desconhecidos no plano de suas identidades culturais e/ou cronológicas, é impossível propôr uma atribuição cronocultural para as peças dali provenientes. Essas peças poderiam muito bem ser relativas tanto ao Paleolítico Médio quanto ao Paleolítico Superior ou até mesmo ao Neolítico.

São elas:

bifaces: 3981, 3982, 3985, 3986, 4283 e duas peças unifaces, 3988, 4316, de morfologia comparável aos bifaces.

blocos percutados: 4220, 4243, 4279, 4280, 4318.

percutor: 4317 et 4245 (Dordogne)

seixo percutado: 4284

núcleo: 4320.

bordo de núcleo: 4308

pontas: 4017, 4228, 4441.

racloirs: 4028, 4076, 4085, 4094, 4209.

racloirs em lasca retocada: 3989, 4081

lasca retocada com reentrância: 4274

lascas com reentrância (s): 4086, 4203

lâmina denticulada: 4202

grattoir em lâmina retocada: 4142 e um *grattoir* em lâmina retocada com entalhe 4163.

grattoir subcircular em lasca: 4087

grattoir em lasca retocada: 4079

grattoir em lasca com reentrância (molde proveniente da Bélgica): 4408

grattoirs em lasca: 4061, 4075, 4105

grattoirs: 4088, 4104, 4163, 4203, 4256, 4345, 4354

buris: 4161, 4204

ponta foliácea 3877 e biponta foliácea: 3915

furador em lasca: 3974

ponta bifacial: 4133 e peça com retoque bifacial 4285

lascas retocadas: 3996, 4052, 4054, 4056, 4060, 4083, 4089, 4090, 4091, 4093, 4102, 4106, 4120, 4216, 4221, 4266, 4273

lasca retocada e truncada: 3995

lasca laminar bitruncada: 4051

lascas com bordo usado 3990-3992, 4074, 4145, 4181

lâmina retocada: 3973, 4329

lâmina microrretocada: 4349

lâmina truncada: 4036

lâmina micro-usada: 4223, 4388

lâminas: 3994, 4103, 4137, 4141, 4143, 4150, 4152, 4156, 4160, 4171, 4172, 4179, 4188, 4224, 4226, 4251, 4303, 4339, 4341, 4342, 4348, 4355, 4358, 4360, 4381, 4382, 4384, 4387

lamelas: 3956, 3965, 4178, 4235-4239, 4271, 4359.

lascas ou pontas: 4186

lascas: 4050, 4053, 4078, 4389.

2.5 Paleolítico Superior

Os limites cronológicos do último período paleolítico foram definidos, em meados do século XX, com base em proposições convencionais relativas aos dados paleoclimáticos, antropológicos e culturais (indústrias líticas e ósseas, técnicas de lascamento e arte). Concebido desta forma, o Paleolítico Superior iniciou-se por volta de 40.000 anos atrás no decorrer do último Pleniglacial ou, segundo a antiga classificação, a fase interstadial Wurm II-III, o Wurm III, o interstádio III-IV e depois o Wurm IV. O conjunto das culturas foi atribuído somente ao *Homo sapiens sapiens* que, assim, sucedia ao *Homo neandertalensis*, o Homem do Mousteriense. As descobertas arqueológicas e paleontológicas feitas nos últimos trinta anos, as caracterizações paleoclimáticas e paleoambientais cada vez mais elaboradas e as numerosas datações ¹⁴C que abarcam o essencial deste período fizeram caducar esta definição inicial, por demasiado rígida, mantendo, no entanto, algumas proposições e levantando questões ainda controversas que concernem, de uma parte aos períodos de “transição”, de outra parte à filogenia entre os Neandertalenses e os Sapiens.

O limite inferior do Paleolítico Superior continua situado no interestádio II/III ou, de forma mais atualizada, no estado isotópico 3, isto é, durante uma fase climática relativamente temperada, entre 40.000 e 35.000 anos AP. A este período correspondem o Chatelperroniense (cf. *infra*) da Europa ocidental e o início do Aurinhacense (*lato sensu*, cf. *infra*) por toda a Europa. O limite cronológico superior permanece vinculado à última pulsão glacial, dita Dryas III ou Dryas recente, datada por ¹⁴C entre 10.800 e 10.200 AP.

Entretanto, cada um desses limites cronológicos tem processos culturais particulares sobrepostos, que demonstram continuidades mais do que rupturas com o período precedente e o seguinte.

Contrariamente ao que havia sido definido, nitidamente a partir do lascamento laminar, o Chatelperroniense, conhecido na França meridional e atlântica e na Espanha setentrional, não era uma cultura criada pelo *Sapiens sapiens* mas pelo *Neandertalensis*. As escavações de Saint Cézaire (Charente marítima, a oeste da França) têm mostrado o elo entre restos ósseos de Neandertalenses e as indústrias líticas do Chatelperroniense em um contexto estratigráfico indiscutível, um vínculo confirmado depois por outras descobertas. De maneira geral, o Chatelperroniense exhibe conjuntos líticos que reúnem em proporções muitas vezes iguais os traços tipologicamente mousterienses, como por exemplo os *racloirs* e denticulados de lascas, e uma indústria objetivamente nova feita em lascas alongadas ou em lâmina, em particular as facas de Châtelperron. Estes utensílios são obtidos pela confecção de um bordo abrupto (o bordo oposto permanecendo em bisel) por meio de retoques contínuos e regulares.

A dupla atribuição a traços técnicos mousterienses e a outros considerados como característicos do Paleolítico Superior, em particular o lascamento laminar e os retoques marginais, faz com que se considere o Chatelperroniense como uma cultura de *transição* entre o Paleolítico Médio e o Paleolítico Superior na Europa atlântica. Considerações análogas são feitas com relação às indústrias líticas da Europa, tais como a Uluziense, na Itália, o Szeletense e o Bohuniciense, na Europa central. Todavia, suas relações com os tipos humanos estão longe de serem conhecidas com precisão, diferentemente daquelas relacionadas aos autores do Chatelperroniense e do Aurinhacense. Em todos esses casos, as indústrias líticas são marcadas por inovações técnicas: além do lascamento de lascas (figs. 27 e 28) encontra-se o lascamento laminar e lamelar. O lascamento lamelar (figs. 29-30) é de uma extrema precisão em alguns conjuntos, particularmente no Magdalenense; os núcleos, cuidadosamente preparados permitem a produção em série de todas as pequenas e/ou estreitas lamelas, podendo ter menos de 1 cm de comprimento e 2 a 3 mm de largura. O lascamento laminar é muitas vezes bem elaborado: a preparação dos núcleos,

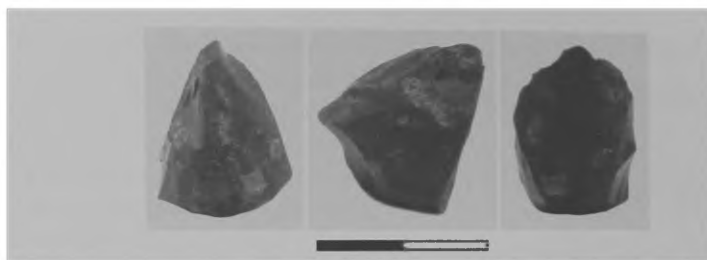


Fig. 27. Inv. D64 42. Núcleo a lasca. Polesini, Itália.

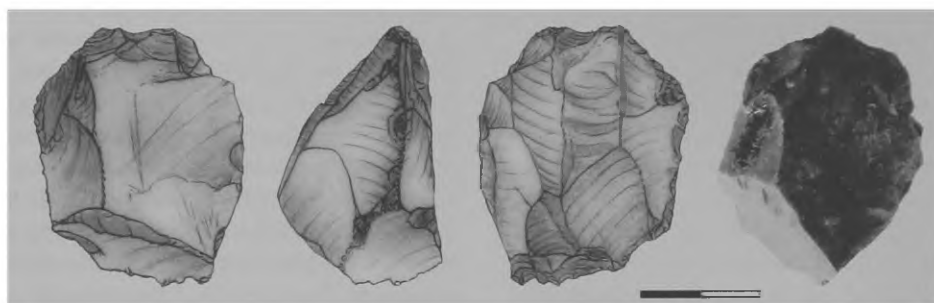


Fig. 28. Inv. 4257 116. Núcleo piramidal de lasca. Mentone, Ligúria, Itália.

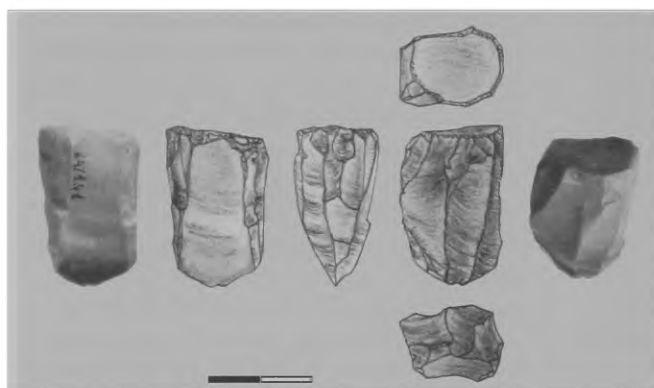


Fig. 29. Inv. D64 41. Núcleo a lamelas. Romanelli, Itália.

utilizando as melhores matérias-primas, é feita de modo a obter lâminas tendo as dimensões desejadas (fig. 31).

Os modos de retoque levando a novos tipos de utensílios, que denotam mudanças ao mesmo tempo conceituais (no nível das tecnologias) e econômicas, como os modos de caça e de pesca por exemplo (figs. 31 a 48).

A noção de transição traduz, na verdade, uma evolução técnica marcada por importantes inovações, no início pouco representadas, e depois, cada vez mais difundidas, principalmente vinculadas aos homens e às sociedades do Paleolítico Médio, mais do que aos do Paleolíti-

co Superior, os Aurinhacenses e seus sucessores. Se um limite mais preciso ainda deveria ser definido e se ele traduziria rupturas entre as sociedades e suas atividades, das indústrias ósseas, umas e outras atribuídas aos Aurinhacenses, desde o início de sua expansão pela Europa. Assim concebido, este limite separaria de fato as duas linhagens, Neandertalense e Sapiens. Mas, ao contrário do que fora definido anteriormente, a

presença de Neandertalenses na Europa continuou por vários milênios após a imigração dos Sapiens modernos (Aurinhacenses). Os vestígios ósseos dos Neandertalenses mais recentes, atualmente datados por volta de 25.000 anos, foram descobertos há pouco tempo na Espanha e em Portugal, isto é, na península mais ocidental da Europa.

O limite final, paleoclimático e cronológico, do Paleolítico Superior não apresenta mais nenhuma imprecisão: ele parece bem fundamentado. Na realidade, os únicos problemas dizem respeito à continuidade entre as indústrias, o que induziu os pré-historiadores a criar



Fig. 30. Inv. 4252 12. Núcleo de lâminas e lamelas. Robri-Hills, Inglaterra.

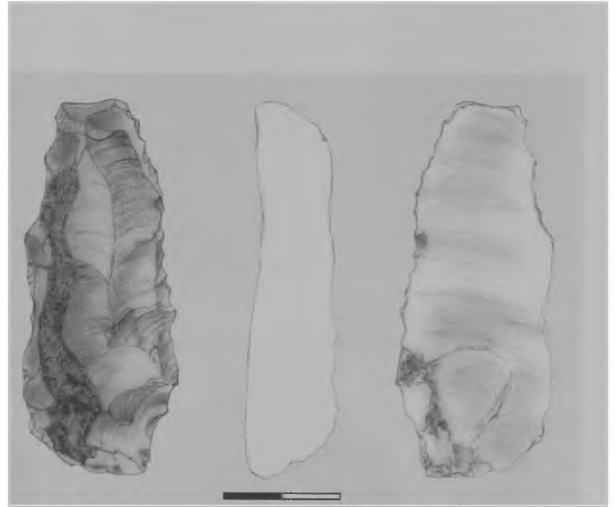


Fig. 31. Inv. 4140 86. Raclóir duplo/lâmina bitruncada. Paris, Seine, França.

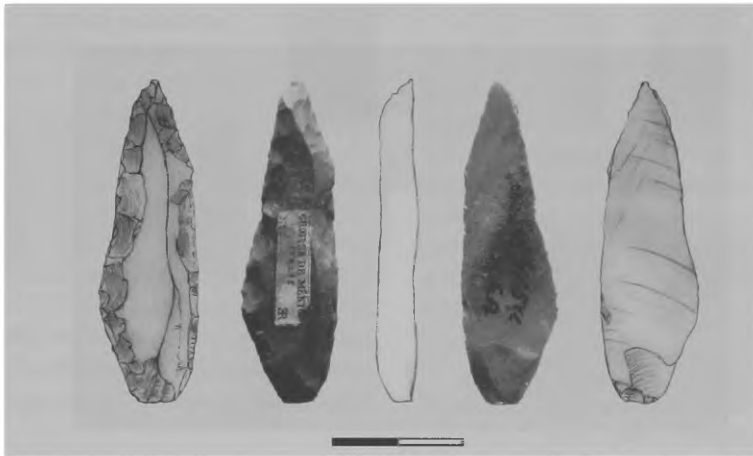


Fig. 32. Inv. 4154 250. Ponta de *la Gravette*. Mentone, Ligúria, Itália.

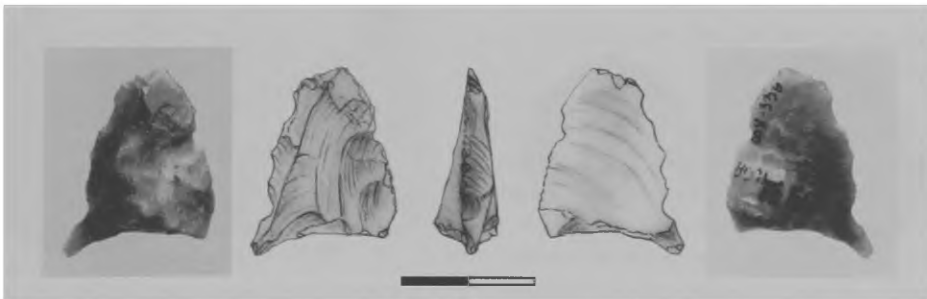


Fig. 33. Inv. 3971. Furador oblíquo em fragmento de lasca. Thenay, Loir-et-Cher, França.



Fig. 34. Inv. D73 61. Grattoir/lasca quebrada prox. Gafzeh, Palestina.

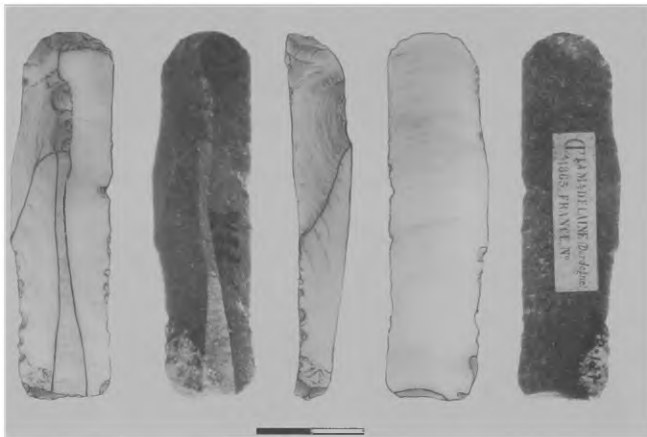


Fig. 35. Inv. 4153. Grattoir em lâmina. La Madeleine, Dordonha, França.

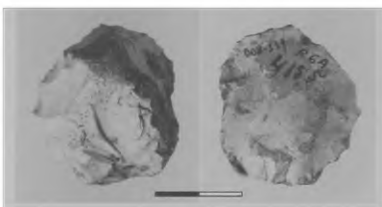


Fig. 36. Inv. 4155 114. Grattoir nucleiforme subcircular. Badefols ou Badjols, Dordonha, França.

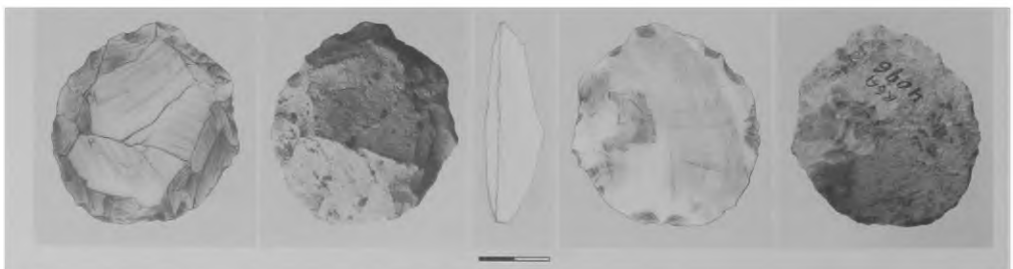


Fig. 37. Inv. 4096 108. Grattoir circular. La Ganterie, Côte-du Nord, França.

a noção do *Epipaleolítico*. Sob esta denominação estão reunidas culturas, como a Aziliense, na França e Espanha e como a Arhensburgiense, na grande planície setentrional, que apresentam traços tecnopológicos mistos, uns pertencendo às indústrias líticas (e por vezes ósseas) do fim do Paleolítico Superior, essencialmente a Magdalenense, a Hamburguense, os complexos de Federmesser e o Epigravetiense, outros exibindo novas orientações, tais como a microlitização das armaduras de projéteis que atingirá seu apogeu mais tarde, durante o Mesolítico. A única verdadeira ruptura geral entre as culturas do Paleolítico Superior e as do Epipaleolítico diz respeito novamente às atividades simbólicas, ao menos de uma parte delas: as representações parietais e rupestres desaparecem completamente, enquanto as representações mobiliárias se reduzem consideravelmente e apresentam traços temáticos e estilísticos novos.

Ao longo do Paleolítico Superior surge e desenvolve-se, em toda a Europa, no Oriente Próximo, no Oriente Médio, bem como no Magreb (África do Norte), um mosaico de culturas; é esse um dos traços mais característicos do Paleolítico Superior, inerente ao *Homo sapiens sapiens* e à sua organização social. Neste mosaico europeu, algumas culturas têm uma extensão e uma duração mais importantes que outras; a seguir, mencionaremos as principais:

Ao longo do Paleolítico Superior surge e desenvolve-se, em toda a Europa, no Oriente Próximo, no Oriente Médio, bem como no Magreb (África do Norte), um mosaico de culturas;

é esse um dos traços mais característicos do Paleolítico Superior, inerente ao *Homo sapiens sapiens* e à sua organização social. Neste mosaico europeu, algumas culturas têm uma extensão e uma duração mais importantes que outras; a seguir, mencionaremos as principais:

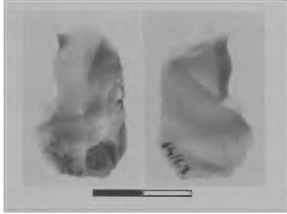


Fig. 38. Inv. 64/1.3.
Buril/quebra de lasca.
Gargano, Apúlia, Itália.

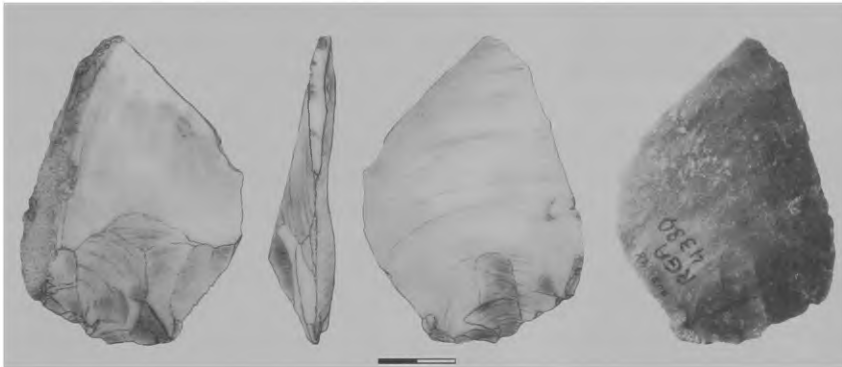


Fig. 39. Inv. 4380 148. Buril sobre bordo retocado. Europa.



Fig. 40. Inv. 4095' 249. Buril duplo de ângulo. La Madeleine, Dordonha, França.

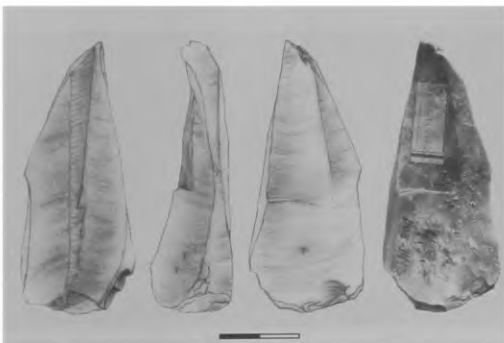


Fig. 41. Inv. 4352. *Grattoir* e buril duplo/quebra de lâmina. Europa.

2.5.1 Aurinhacense

O termo Aurinhacense, vem do topônimo Aurignac – município localizado no sudoeste da França –. é conhecido e aplicável em toda a Europa, da planície russa (Kostienki, por exemplo) ao extremo ocidental da Península Ibérica, bem como no Oriente Próximo, onde exibe alguns traços específicos. As mais antigas datações das ocupações aurinhacenses, por volta de

40.000 a 38.000 anos, referem-se tanto aos sítios da Europa ocidental (Espanha especialmente, como Arbreda ou El Castillo), quanto aos sítios da Europa central e oriental (tais como Willendorf, na Áustria ou Bacho Kiro, na Bulgária), o que deixa ainda como incerta a análise das origens e dos movimentos migratórios internos no Aurinhacense. As datações mais recentes se situam, em sua maioria, entre 28.000 e 25.000 anos, igualmente em toda a Europa. As principais características do Aurinhacense derivam de atividades técnicas e atividades simbólicas, em sua maior parte, totalmente novas em relação às das culturas precedentes (de transição e mousterienses).

As representações corporais expressas por meio de adornos eram amplamente praticadas com diferenças regionais, pelo menos em parte, devidas às matérias-primas variadas utilizadas. O marfim de mamute constituía-se em uma matéria-prima de alta qualidade, sobretudo para confeccionar contas, as quais eram cuidadosamente calibradas em alguns sítios, tal como o abrigo Castanet, na França. Mas, os ossos, as galhadas, as conchas e as pedras eram também muito utilizados para criar elementos de enfição e de suspensão bastante variados. Na verdade, os aurinhacenses criaram o essencial dos adornos corporais em materiais resistentes que são encontrados nos sítios pré-históricos

do Pleistoceno e do Holoceno no mundo, até a invenção de novos materiais, tais como os metais, durante os períodos protohistóricos, ou as matérias sintéticas ao longo do século XX...

Os objetos esculpidos e/ou gravados aurinhacenses constituem o mais antigo conjunto de arte mobiliária atualmente conhecido e adequadamente datado, ou seja, a partir de aproximadamente 33.000 anos AP. Esses vestígios de uma significativa mudança cultural foram encontrados em alguns *habitats* na Europa central, como por exemplo, representados pelas figurinhas de animais feitas de marfim de Vogelherd, na Alemanha, ou por uma silhueta humana, esculpida em pedra, de Galgenberg, na Áustria.

Representações realizadas em blocos volumosos estão presentes em diversos *habitats*, por exemplo, em abrigos-sob-rocha em Viña, na Espanha ou em Belcayre, na França, o que denota uma primeira simbolização do espaço doméstico. Os desenhos de animais traçados com carvão, sobre a parede da gruta Chauvet (França), datados entre 32.000 e 30.000 anos AP, atestam uma arte parietal subterrânea, a mais antiga conhecida, e assim testemunham também uma atividade simbólica intensa da parte dos Aurinhacenses.

No plano dos comportamentos técnicos, as invenções e as inovações caracterizaram as indústrias criadas pelos aurinhacenses. As

invenções dizem respeito ao trabalho com matérias-primas orgânicas, de origem animal, as inovações se relacionam ao lascamento e ao preparo de materiais líticos.

As peças em ossos são raras nos sítios paleolíticos anteriores ao Aurinhacense: o problema da má conservação dos tecidos ósseos evidentemente se põe como um problema, em especial nos sítios mais antigos, mas é incontável que os aurinhacenses souberam produzir uma variedade de utensílios em osso, marfim e galehadas, enquanto seus predecessores imediatos e/ou seus contemporâneos, os neandertais, nas mesmas condições, não o fizeram. Certos utensílios, como os polidores e as punções em osso, traduzem o trabalho sobre peles, bem como a confecção de vestimentas. As armas



Fig. 42. Inv. 4195 143. Butil diedro e grattoir. Perigueux, Dordonha, França.



Fig. 43. Inv. 4340 147. Butil diedro de eixo/lâmina. Europa.

Fig. 44. Inv. 64/1.20 11a. Grattoir-racloir duplo/lâmina quebrada. Polesini, Itália.

talhadas em chifre de rena e em marfim, nas áreas frequentadas pelos mamutes, principalmente as azagaias, evocam novas técnicas de caça, mais aperfeiçoadas do que antes, particularmente no que se refere ao ataque à distância, por arremesso.

A tecnologia das indústrias líticas atesta inovações em matéria de aquisição de rochas, de seu lascamento e finalmente de fabricação de utensílios. Os territórios de aprovisionamento de rochas de boa qualidade para o lascamento tinham tendência a se ampliar, sobretudo quando as matérias-primas locais possuíam qualidade mediana ou imprópria para o lascamento; deve-se assinalar que essa tendência à ampliação dos territórios ou ao alargamento das distâncias para a aquisição direta, ou por troca, de rochas para a produção dos utensílios (igualmente para adornos e outros suportes, como as conchas) não cessava de se ampliar e, por consequência, caracterizava a economia dessas sociedades de caçadores e mais recentemente a de povos pastores. As novidades no lascamento são principalmente a produção de lâminas e de lamelas de sílex. Essas são obtidas não só a partir do núcleo, mas também por meio de lascas laminares espessas, isto de acordo com as últimas análises tecnológicas efetuadas em complexos do Aurinhacense típico, provenientes de sítios de referência como Pataud (França). Anteriormente, essas lascas-núcleos eram quase sempre consideradas como utensílios obtidos por retoques lamelares e denominadas *grattoirs* carenados, *grattoirs* e *buris*



Fig. 45. Inv. 4177 131. *Grattoir* em lâmina retocada. La Bussière, Vienne-Poitou, França.



Fig. 46. Inv. 4183 302. Folha de louro. Solutré, Saône-et-Loire, França.

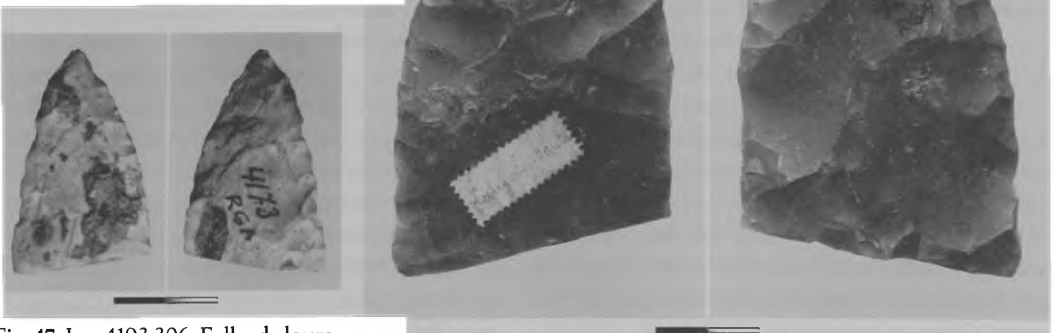


Fig. 47. Inv. 4193 306. Folha de louro. Solutré, Saône-et-Loire, França.

Fig. 48. Inv. 4201 308. Folha de louro. Laugerie-Haute, Dordonha, França.

nucleiformes. As lamelas, brutas ou retocadas (lamelas Dufour), podem ter servido de armaduras de armas de arremesso, função bem definida em alguns complexos magdalenenses (infra), mas muito provavelmente já adquirida pelos aurinhacenses. As lâminas, lascas duas vezes mais longas do que largas, apresentam bordos longos e regulares, utilizáveis sem retoques na sua forma em bisel ou então aptas a receber diversos tipos de retoque. As lâminas com retoque escalariforme aurinhacense são características, como as lâminas com estrangulamento, por exemplo.

Os conjuntos líticos e ósseos aurinhacenses mostram uma diversidade tipológica de artefatos e armas, dos quais, uma grande parte, se encontrará nas culturas posteriores do Paleolítico Superior.

2.5.2 Gravetiense

O Gravetiense, derivado do topônimo La Gravette, sítio de Périgord (França), outrora escavado, é uma cultura européia, tal como o Aurinhacense, o qual ele substitui na maioria das regiões, entre 28.000 e 25.000 anos atrás. O Gravetiense declina por volta de 22.000 anos atrás, seja evoluindo para o Epigravetiense, na maior parte da Europa, seja dando lugar a outras culturas, como o Solutrense, na Europa ocidental.

Os traços distintivos das indústrias líticas gravetienses são essencialmente derivados de uma forma de retoque que transforma em dorso um dos bordos inicialmente cortantes de uma lâmina estreita e alongada ou de uma lamela. O dorso é obtido por retoques regulares, abruptos, ou seja, perpendiculares à face de estilhamento da lâmina (ou da lamela). O dorso tem a espessura da peça e a forma desejada, seja retilínea, seja ligeiramente convexa. Esta forma de retoques, ignorada ou desconhecida dos aurinhacenses, foi inventada pelos chatelperronienses. De fato, estes tinham muitas vezes transformado em dorso um dos bordos de grandes lascas laminares, criando facas ou pontas de Châtelperron. No lugar dessas peças chatelperroniennes robus-

tas, as peças gravetienses com dorso retocado, com a extremidade distal pontuda, denominadas ponta de *la Gravette* (4154 fig. 32), e microgravette, são finas e leves, provavelmente utilizadas como armaduras no topo de lanças. A técnica de retoques abruptos foi também utilizada para truncar transversalmente ou obliquamente lascas, lâminas ou lamelas, criando assim peças truncadas ou bitruncadas igualmente características de algumas fácies gravetienses. Entre os novos utensílios líticos, em relação ao Aurinhacense, devem ser considerados igualmente os pequenos buris feitos de pequenas lascas com reentrâncias, conhecidos como buris de Noailles (um *habitat* do sudoeste da França), às vezes tão abundantes em complexos industriais que estariam relacionados a uma fácies original denominado *Noaillense*. As diferenças tipológicas entre os complexos líticos, a presença ou ausência de alguns tipos e as proporções variáveis de tipos comuns e de tipos específicos no interior de complexos deram origem a diferentes fácies do Gravetiense, nas quais, todavia, a homogeneidade tecnocultural permaneceu forte. Deve-se notar que as indústrias ósseas eram menos densas e menos características do que aquelas do Aurinhacense ou do Magdalenense (infra), de forma que elas não podem fornecer traços discriminantes de fácies.

No plano da arte, o Gravetiense traz representações novas e originais. Antes de mais nada, nas representações corporais ou adornos, são assinalados os diademas (ou tiras de cabelo), braceletes e pingentes, basicamente em marfim, dos Gravetienses da Europa central e oriental. Os motivos geométricos, muitas vezes bastante complexos, decoram esses adereços, como jamais ocorrera antes, nem depois, ao longo do Paleolítico Superior. A importância dos adornos combina com a da representação do corpo, singularmente do corpo feminino: são as famosas *Vênus*, esculpidas em marfim, mais raramente em pedra, com corpo maciço, até mesmo obeso (*Vênus* de Willendorf) ou, ao contrário, longilíneo (*Avdevo*, na Rússia); em torno de uma centena delas foi encontrada em toda a Europa, o que testemunharia uma certa homogenei-

dade simbólica do corpo feminino para os Gravetienses. Algumas dessas mulheres nuas, delicadamente esculpidas, estão adornadas com braceletes ou colares finamente incisos; algumas tiveram o benefício de uma inumação em pequenas fossas, cavadas para este fim, no próprio solo do *habitat*. Na Morávia tcheca, os Gravetienses (denominados Pavlovienses), modelaram figurinhas de animais e humanas em terracota, comparáveis às esculpidas.

Na França e na Espanha, a arte parietal subterrânea toma um certo impulso durante o Gravetiense. Os painéis com representações animais, gravados e/ou desenhados com pigmento mineral negro ou vermelho, se multiplicam. Entretanto, uma das representações pintadas originais, que se tornaria, em seguida, muito comum na arte rupestre pré-histórica ao redor do mundo, como, por exemplo, no sítio de *Cueva de las Manos*, na Argentina, foi a "mão negativa", obtida pela aspersão de corantes assoprados ao redor de uma das mãos do "artista pré-histórico" apoiada na parede rochosa.

As tradições simbólicas na Europa oriental e central se mantêm, em sua maioria, durante alguns milênios, o mesmo ocorrendo com os principais traços técnicos das indústrias, o que leva a dizer *Epigravetiense*, um conceito que reúne diferentes fácies. Na Europa ocidental, o Epigravetiense se fez presente na Península Itálica e a Provença oriental; ele se manifestou até o fim do período glacial e fechou o Paleolítico Superior. Ao longo da evolução do Epigravetiense, as representações mobiliárias tornaram-se raras. Na Itália meridional, algumas grutas foram decoradas durante o último período Epigravetiense, são, talvez, os testemunhos finais da arte parietal em grutas na Europa.

Na Itália setentrional e até a Provença, diversas culturas se singularizam no decorrer dos últimos milênios do Tardiglacial, no interior das tradições epigravetienses. Entre elas, o Romaneliense, identificado na gruta de Romanelli (Terra d'Otranto), é caracterizado pelo lascamento de lamelas (fig. 29), e por utensílios de pequenas dimensões, *grattoirs* circulares, segmentos e lamelas com dorso.

2.5.3 Solutrense

Derivado do nome da rocha calcária de Solutré, sítio do vale do Rhone (França), escavado desde o século XIX, o Solutrense é uma das culturas do Paleolítico Superior mais restritas no espaço e no tempo. O Solutrense se desenvolve aproximadamente a partir de 22.000 ou 21.000 anos, durante o último pico glacial na França, a oeste do Rhone e ao sul da Bacia parisiense, e na Península Ibérica, em Portugal e Espanha. As últimas ocupações solutrenses são datadas entre 18.000 e 17.000 anos AP, durante uma fase climática temperada.

A evolução e as diferenças tipológicas dos conjuntos líticos provocam a descrição de três fases: Solutrense Inferior, Médio e Superior, sendo todas as três fases raramente observadas em um único *habitat*, como em El Parpalló (Espanha), por exemplo. Existem variações importantes no povoamento e nas instalações solutrenses nesta área do extremo ocidental do continente eurasiático. Essas variações provêm da aptidão dos caçadores solutrenses para se deslocar por grandes territórios e à sua adaptabilidade a meios diferentes. A procura por rochas melhores (na maioria das vezes sílex) para o talhe de seus utensílios ou de suas armas, como as famosas folhas de louro, está na origem de uma grande parte de seus longos deslocamentos, que podem representar mais de uma centena de quilômetros, ou até várias centenas, em alguns casos.

A técnica de retoque solutrense consistia em proceder retiradas bem planas, atingindo uma ou as duas faces dos suportes lascados, geralmente lascas alongadas e/ou grandes lâminas, de preferência finas. Os produtos acabados eram lâminas muito finas e pontudas com uma bela estética, frágeis, mas com um forte poder cortante e de penetração, com retoques unificiais ou bifaciais: pontas com face plana, pontas com encaixe ("à cran"), *folhas de louro* e *folhas de salgueiro*. Muito antes dos Solutrenses, no início do Paleolítico Superior na Europa Central, diversos povos haviam criado utensílios e armas com retoques envoltentes, unificiais ou bifaciais: são os Szeletenses e os Jankovichien-ses, na bacia do Danúbio, na Hungria, ou ainda

Bohunicienses, na Morávia e os Jerzmanowicienses, na Polônia, mais recentemente (durante o período Gravetiense), os Sungirienses, na Europa oriental. No entanto, as peças foliáceas destas indústrias não atingem a sofisticação das armas solutrenses, a precisão de seus retoques, com uma finura excepcional: menos de um milímetro de espessura para o ápex das pontas; menos de um centímetro de espessura na parte central das *folhas de louro* com mais de quinze centímetros de comprimento e seis centímetros de largura. O talhe solutrense exibe qualidades técnicas e estéticas incomparáveis no Paleolítico superior, não atingidas nem mesmo pelos Magdalenenses.

As indústrias ósseas solutrenses não apresentam nenhuma originalidade se comparadas a outros conjuntos paleolíticos anteriores ou contemporâneos, com exceção da invenção de um instrumento, o qual ainda está em uso até os nossos dias, com a mesma forma e finalidade, só que fabricado em metal: a agulha de costura com orifício. As agulhas eram por eles confeccionadas em ossos ou marfim, o que foi seguido por seus sucessores paleolíticos.

As pinturas em suportes líticos mobiliários (Parpalló), as esculturas em blocos calcários, encontradas em abrigos sob rocha, tal como o do *Fourneau du Diable* (França), as gravuras nas paredes de abrigos sob rocha, como em *Lluera* (Espanha) e talvez em rochas a céu aberto, como na bacia do Douro (Siega Verde, na Espanha e Foz Côa, em Portugal), são representações parietais gravadas ou pintadas em diversas grutas da França e da Espanha que são os componentes principais da *arte* solutrense.

2.5.4 Magdaleniense

No Ocidente, o Magdaleniense, definido no século XIX, no abrigo sob rocha de *La Madeleine*, em Périgord (França), sucede ao Solutrense, durante o Tardiglacial, aproximadamente de 18.000-17.000 anos a 11.000 anos AP. Sua área de difusão é, no entanto, visivelmente mais ampla que a do Solutrense: da Península Ibérica à *fronteira* com a área Epigravetiense, que cruzava a Europa da Provença à Polónia.

O mamute fornecia aos caçadores grave-tienses da Europa central e oriental alimento e uma boa quantidade de materiais para suas atividades domésticas e para a construção de seus *habitats*. A rena desempenhava essa função providencial para os magdalenenses. Seus vestígios são tão abundantes nos refugos culinários dos magdalenenses, seus ossos e chifres foram tão abundantemente utilizados para fabricar instrumentos e armas, suas figurações são tão comuns em objetos e em algumas grutas que, desde as primeiras pesquisas pré-históricas, esse período foi chamado de “A Idade da Rena”

A indústria óssea magdaleniense, sobretudo durante as fases média e superior, é muito mais densa e diversificada do que antes e serviu mais do que nunca de suporte para gravuras figurativas de animais e humanos, abstratas, sinais geométricos e motivos decorativos. Os caçadores magdalenenses confeccionavam, muitas vezes em chifre de rena e em ossos de grandes herbívoros, e esporadicamente em marfim, novos tipos de azagaias, algumas longas e delgadas, polidores, espátulas, furadores e agulhas. Eles fazem do propulsor de arremesso um instrumento usual. Os bastões perfurados, talhados na base da galhada da rena, como os propulsores, se tornam também frequentes. Novos instrumentos e armas foram também inventados por eles: cabos para utensílios de sílex, denominados navetas (lançadeiras), varas semi-arredondadas que formam o fuste de armas de projétil, arpões com rebarbas finamente recortadas. É evidente que essa nova panóplia de armas e instrumentos de projeção, vários com encabamento, favoreceu a eclosão de novas técnicas de caça, especialmente de animais gregários tais como as renas, os bisões e os cavalos.

A tecnologia dos utensílios e das armas de pedra, sobretudo em sílex, mas também em rochas de qualidade inferior para o lascamento e o talhe, quando elas eram as acessíveis nas proximidades imediatas dos *habitats*, mostra igualmente as qualidades criadoras dos magdalenenses. As lascas, obtidas de núcleos apropriados (figs. 27 e 28), servem igualmente como suporte para numerosos tipos de utensílios: *grattoirs* (figs. 34, 36 e 37), buris

sobre quebra (fig. 38) ou sobre reentrâncias ou de bordo retocado (fig. 39). Nas lâminas, os diferentes tipos de retoques produzem uma variedade de utensílios robustos como as truncaturas (fig. 31), os *grattoirs* (figs. 35 e 41), os buris sobre quebra (fig. 40), e buris diedros (figs. 42 e 43). Os retoques abruptos regulares em um dos bordos transformam as lamelas (chamadas de lamelas com dorso) em mini-armamentos. Essas são, então, calçadas e presas nas ranhuras cavadas nos fustes das azagaias, transformando-as em armas formidáveis. Os equipamentos líticos e ósseos dos magdalenianos atingem níveis técnicos notáveis de inventividade e testemunham a variedade das atividades domésticas desses últimos grandes caçadores paleolíticos.

Paralelamente às suas capacidades técnicas, os Magdalenienses deram provas de uma poderosa criatividade simbólica que se traduziu por meio de uma abundância de representações mobiliárias e parietais, encontradas em cerca de 200 grutas na França e na Espanha: milhares de sinais, de tipologia variada, animais e seres humanos, seres imaginários, criaturas fantásticas; uma iconografia excepcional, atingindo um alto grau de excelência estética, tendo como expoentes as grutas de Altamira (Espanha) ou de Lascaux (França).

Com os magdalenianos, os epigrave-
tienses a leste e ao sul, o Hamburguense e as culturas com pontas de encaixe da planície setentrional, termina um mundo, o das sociedades de caçadores da grande fauna glacial da Europa.

2.6 Séries do Paleolítico Superior da Coleção Mediterrâneo

Uma das quarenta e uma peças atribuídas ou atribuíveis ao Paleolítico Superior provém de uma das camadas do conjunto estratigráfico superior da gruta de Qafzeh, sítio do Monte Carmel (Israel), sobretudo conhecido pelas sepulturas de *Homo sapiens*, datadas entre 100.000 e 90.000 anos atrás: trata-se de um *grattoir* em lasca (73/D 61, fig. 34). Um *racloir* em lâmina com talão retirado (73/D 208) é

originário do Paleolítico Superior do “Sinai”. Quarenta peças pertencem ao Romaneliense (supra) e provêm de um sítio italiano famoso, a gruta de Polesini, no Lácio, mas de um contexto estratigráfico perturbado. Consiste de: três núcleos para lamelas (64/1. 38, 39 e 41, fig. 29), um núcleo a lascas (42, fig. 27) e dois fragmentos de núcleos (40 e 43), um excepcional *grattoir - racloir* duplo em lâmina quebrada proximal (20, fig. 44), cinco *grattoirs* de lascas retocados (10, 13, 15, 17 e 19), um *grattoir* unguiforme (21), um *grattoir* circular (14), um *racloir* (18), um buril-*racloir* (4), um buril sobre quebra (3, fig. 38), um buril plano oblíquo em lasca retocada e quebrada (11), uma queda de buril (37), um furador em lâmina (35) e um microfurador em lâmina retocada (73/D 22), uma ponta com retoque curto (36), cinco lamelas com dorso (27, 28, 29, 31 e 33), uma lamela retocada (30), uma lâmina pontuda (34), um segmento (32), uma lasca com dorso (26), duas lascas retocadas (6 e 19) e três lascas (1, 7 e 8), uma lâmina microrretocada (9), três lâminas sem retoques (23, 24 e 25).

Entre as peças sem proveniência precisa e registradas como sendo do Paleolítico Superior, nota-se um *grattoir-racloir* duplo em lâmina (73/D 98).

2.7 Séries do Paleolítico Superior da Coleção Limur

Ao menos 110 peças são atribuídas ou atribuíveis ao Paleolítico Superior, a maior parte é proveniente de grandes sítios de referência ou de sítios epônimos franceses. Alguns desses sítios possibilitaram a atribuição cultural das peças com relativa precisão: assim as peças bifaciais provenientes de Solutré (Saône-et-Loire), do sítio epônimo, são evidentemente solutrenses, no sentido amplo. Da mesma maneira, as peças de *La Madeleine* (Dordogne), sítio epônimo, de Laugerie-Basse, sítio próximo do precedente, são magdalenianos e mais precisamente da segunda metade desta cultura; as de Bruniquel (Tarn-et-Garonne) são igualmente magdalenianos. Em contrapartida, as peças provenientes de Gorge d'Enfer, de Laugerie-Haute

(Dordogne), de Figuiet (Ardèche) poderiam pertencer a culturas do Paleolítico Superior mais antigas: um *grattoir* semi-circular em lasca (4098) e uma lasca retocada (4080) de Gorge d'Enfer, um *grattoir* em lâmina retocada (4116), um *grattoir* semi-circular (4099), uma lâmina microrretocada (4119) e uma lâmina micro-dentada (4278), lâminas (4114, 4115, 4117, 4118, 4119, 4126, 4127, 4128, 4130, 4132), duas lascas (4129 e 4131) de Laugerie-Haute, uma lasca (4185) de Figuiet.

Uma ponta de *la Gravette* (4154, fig. 32), característica do Gravetiense, provém da gruta (na realidade de um dos sítios) de Menton (Ligúria, Itália). Um núcleo de Menton (4257, fig. 28), uma lâmina retocada (4148) e um fragmento mesial de lâmina retocada, talvez uma *gravette* (4233) poderiam ter a mesma origem cultural.

De Solutré (Saône-e-Loire), provém *folhas de louro*: 4173, 4182, 4183 (fig. 46 e 47), 4192, 4193, 4194. Uma outra *folha de louro* (4201, fig. 48) provém de uma das ocupações solutrenses de Laugerie-Haute. Uma lasca com entalhe, 4174, é igualmente originária de Solutré.

De La Madeleine temos dezessete peças: um *grattoir* na extremidade distal de lâmina quebrada, 4153 (fig. 35), um outro *grattoir* de lâmina com bordo desgastado, 4165, um *grattoir* na extremidade proximal da lâmina com bordo desgastado, 4170, um buril duplo sobre quebra de lâmina, 4095' (fig. 40), uma lâmina com base retocada bilateralmente, 4109, uma lâmina com crista e microrretocada, 4166, e uma lasca com bordo desgastado, 4095, lâminas 4108, 4122, 4123, 4124, uma lâmina com crista, 4038, uma lamela, 4167 e lascas, 4101, 4121, 4125, 4168.

Ao abrigo magdaleniano de Laugerie-Basse pertencem um *grattoir* em leque, 4196, uma *bola*, 4411, uma lasca com bordo cortical, 4082 e três lâminas, 4111, 4136 e 4152, um seixo-abrasador (4282).

Vinte peças são originárias de um ou vários abrigos com ocupações magdalenianas de Bruniquel: lâminas retocadas 4097 e 4255, lâmina microrretocada 4277, lâminas 4107, 4158, 4270g, 4437, lamelas microrretocadas 4207 e 4270e, lamelas 4200, 4206, 4208, 4270b, 4270c,

queda de buril 4199, lasca microrretocada 4063 e lascas 4159, 4270a, 4270d, 4270f.

Um *grattoir*-buril duplo sobre fratura de lâmina (4352) e um buril diedro de eixo / sobre lâmina (4340) marcados “Europa” são bem magdalenianos na aparência (fig. 41 e 43). Igualmente marcados “Europa”, foram considerados como sendo provavelmente do Paleolítico Superior um *grattoir* em lâmina retocada (4357) e um buril sobre bordo retocado (4380, fig. 39). O mesmo vale para um *racloir* duplo em lâmina bitruncada (4140, fig. 31) e um *grattoir* duplo em lâmina microrretocada (4135) marcados “Paris” Lâminas indicadas “Europa” (4344, 4347, 4350, 4351, lâmina retocada 4353, 4356, 4379, 4383, 4386 e 4390) entre as quais uma com reentrância (4346) podem pertencer tanto ao Paleolítico Superior, como a culturas mais recentes. Sem proveniência indicada, uma lâmina com crista retocada (4191) atribuível provavelmente ao Paleolítico superior. Um *grattoir*-buril diedro (4195, fig. 42) de Périgueux (França), uma lamela da “Dordogne” (3956), um *grattoir*-buril diedro sobre lâmina (4151), um buril diedro (4436), um esboço de *grattoir* sobre extremidade distal de lâmina retocada (4197), uma lasca retocada (4198), uma lasca-bordo de núcleo de lascamento laminar-lamelar (4254), de Eyzies, uma lasca com microdesgastes (4176) e um *grattoir* sobre lâmina retocada (4177, fig. 45) da gruta de Bussière (Viena, no Poitou), por fim dois *grattoirs* sobre lasca retocada (4050' e 4112) de Espalungue (Arudy, Pyrénées-atlântiques) e de Saint-Martin-d'Ardèche (Ardèche) são incontestavelmente do Paleolítico Superior e todos provavelmente magdalenianos.

O lascamento lamelar de um núcleo (4252, fig. 30 e foto 5 em A. Vilhena de Moraes, *op. cit.* p. 55) de Robin Hills (Inglaterra) é particularmente nitido, como aquele de um outro núcleo (4253), do mesmo sítio. Uma incerteza quanto à origem cultural existe com o furador sobre lasca de Thenay (3971/15, fig. 33), com o *grattoir* nucleiforme (4155, fig. 36) do sítio francês de Badjols e sobre um *grattoir* circular (4096) e uma lasca microrretocada (4439 do sítio de La Ganterie (fig. 37).

Sem atribuição certa ao Paleolítico Superior, por causa de imprecisões que afetam

a identidade dos sítios de origem, devem ser assinalados aqui: um núcleo com lascamento laminar-lamelar (4011); uma lâmina apontada e retocada (3916); uma lâmina com reentrância e bordos micro-usados (4227); um fragmento proximal de lâmina com entalhe (4144); um fragmento proximal de lâmina com micro-desgates (4157); três lâminas com bordos usados (4041, 4178 et 4179); uma lamela apontada com dorso (4385); uma lamela com dorso (4241); uma lâmina (4149); uma lamela (4240) e uma queda de buril (4242).

Uma plaqueta arenítica (4363), talvez esquadrada, de Niaux (França) e uma plaqueta provavelmente polida parcialmente e com bordos percutidos-usados de La Madeleine (4338) se somam ao lote do Magdaleniense.

2.8 Epipaleolítico e Mesolítico

O conceito *Mesolítico* foi forjado na França, no início dos anos 1870, para preencher o suposto hiato entre uma Idade da Pedra Talhada, isto é o Paleolítico, e uma Idade da Pedra Polida, o Neolítico. Nesta perspectiva genérica e ultrapassada, o Mesolítico corresponderia à Idade da Pedra Talhada. No decurso das pesquisas na Europa, mais especificamente na França, o conceito de Mesolítico se forma para, finalmente, designar um período e culturas intermediárias entre o Paleolítico Superior e o Neolítico, mesmo que a ausência de datações radio-atômicas (surgidas somente em 1950) impeça de situar esses eventos e suas durações em um quadro cronológico objetivo. Ao longo da primeira metade do século XX, o estudo tecnológico dos utensílios e armamentos líticos de sítios nem paleolíticos nem neolíticos, na Península Ibérica e no Magreb, levaram seus autores e os pré-historiadores a falar de um *Epipaleolítico*. O caráter técnico posto em destaque por essa proposição é o da leveza e da redução geral do tamanho da maior parte dos tipos de peças. A palavra Epipaleolítico apareceu na França, em 1931, e se tornou frequentemente utilizada somente a partir dos anos 1960. O conceito abrange assim a idéia de uma certa continuidade tecnológica entre as séries líticas

assim designadas e aquelas do Paleolítico Superior final que permitiria distinguir as séries líticas que atestam uma microlitização acentuada, reunidas sob o rótulo de Mesolítico. Nos últimos trinta anos, a aquisição de um quadro cronológico fundado nas datações (daí por diante calibradas) e, em correlação, a caracterização detalhada de dados paleoclimáticos e paleoambientais permitiram estabelecer fundamentos arqueológicos reais para os conceitos de Epipaleolítico e de Mesolítico na Europa, apesar das flutuações na delimitação dos conceitos de uma parte e do uso terminológico por vezes variável entre os pré-historiadores. Paralelamente, em outras regiões do mundo, especialmente no arco sul-mediterrânico formado pelo Magreb, pelo Oriente Próximo e Médio, representados na *Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio*, o conceito de Epipaleolítico e, em menor escala, o de Mesolítico continuam a ser utilizados para caracterizar e reagrupar as indústrias originais, bem diferenciadas daquelas que as precedem e daquelas que as sucedem.

2.8.1 Epipaleolítico na Europa

Como se observou a respeito dos limites do Paleolítico Superior (supra), distinções devem ser feitas entre os quadros cronológicos, climato-ambientais e culturais para se perceber as continuidades e descontinuidades entre as indústrias epipaleolíticas e aquelas do Paleolítico Superior. Cronologicamente, as mais antigas indústrias epipaleolíticas, como a Aziliense, aparecem por volta do início do 12º milênio antes do presente, no momento de balanceamento climático entre uma pulsão fria, dita Dryas II, e um episódio temperado, o Alleröd. A Aziliense ou todas as outras indústrias consideradas epipaleolíticas, tais como a Ahrensburgiense na Alemanha, Bélgica e Países-Baixos, a Swideriense na Polónia ou a Valorguiense na Provença, no litoral mediterrânico, é assim contemporânea das indústrias do Paleolítico Superior, dentre as quais algumas se prolongam para além do Tardiglacial, por volta de 10.000 anos AP no término do Dryas III, como o Epigravetiense na Itália ou o Hambur-

guense e as indústrias do complexo Federmeser na Europa do Norte, da França à Polônia.

As indústrias epipaleolíticas, tal como a Aziliense na França e Espanha ou o Epigravetiense final, na Itália, perduram igualmente após o Dryas III, para finalmente declinar durante o Pré-boreal, entre aproximadamente 10.000 anos e 9.000 anos AP. Esse paralelismo da extinção das indústrias paleolíticas finais (e/ou tardias) e indústrias epipaleolíticas mostra, pelas evidências, uma comunidade de traços propriamente técnicos (debitagens, retoques) e tipológicos, tipos de utensílios como os arpões, os *grattoirs* ou ainda as pontas com dorso.

De fato, são os dados paleoambientais e paleoclimáticos que permitem diferenciar culturas do Tardiglacial daquelas do Pré-boreal. O desaparecimento da rena das latitudes da Europa ocidental no final do Tardiglacial é emblemático de mudanças efetivas nas indústrias do Magdalenense final e nas do Aziliense, e por consequência nos seus modos de vida econômica. A galhada da rena é substituída pela do cervo eláfico, que oferece outras qualidades para a confecção de utensílios e armas. A morfologia dos arpões se encontra completamente modificada. A caça, nas florestas em pleno desenvolvimento, do início do Holoceno se pratica de maneira diferente daquela conduzida nos espaços abertos das fases glaciais, e as grandes manadas de herbívoros dão lugar a bandos de animais muitos menores e perceptíveis com menos facilidade. O arco se torna então um instrumento de caça melhor adaptado. Finalmente, o Epipaleolítico da Europa ocidental é uma projeção de populações paleolíticas em novas paisagens e climas sensivelmente modificados. A gracilização das indústrias é uma resposta progressivamente dada às novas restrições encontradas na aquisição de recursos animais e vegetais, tanto para a alimentação quanto para a vestimenta e a habitação.

Na área ocidental da Europa, onde a arte das grutas e dos objetos fora tão desenvolvida pelos caçadores paleolíticos, singularmente pelos magdalenienses, a arte epipaleolítica atesta uma transformação radical da expressão-comunicação simbólica: apenas algumas pedras

e ossos são gravados com figuras animais, por vezes acompanhadas de motivos geométricos. O Aziliense forneceu, em um número reduzido de sítios, entre os quais principalmente o sítio epônimo, o Mas d'Azil nos Pirineus franceses, por volta de 1500 pequenos seixos de rio, geralmente chatos, pintados com manchas, traços espessos, geralmente vermelhos, ou gravados com finas incisões paralelas ou em faixas. Estas formas puramente abstratas e de geometria elementar rompem totalmente com os signos paleolíticos, parietais e rupestres. Do ponto de vista da expressão simbólica, o Epipaleolítico, mais precisamente o Aziliense, ainda que epígono do Magdalenense Superior na França e na Espanha cantábrica, mostra um mundo completamente novo, em ruptura com as tradições dos povos caçadores paleolíticos.

2.8.2 Mesolítico na Europa

Inicialmente visto como um período de transição pelos pioneiros das pesquisas pré-históricas, no século XIX, o Mesolítico europeu se impôs como um conjunto de culturas originais que tinham em comum um certo número de traços técnicos e econômicos, conjunto anterior às culturas neolíticas às quais entretanto ele deu origem, e posterior às culturas do Paleolítico Superior final e/ou do Epipaleolítico das quais ele surgiu.

As culturas mesolíticas se instalam durante o Pré-boreal, se desenvolvem durante o Boreal e se estiolam durante o Atlântico. Elas são assim contemporâneas de um desenvolvimento considerável da cobertura florestal, inicialmente dominada pelos pinheiros e bétulas. Durante o reaquecimento (Atlântico), a nogueira, o carvalho, o olmo, a tilia etc., se espalham. Nestas florestas, a caça com arco visava tanto aos animais de pequeno porte quanto aos javalis, aos cabritos monteses. Nessas fases climáticas úmidas dos primeiros milênios do Holoceno, a coleta de moluscos se torna uma prática corrente, tanto no continente quanto nas áreas costeiras. Assim aparecem os amontoados conchíferos, caramujeiras: os solos de ocupação em abrigos sob rocha e a céu aberto relacionados ao Asturiense

(entre o 10° e 7° milênio AP), na zona costeira das Astúrias-Cantábria (Espanha), transbordam com conchas de moluscos marinhos, *Patella sp.* e *Trochlea crassa*, e de um molusco terrestre, *Cepaea nemoralis*, sendo este último abundante em diversos sítios mesolíticos continentais.

É interessante notar que o consumo de moluscos é característico de comportamentos alimentares das sociedades pré-históricas através do mundo ao longo da primeira metade do Holoceno sob formas variadas, nas quais os amontoados conchíferos litorâneos ou fluviais são as manifestações mais espetaculares. Este é o caso, por exemplo, dos famosos sambaquis do litoral brasileiro, que perduram por muito mais tempo do que os amontoados conchíferos mesolíticos europeus, principalmente concentrados no litoral português (Muge).

As indústrias mesolíticas são fundamentalmente caracterizadas pela microlitização dos suportes líticos. São os micrólitos, armamentos de pontas de flechas, triângulos, trapézios, pontas com dorso como aquelas sobre as quais se apoiavam os pré-historiadores para definir o *Sauveterrienne*, uma importante cultura epipaleo-mesolítica da metade sul da França.

As indústrias líticas (as indústrias ósseas estão em geral reduzidas) mesolíticas testemunham uma regionalização cada vez mais intensa das culturas na Europa, desenhando um mosaico de pequenos conjuntos culturais. Entre os mais conhecidos e melhor definidos e delimitados se assinalam: o Tardenoisense, principalmente na bacia parisiense, o Asturiense na Espanha cantábrica, o Beuroniense na Alemanha e República Checa e o Maglemosiense na Dinamarca, na Suécia e Alemanha Oriental. Da Europa central aos confins da Sibéria e até os Balcãs, se desenvolvem culturas contemporâneas, designadas tecnocomplexos igualmente marcados pela microlitização dos utensílios e armamentos líticos. Porém seus contextos culturais e ambientais fazem distingui-los das culturas mesolíticas da Europa central e ocidental. A arte é ainda mais rarefeita do que nas culturas epipaleolíticas: além dos elementos de adorno por vezes bem atestados, como nas impressionantes sepulturas múltiplas de Tévéc e Hoëdic (litoral atlântico francês), há algumas

estatuetas de âmbar e objetos variados incisos com motivos geométricos.

2.8.3 Epipaleolítico magrebiano

Um conjunto de culturas do Magreb e do Norte do Saara, intercalado entre culturas mousterienses ou estratigraficamente mais antigas e culturas propriamente neolíticas, é tradicionalmente denominado *Epipaleolítico*, mesmo quando não existe nenhum elo tecnocultural com o Epipaleolítico europeu, nem qualquer paralelismo verdadeiro nos processos evolutivos das culturas entre o Paleolítico e o Neolítico dos dois lados do Mediterrâneo. O emprego desta noção, pelos pré-historiadores da primeira metade do século XX, talvez fosse apoiado por um lado na idéia de transição e por outro lado no fato de que as indústrias líticas assim agrupadas denotavam uma gracilização, uma diminuição global (real) da maioria dos tipos de utensílios.

Na região magrebiana e saariana, por volta de 40.000 e 35.000 anos sucedeu ao Mousteriense, bem instalado, uma cultura original, o *Ateriense* (do nome de Bir El-Ater, na Argélia). As indústrias líticas aterienses, que guardam características tecnológicas mousterienses, oferecem uma particularidade notável: porcentagens marcantes de peças, lascas ou utensílios, pedunculados. As peças bifaciais constituem igualmente um traço original. Cronologicamente, o Ateriense se desenvolveu paralelamente a uma ampla porção do Paleolítico Superior europeu.

A primeira cultura dita epipaleolítica, o Iberomaurusiense, sucede o Ateriense por volta de 20.000 anos atrás e se manteve durante uma dezena de milhares de anos. Esta cultura exhibe uma extensão territorial mais reduzida: a zona do litoral, da Líbia até a costa marroquina atlântica, e em direção ao sul até o Atlas saariano. O objeto característico e sempre abundante (40% ou mais) nos conjuntos iberomaurusienses é a lamela com dorso, instrumento efetivamente leve e de pequenas dimensões, bem conhecido, como se viu, nos conjuntos de culturas da segunda metade do Paleolítico Superior e nos das culturas epipaleolíticas européias.

Sepulturas e necrópoles, em particular o notável sítio de Mechta El Arbi (Argélia), revelaram em torno de quinhentos esqueletos de Iberomaurusienses: um tipo robusto de *Homo sapiens sapiens*. Entre suas práticas simbólicas, se assinala a avulsão dos incisivos superiores, principalmente para os indivíduos do sexo masculino.

O Capsiense, a segunda grande cultura epipaleolítica magrebiana, definida no início do século XX, na região de Gafsa, na Tunísia, é conhecido na Tunísia e na Argélia, mas ausente do Marrocos e do Saara. Em função de dados arqueológicos e estratigráficos, se distinguiu um Capsiense típico e um Capsiense Superior, mais microlítico. Os sítios capsieneses, muitas vezes caramujeiras (tipos de sambaquis) com muitas cinzas, são datados entre o início do 10º milênio e o fim do 7º milênio AP. As indústrias associam lamelas com dorso e pequenas peças geométricas a um instrumental de maiores dimensões, *grattoirs*, buris, reentrâncias e denticulados. O material ósseo, frequentemente gravado, é representado por facas, trinchas, agulhas. Os adornos são frequentemente confeccionados em casca de ovos de avestruz, considerados suportes privilegiados para traços e motivos incisos. O emprego de pigmentos vermelhos, em particular em contextos funerários, é marcante. O Capsiense está, talvez, na origem da arte rupestre magrebiana.

2.8.4 Epipaleolítico do Levante e do Oriente Médio

Na região do leste mediterrânico, várias culturas posteriores às culturas firmemente paleolíticas, como o Aurinhacense do Levante ou ainda o Amariense no Neguev e no Sinai, e anteriores às culturas neolíticas das quais se conhece a precocidade de algumas no Levante e na Anatólia, foram relacionadas ao Epipaleolítico. Novamente, a redução de uma parte das peças líticas, eventualmente a microlitização, serviram para justificar esta atribuição genérica, independentemente do que ocorria na Europa e no Magreb. As mais antigas dessas culturas epipaleolíticas estão enraizadas nas culturas

paleolíticas por volta de 20.000 e 15.000 anos atrás, entre elas o Quebariense (de Quebara, monte Carmel em Israel). Essa cultura conhecida em Israel, no Líbano, Jordânia e Síria, datada a partir do 17º milênio no sítio de Nahal Oren (Monte Carmel em Israel), apresenta indústrias com lascamento lamelar. Os micrólitos representam até 90 % de alguns conjuntos; entre eles pontas (ditas de Quebara). Por volta de 12.000 anos se instala, no Levante até a Turquia para o norte e até o Eufrates para leste, o Quebariense geométrico que perdura até meados do 11º milênio. Os geométricos, trapézios e triângulos notadamente, totalizam de 60 a 80 % dos conjuntos. No decorrer do mesmo período (12º e 11º milênios), o Sebiliense se desenvolve no vale do Nilo, no Egito. Na última fase desta cultura, inicialmente caracterizada por um lascamento Levallois, os micrólitos, geométricos e microburis, se tornam abundantes.

Ao longo do 13º milênio, aparece uma das culturas epipaleolíticas mais famosas do Levante, espalhada desde a Síria ao leste até o Nilo ao sul, o Natufiense (de Ouadi en-Natouf). Esta cultura de curtíssima duração, um pouco mais de dois milênios, existente entre aproximadamente 12.500 e 10.300 anos AP, apresenta, como as suas contemporâneas, conjuntos dominados por micrólitos geométricos (segmentos). A sua indústria óssea é admirável, com cabos para instrumentos em madeira e osso, anzóis e arpões. A arte de ornamentação está bem desenvolvida e a arte figurativa é atestada por representações animais e humanas. De fato, a notoriedade do Natufiense e sua importância na escala evolutiva da Pré-História vem de fatos arqueológicos maiores: por um lado a colheita de cereais (*T. monococcum*, *T. dicoccum* e cevada) e de leguminosas selvagens (ervilhas, lentilhas, vagens) bem atestadas por foicinhas e instrumentos de moagem, por outro lado a domesticação (altamente provável) do cão. Enfim e principalmente, surgem os primeiros *habitats* arquitetônicos (Ain Mallaha, Hayonim em Israel): casas circulares e semi-circulares em pedra, com estuque pintado, semi-subterrâneas. Existem lareiras, zonas empedradas, fossas e sepulturas. Outras casas (por exemplo em Mureybet na Síria) dão ainda uma maior amplitude a este fenômeno

cultural novo da pré-urbanização - sedentarização, acompanhada de indícios de domesticação, e cujas consequências sociais e econômicas serão decisivas para os primeiros Neolíticos que sucedem imediatamente ao Natufiense em várias das regiões do leste mediterrânico, tal como PPNA, isto é o Neolítico pré-cerâmico A (infra).

Outras culturas epipaleolíticas do Oriente Próximo e Médio são tardias e estão no limite do Neolítico. Entre elas, menciona-se o Caruniense, do qual a *Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio* possui algumas peças. Antigamente denominada Fayum B, esta cultura de curta duração, datada entre cerca de 8.000 e 7.700 anos AP, está localizada no platô egípcio de Qsar el-Sagha. A indústria lítica contava notadamente com lamelas com dorso arqueado, traço tipológico em conformidade com o Epipaleolítico.

2.9 Séries do Epipaleolítico da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio

Um lote de 43 peças é atribuído ou atribuível ao Epipaleolítico do Oriente mediterrânico: uma lamela com dorso (D 73/52), uma lamela (/56) e nove lascas (/50, 51, 53, 54, 55, 57-60) da gruta de Nahal Oren (Israel) pertencendo aos níveis Natufienses (que encerravam cinquenta sepulturas), intercalados entre níveis quebarienses e níveis neolíticos. Duas lâminas estreitas micro-denticuladas (/99, fig. 49, /100), uma lâmina com bordo micro-usado (/101) provêm de Erq el-Ahmar na Jordânia, provavelmente do nível superior, Natufiense antigo (com uma sepultura coletiva), que se sobrepunha a uma longa sequência de ocupações (entre as quais o Aurinhacense do Levante e anteriormente o Amariense).

Outras 30 peças têm uma origem menos precisa: "Palestine" Trata-se de: seis crescentes (D73/189, 190 - fig. 50, 191, fig. 51, 193, 194, 196), uma lamela com dorso (D73/185), sete lamelas com dorso arqueado formando uma ponta (/181, fig. 52, 182, 184, 187, 188, 192 - tendendo a um crescente - 197), uma lamela com dorso arqueado (/195), duas lamelas com dorso (/199, 201), uma lamela truncada com dorso (/183 - fig. 53), uma lamela com dorso (/186),

uma lamela bruta com bordo micro-usado (/200), um furador quebrado sobre lamela com dorso quebrado proximal (/198), um furador-piçã com retoques bifaciais sobre lâmina parcialmente cortical com retoques marginais bifaciais (/204), uma lâmina com dorso retocada (/202 fig. 54), um buril diedro sobre lâmina com crista (/210), um buril diedro sobre lâmina (/205, fig. 55), um buril sobre truncatura de lâmina (/211, fig. 56), uma lâmina retocada apontada (/203), um *grattoir* sobre lâmina parcialmente cortical (/213, fig. 57). Também é provavelmente epipaleolítica uma lâmina com retoque em escamas nos dois bordos e parcialmente envolvente como *racloir* (/209). Enfim, um *grattoir* sobre lasca retocada com talão puntiforme (73/D 212) pode ser tanto epipaleolítico como neolítico.



Fig. 49. Inv. D73 99. Lâmina denticulada de foice. Ergel Ahmar, Palestina.



Fig. 50. Inv. D73 190. Microlito croissant, peça geométrica com dorso. Palestina.



Fig. 51. Inv. D73 191. Microlito croissant, peça geométrica a arco de círculo. Palestina.



Fig. 52. Inv. D73 181. Lamela com dorso arqueada apontada. Palestina.



Fig. 53. Inv. D73 183. Lamela com dorso truncada. Palestina.



Fig. 54. Inv. D73 202. Lâmina retocada com dorsos. Palestina.

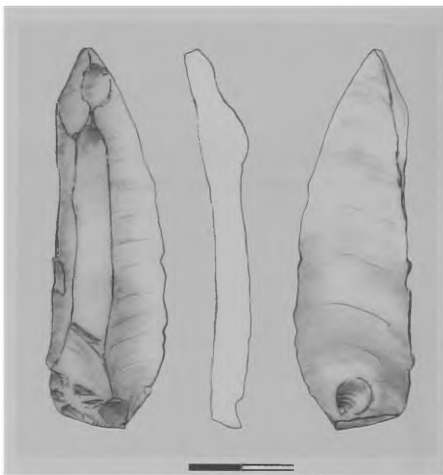


Fig. 55. Inv. D73 205. Buril diedro/lâmina. Palestina.

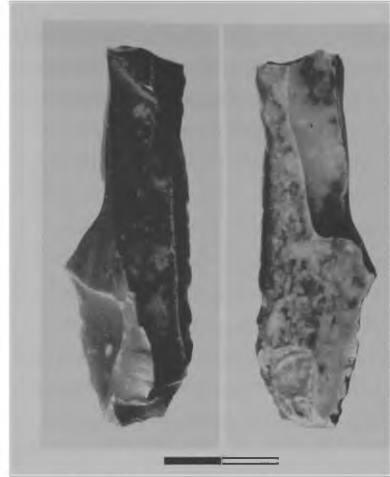


Fig. 56. Inv. D73 211. Buril poliédrico/truncatura/lâmina. Palestina.



Fig. 57. Inv. D73 213. Grattoir/lâmina. Palestina

2.10 Séries da Coleção Limur

Nenhuma peça da coleção é atribuível com segurança ao Epipaleolítico, qualquer que seja a sua origem geográfica. Peças provenientes de coletas de superfície podem ser epipaleolíticas ou mesolíticas, mas sem nenhuma certeza quando se trata de sítios onde coexistem séries paleolíticas, mesolíticas e neolíticas, como em Thenay (Loir-et-Cher): seis furadores 3970, 3971, 3972, 4180, 4189 e 4410), uma lasca retocada (4133) e uma lâmina microrretocada (4134), uma lasca com reentrâncias (3976), uma lasca retocada (3975), duas lascas (3977 e 3978). O mesmo ocorre com peças de origem magrebiã, como, por exemplo, um *grattoir* duplo sobre lâmina

(4049) e uma lâmina (4036) de “Gabes” (Tunísia), que podem também provir do Neolítico. Da mesma forma, não é possível caracterizar a posição cronocultural de uma ponta bifacial pedunculada (4037), proveniente da Palestina. A mesma incerteza pesa sobre uma peça proveniente da Dinamarca, uma lâmina bruta (4113) e uma outra peça da Irlanda (4266) que sem dúvida não apresenta nenhum traço diagnóstico de um nível cultural, mas que não parece pertencer a uma cultura anterior ao Holoceno.

2.11 Neolítico

Desde a primeira separação entre a Idade da Pedra Lascada e a da Pedra Polida, o conceito de *Neolítico* se enriqueceu consideravelmente e perdeu a unicidade falaciosa, ou em todo caso incompleta, que lhe deu o qualificativo *polido*: na realidade sabe-se que não são todos os conjuntos líticos neolíticos que apresentam peças polidas. Sabe-se também que conjuntos não neolíticos, por vezes mesmo paleolíticos, contêm peças polidas.

Desde muito cedo, nas pesquisas pré-históricas, se impôs um segundo critério considerado como discriminante: a cerâmica. Sabe-se atualmente que este critério, tal como o precedente, é inadequado ou insuficiente para definir o Neolítico em geral. Na verdade, não apenas existe uma forte proporção de complexos neolíticos sem cerâmica, mas existem no Oriente Próximo Mediterrâneo culturas neolíticas pré-cerâmicas, as famosas PPNA e PPNB (*Pre Pottery Neolithic*, de tipos A ou B), bem representadas na *Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio* do MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia). Em contrapartida, no Velho Mundo, a presença de cerâmica em um conjunto arqueológico devidamente circunscrito (por exemplo, sem mistura no caso de vestígios de superfície ou sem confusão estratigráfica) é suficiente para descartar o Paleolítico de sua caracterização cultural.

É pertinente lembrar aqui que a presença/ausência de cerâmica é muitas vezes utilizada como traço cultural discriminante de uma pré-história pré-cerâmica no continente (sul)americano. Como para a definição do

Neolítico, este critério se revela inadequado ou insuficiente quando é invocado unicamente para separar seguramente conjuntos industriais e *a fortiori* culturas. De fato, na Arqueologia, a ausência (ou a não-presença) de um traço técnico ou cultural não pode (ou não deveria) jamais ser encarada como prova determinante de uma identidade cultural qualquer do conjunto arqueológico a ser definido.

Na incompetência parcial dos dois primeiros critérios escolhidos para caracterizar o Neolítico se acrescenta um terceiro, igualmente parcial, mais recentemente surgido nas pesquisas pré-históricas: a domesticação de animais e de plantas. Novamente, se uma domesticação arqueologicamente demonstrada permite excluir o Paleolítico no Velho Mundo, ou culturas anteriores ao Holoceno na América (em seus milênios iniciais), a ausência de dados relativos a uma domesticação em uma série faunística ou um espectro polínico não prova de forma alguma que o conjunto arqueológico abordado não seja neolítico.

E no entanto, o Neolítico existe!

Ele é de fato atestado quando a domesticação, ou a cerâmica, está presente e/ou quando peças polidas são inteiramente características, como as lâminas de machados ou de enxós.

Para definir de forma mais geral o Neolítico, sem ignorar ou desconhecer a extrema diversidade cultural que este conceito encobre e os dados arqueológicos em si, é preciso compreender como um fenômeno novo de civilização – cultura e sociedade –, um estado de espírito ou uma arte de viver, que aparece e se desenvolve durante o Holoceno, com diferenças cronogeoculturais de vários milênios.

A Pré-História do Oriente Mediterrâneo, ao longo dos primeiros milênios do Holoceno, apareceu em alguns sítios de tal maneira diferente, com suas primeiras aglomerações, seus silos, suas efígies culturais, sucedendo o epipaleolítico, que se falou de uma *revolução* neolítica. As incertezas interpretativas que pesam sobre esta palavra *revolução* tornaram perigoso seu uso generalizado, mas não podem ocultar todos os aspectos inovadores dos Neolíticos do leste mediterrâneo, e de muitos outros no mundo em períodos sensivelmente contemporâneos ou pouco posteriores, como os primeiros pastores

de camelídeos nos Andes ou os primeiros agricultores na Meso-América. Finalmente, o Neolítico é caracterizado ou se define pelos modos sociais de produção econômica nas sociedades que se urbanizam e/ou dividem seu território em zonas de atividades especializadas. Em relação a isso, o Neolítico do Oriente mediterrânico é exemplar e provavelmente o mais antigo que houve, fazendo dessa região do mundo um fantástico “crescente fértil” onde se enraizam as religiões monoteístas e as civilizações antigas.

2.11.1 Neolítico do Oriente Próximo e Médio, ao Magreb e ao Saara

Foi a escavação de Jericó (Jordânia), nos anos 1950, que levou sua autora (K. Kenyon) a definir o Pré-Neolítico, que sucedeu a uma ocupação natufiense: inicialmente uma ocupação datada do 9º milênio antes de nossa era, caracterizada por elementos arquitetônicos de habitações com solo argiloso. A esse conjunto se sobrepunha um alto muro com torre (cerca de 8 m de altura) da ocupação do PPNA, com casas feitas em tijolos de barro cru. A fauna é ainda a de caça; uma cevada silvestre é sem dúvida cultivada e o trigo talvez já fosse domesticado. Após uma lacuna na ocupação do sítio, aparece o PPNB, com casas mais elaboradas, nas quais foram encontrados singulares crânios humanos, remodelados com cal. A alimentação de origem vegetal se enriquece com novas espécies e a fauna, sem dúvida (pré) domesticada, é composta de porcos e bois (além dos caprinos). A sequência de ocupações de Jericó continua em níveis neolíticos com cerâmica, dos quais o mais antigo é datado da primeira metade do 5º milênio antes de nossa era.

Entre as culturas pré-cerâmicas do Levante, perfeitamente estratificadas em Jericó, as PPNA e PPNB são reconhecidas principalmente na Palestina-Israel e na Síria. O PPNA, globalmente datado do fim do 9º milênio até a metade do 8º milênio antes de nossa era, apresenta, além das estruturas arquitetônicas que testemunham a urbanização nascente, em Munhata e em Nahal Oren (Israel), por exemplo, e incluindo sepulturas e representações simbólicas tais como os

crânios de touro, figuras femininas, como, por exemplo, no tell de Mureybet (Síria), também conjuntos líticos originais em relação aos epipaleolíticos: um microlitismo em regressão e tipos novos como pontas de flechas, como a ponta de Jericó ou a de El Khiam (Jordânia), machados e trinchas.

O PPNB, que sucede à fase anterior e dura até o fim do 7º milênio antes de nossa era, mostra uma elaboração arquitetônica das habitações mais avançada (como em Abu Gosh, Israel), por exemplo, os rebocos murais de cal, ritos funerários mais complexos (crânios sobremodelados), indícios mais sensíveis de domesticação (de caprinos), recursos vegetais cultivados cada vez mais diversificados, o polimento de rochas silíceas (sílex), e no final a criação de recipientes a base de cal, as primeiras cerâmicas na realidade. Novos tipos de pontas, de Amouq (Síria) ou de Biblos (Libano), por exemplo, se somam às pontas fabricadas anteriormente.

A sequência de ocupações do sítio de Munhata, em um terraço fluvial do Jordão, mostra entre o PPNA e o PPNB, uma ocupação relacionada ao Iarmuquiense (definido em Shaar Hagolan na margem direita do Yarmouk, Israel), integrando como no PPNA e no PPNB habitações construídas bem elaboradas. No Iarmuquiense, datado da segunda metade do 6º milênio antes de nossa era, nesta região do Jordão, foicinhas com dentes, mós, almofarizes, pilões etc., indicam práticas agrícolas e alimentares; lâminas de machado com gume polido são numerosas. A cerâmica, potes, jarros, tigelas etc., frequentemente decorada com incisões e/ou pintura, está bem atestada: os principais traços neolíticos estão reunidos.

No Irã, os sítios de Ali Kosh e de Djaffarabad mostram uma evolução cultural paralela à do Levante: inicialmente, ocupações neolíticas sem cerâmica, começando no 10º milênio e perdurando até o fim do 6º. Encontra-se em Ali Kosh construções arquitetônicas, com pisos lajeados, silos etc., figurinhas em argila, testemunhos da agricultura (cereais) e da domesticação (caprinos e ovicaprinos). Em seguida, as ocupações neolíticas típicas com cerâmica: na aglomeração de Ali Kosh, a cerâmica aparece desde o início do 8º milênio. Em Djaffarabad, ela está

presente na primeira ocupação, datada a partir do 5º milênio antes de nossa era.

Do Cuzistão, no sudoeste do Irã, provém uma série de peças suscetíveis de pertencer a ocupações neolíticas pré-cerâmicas ou/e neolíticas antigas (anteriores ao fim do 5º milênio antes de nossa era). Do sítio de Ali Kosh (ou Koch) no vale de Deh Luran, são as peças: um núcleo bipolar a lâminas (D73/6, fig. 58), um núcleo unipolar a lamelas (/9 34 b e c) e quatro lâminas quebradas (/9 34 a, d-f). A lâmina de foicinha denticulada de Djaffarabad (/8) pertence a uma das fases do Susiano (região de Susa) bem representado no sítio.

O Neolítico abarca toda a zona oriental do Mediterrâneo e do Saara, igualmente desde o 8º milênio antes de nossa era no Egito e no Sudão.

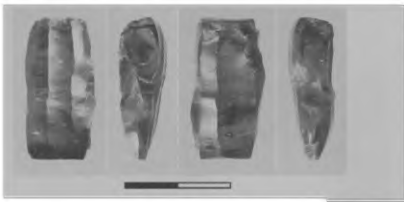


Fig. 58. Inv. D73 6. Núcleo a lâminas. Ali Kosh Deh Luran (Kurdistão).

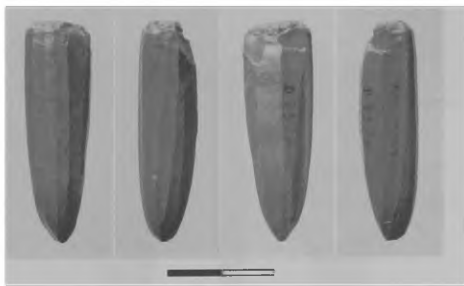


Fig. 59. Inv. D73 7. Núcleo a lamelas. Ali Kosh Deh Luran (Kurdistão).

A escavação do oásis de Fayum (Egito), nos anos 1930, resultou na definição de um Neolítico com cerâmica (vermelha ou negra), o Fayum A (representado por peças líticas da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio): datado da segunda metade do 5º milênio à primeira do 4º, ele exhibe os traços neolíticos marcantes como a cultura de cereais, mas não provavelmente a domesticação de animais.

Na África setentrional, o Neolítico emergiu desde o 7º milênio antes de nossa era: em uma

parte do Magreb, se desenvolveu uma cultura original, o *Neolítico de tradição capsense*. Pobre em cerâmica, mas rica em cascas decoradas de ovos de avestruz, esta cultura, que conta com um material de moagem abundante e conjuntos ósseos densos e líticos cada vez mais plenos de pontas de flechas, lâminas polidas de machados e trinchas, está, talvez, na origem da arte rupestre desta região norte-saariana.

Na zona saariana, se desenvolvem diversas fácies neolíticas. Alguns conjuntos encerram uma cerâmica (por vezes decorada com a famosa *dotted wavy line*) em abundância. Os conjuntos líticos apresentam frequentemente mais pontas de projéteis e menos lamelas com dorso e micrólitos do que no Magreb. As mais antigas ocupações neolíticas remontam ao 8º milênio antes de nossa era no Saara central e meridional (Aïr, Ahaggar), no 7º milênio no Saara central (Hoggar). Entre o 5º e o 3º milênios, a domesticação era nitidamente praticada nesta região saariana, durante uma fase úmida. A arte rupestre, relacionada ao Bovidiense, parece ser a brilhante ilustração da domesticação, em particular em Tassili-n-Ajjer.

2.11.2 Séries neolíticas do Oriente mediterrânico e do Magreb

A Coleção mediterrânica é rica devido a quatro séries muito densas e bem representativas, com 142 peças: a primeira série do Oriente Próximo, de Palestina-Israel, contém 60 peças dentre as quais a maioria proveniente de sítios de referência, Munhata e Abu Gosh. A segunda série apresenta uma homogeneidade cronocultural, o conjunto de Fayum A, no Egito. Uma boa parte das 34 peças possui qualidades tipológicas de primeira ordem. A terceira série do Oriente Médio, é pequena, com nove peças dentre as quais apenas um utensílio. Seu maior interesse vem de dois sítios iranianos relacionados, entre os mais importantes desta região. A quarta série provém indistintamente do Magreb e contém também, entre suas 39 unidades, peças notáveis, como as pequenas pontas de flecha bifaciais pedunculadas e com aletas da Tunísia.

A peça 65/1. 1, proveniente de Chipre, foi descrita por H. Sarian (Sarian 1967 p.21) : “Machado de pedra polida. Basalto de cor cinza, de corpo cônico arredondado nas duas faces. De forma bastante alongada, extremidade estreita e reta, tem a lâmina semi-circular e levemente achatada, com traços de uso. Comp. 19.5 cm. Enquadra-se, por estas características, no grupo IVc da classificação de Porphyrios Dikaios, Khirokitia, Final report on the excavation of Neolithic Settlement in Cyprus on behalf of the Department of Antiquities, 1939-1946 (Oxford Univ Press, London, 1953): 453, lám. LXXXIII. Machados deste tipo são comuns em Chipre do período Neolítico e foram encontrados especialmente nas escavações de Khirokitia, cuja cronologia pôde ser estabelecida por Porphyrios Dikaios (*op. cit.*, pp. 307-336, e SCE IV/IA, p. 204). Data: 4000-3600 anos a.C. (Período Neolítico IB-IIA).”



Fig. 60. Inv. D73 32. Furador/lâmina retocada. Munhata, Vale do Jordão, Israel.



Fig. 61. Inv. D73 26. Serra. Munhata, Vale do Jordão, Israel.



Fig. 62. Inv. D73 25. Microserras com lustro em lâmina com duas pontas. Munhata, Vale do Jordão, Israel.

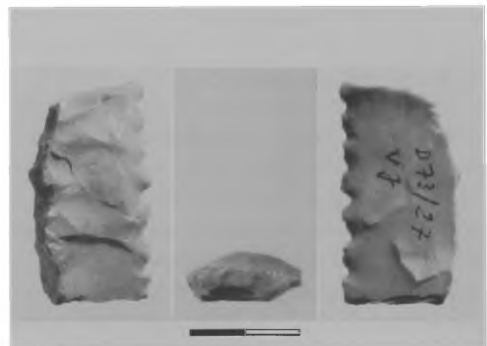


Fig. 63. Inv. D73 27. Denticulado/lâmina com dorso truncada. Munhata, Vale do Jordão, Israel.

A fase antiga do Neolítico pré-cerâmico está bem representada por 17 peças do sítio de Munhata no vale do Jordão: dois furadores, um sobre lâmina retocada (D73/32, fig. 60), o outro (/37) sobre ponta pedunculada quebrada, uma serra (/26, fig. 61) e duas micro-serras (/25, figs. 62 e 25'), uma denticulado sobre lâmina com dorso truncada (/27, fig. 63), uma lâmina bi-pontuda (/38, fig. 64), uma ponta sobre lâmina retocada (/41), duas pontas sobre lâminas quebradas (/30 e 31), três pontas de flecha pedunculadas e com aletas (/34 e 35, figs. 65 e 66, e 36), uma lâmina quebrada com retoque em toda a face inferior (/33), duas lascas retocadas (/28 e 29), uma lamela bruta (/24).

As oito peças marcadas Abu Gosh, sítio próximo a Jerusalém, pertencem ao PPNB característico, revelado neste sítio: uma ponta com pedúnculo trapezoidal e aletas (D73/44,

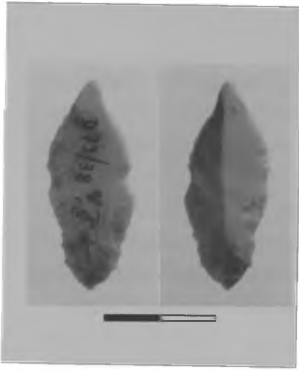


Fig. 64. Inv. D73 38. Biponta. Munhata, Vale do Jordão, Israel.

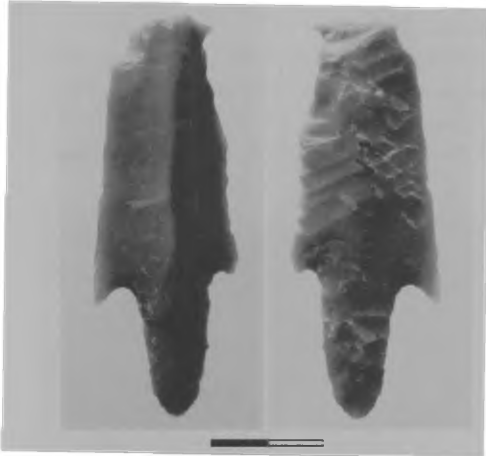


Fig. 65. Inv. D73 34. Ponta de flecha com pedúnculo e aletas. Munhata, Vale do Jordão, Israel.



Fig. 66. Inv. D73 35. Ponta de flecha com pedúnculo e aletas. Munhata, Vale do Jordão, Israel.

fig. 67), uma ponta retocada (inversa nos dois bordos) e pedunculada (/77, fig. 68), duas micro-serras inversas sobre lâminas (/39 e 40, fig. 69) um micro-furador sobre lâmina denticulada dupla (/46), uma lâmina quebrada com pedúnculo ou ponta (/45), um fragmento

bifacial quebrado mesial (/42), um *grattoir* sobre lasca parcialmente cortical (/43).

Algumas peças provenientes da mesma região neolítica podem pertencer a diversas fases do Neolítico sem que seja possível precisar uma fase, pois as informações estratigráficas

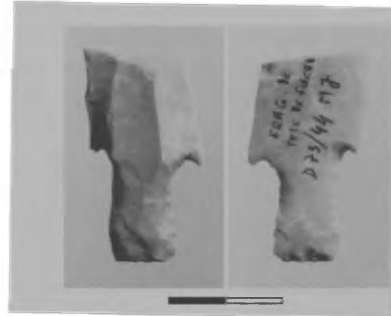


Fig. 67. Inv. D73 44. Ponta de flecha com pedúnculo e aletas. Abu Gosh, Israel.



Fig. 68. Inv. D73 77. Ponta de flecha com pedúnculo. Abu Gosh, Israel.



Fig. 69. Inv. D73 40. Micro-serra/lâmina. Abu Gosh, Israel.

ou culturais são insuficientes. São quatro fragmentos de núcleos de lamelas em obsidiana (D73/ 9 35 a,b,d e g) e três fragmentos de lâminas retocadas em obsidiana (/9 35 c, e e f) de Tabun (Israel); um núcleo de lamelas com dois planos de percussão ortogonais (D73/217), duas pontas pedunculadas (/206 e 207), um buril sobre truncatura (?), uma faca bifacial (/110), dois fragmentos mesiais (/216) de lâmina em obsidiana dos quais um (/214) micro-retocado, e uma lasca (/215) marcados "Palestina"; 14 peças do sítio de Hago Shirim na Alta Galiléia: uma ponta retocada (inversa) com pedúnculo (D73/21), uma lâmina bitruncada com dorso e micro-retocada (/85, fig. 70), uma lâmina truncada com bordos retocados (/86), uma micro-serra (direta) sobre lâmina bitruncada (/84), um *grattoir* sobre lasca (/16), um denticulado sobre lâmina retocada (/14), uma lâmina retocada (/87), seis lascas retocadas (/13, 15, 17-20), uma lâmina de machado talhada e parcialmente polida (/83) e, pertencendo talvez a um Neolítico mais recente, eventualmente final, uma lâmina de machado polida em rocha enegrecida granulosa (/82); uma foice ou lasca bitruncada retocada (/11)



Fig. 70. Inv. D73 85. Lâmina bitruncada com dorso. Hago Shirim Alta Galiléia, Israel.



Fig. 71. Inv. D73 102. Denticulado alternante/lâmina bitruncada. Galgala, Palestina.

de Geser (Israel), uma ponta pedunculada sem aleta (/97) de Kiriath el Ainab (Israel ?); uma serra sobre um bordo e um denticulado sobre o outro bordo de uma lâmina bitruncada e retocada (/103) e um mesmo utensílio duplo sobre lâmina igualmente bitruncada (/102, fig. 71) de Galgala (Palestina-Israel). Para fechar esta série neolítica de Israel, dispõe-se ainda de duas peças (/22, fig. 72, e /23) de um sítio do vale do Jordão, Neve Ur, fusaiolos em calcário (provável).

O Neolítico do Egito está representado por 34 peças inventariadas "Fayum A": seis foicinhas (ou facas, /134-139, fig. 73 -76), uma foicinha (ou faca) denticulada (D73/123, fig. 77) e duas outras



Fig. 72. Inv. D73 22. Fusaiolo em calcário. Neve Ur - Vale do Jordão, Israel.

atípicas (/140 e 148), uma peça triangular parcialmente bifacial com base truncada (/142, fig. 78), uma lâmina bifacial e denticulada quebrada (/124, fig. 79), um retângulo bifacial (/141, fig. 80), uma meia-coroa (/178, fig. 81), uma ponta bifacial com base retilínea (/122, fig. 82) e duas outras pontas bifaciais (/171 e 177), uma lasca bifacial foliácea (/179), uma ponta bifacial triangular com base côncava (/120, fig. 83), duas pontas bifaciais subtriangulares com base côncava (/119 e 121, fig. 84 e 85), duas pontas bifaciais subtriangulares com base côncava revelando duas longas aletas (/117 e 118), uma peça em T com gume

transversal e retoque unifacial (/143, fig.86), uma peça cortical quebrada com pedúnculo grande (/176), um buril de ângulo sobre lasca cortical (/180), três lamelas com dorso retocadas (/130, 131 e 133, fig. 87), uma lamela com dorso (/128), uma lamela retocada quebrada (/132) e uma lamela com bordo cortical (/129) um furador sobre

lâmina retocada (127, fig. 88), duas mechas de pua (125 e 126, fig. 89).

Trinta e nove peças neolíticas provêm da “África do Norte” ou da “Tunísia”, sem qualquer outra menção que permita qualificá-las geoculturalmente. Aqui está o seu inventário ordenado de acordo com suas características tecnopológicas:

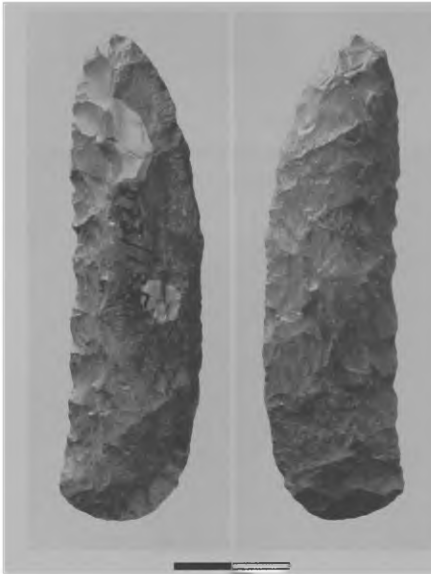


Fig. 73. Inv. D73 135. Faca. Fayun A, Egito.



Fig. 74. Inv. D73 136. Faca-foice. Fayun A, Egito.



Fig. 75. Inv. D73 139. Faca-foice. Fayun A, Egito.

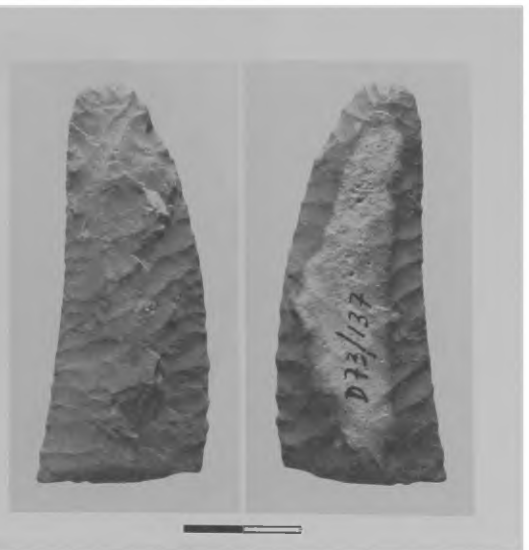


Fig. 76. Inv. D73 137. Foice bifacial. Fayun A, Egito.



Fig. 77. Inv. D73 123. Faca, lâmina denticulada. Fayun A, Egito.

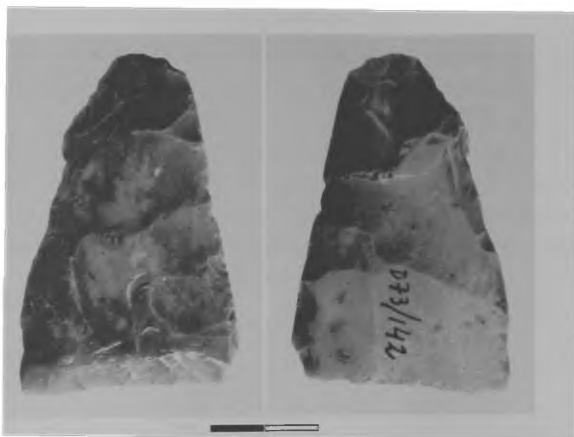


Fig. 78. Inv. D73 142. Triângulo com ápice arredondado e base com truncatura oblíqua. Fayun A, Egito.



Fig. 79. Inv. D73 124. Lâmina bifacial denticulada. Fayun A, Egito.



Fig. 80. Inv. D73 141. Retângulo bifacial. Fayun A, Egito.



Fig. 81. Inv. D73 178. Meia coroa ou croissant, bifacial. Fayun A, Egito.



Fig. 82. Inv. D73 122. Ponta bifacial de base retilinea. Fayun A, Egito.

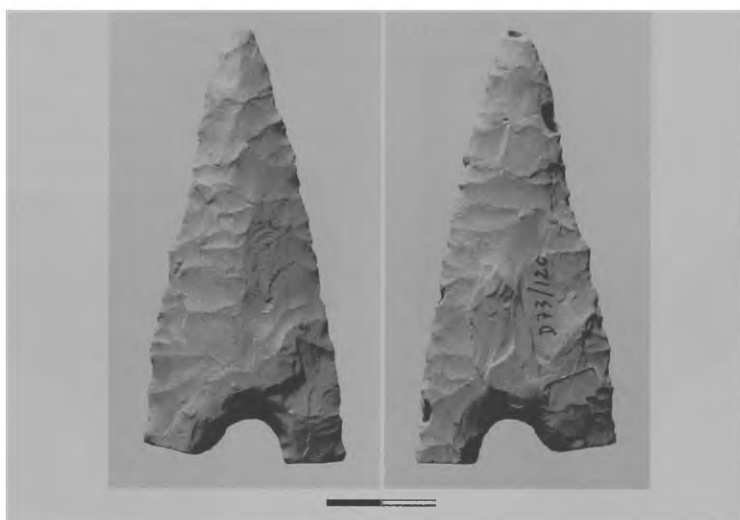


Fig. 83. Inv. D73 120. Ponta bifacial. Fayun A, Egito.



Fig. 84. Inv. D73 119. Ponta bifacial triangular de base côncava. Fayun A, Egito.

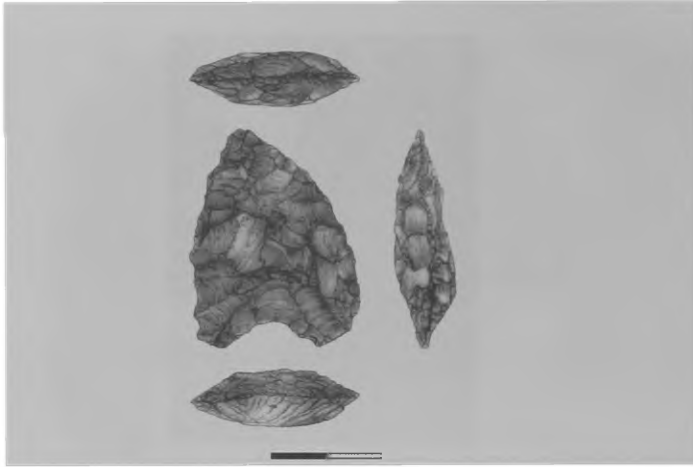


Fig. 85. Inv. D73 121. Ponta bifacial triangular de base côncava. Fayun A, Egito.

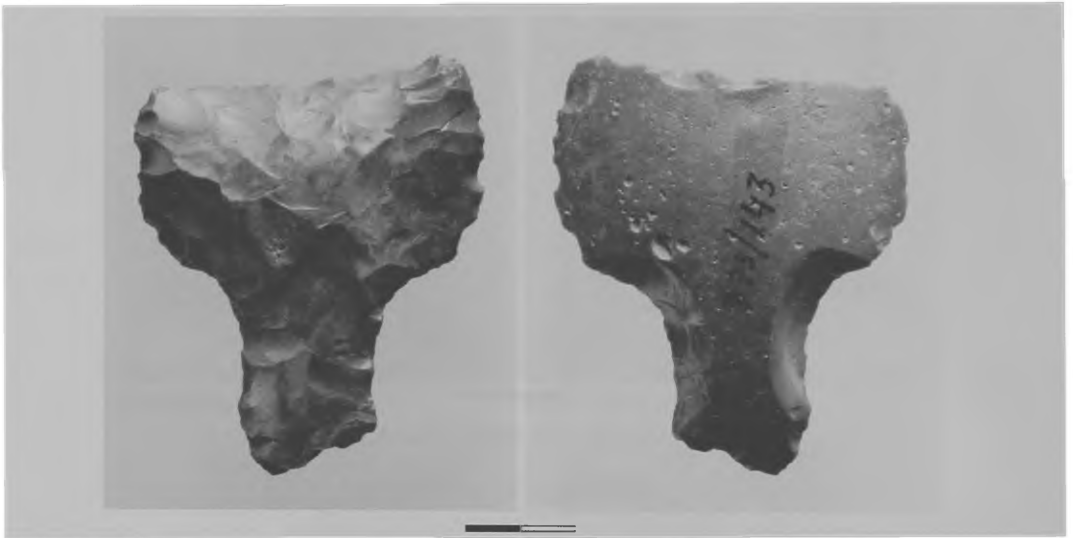


Fig. 86. Inv. D73 143. Peça em T com pedúnculo. Fayun A, Egito.

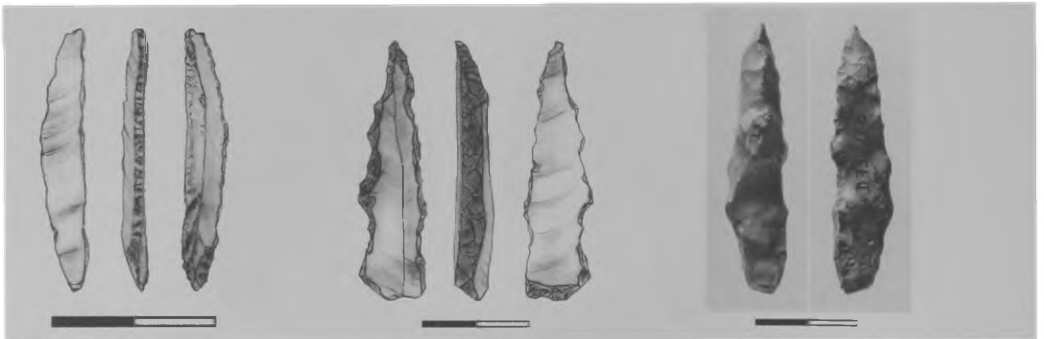


Fig. 87. Inv. D73 133. Lamela com dorso. Fayun A, Egito.

Fig. 88. Inv. D73 127. Fura-dor/lâmina retocada. Fayun A, Egito.

Fig. 89. Inv. D73 126. Mecha de pua triédrica. Fayun A, Egito.

da Tunísia, uma ponta bifacial losangular atarracada (D73/116), cinco pontas de flecha bifaciais pedunculadas (✓111-113, fig. 90, 114 e 115) das quais quatro com aletas; da África do Norte, uma ponta sublosangular (ou biponta) bifacial (D73/144, fig. 91), uma ponta bifacial quebrada (✓170) e uma ponta parcialmente bifacial (✓146), um *grattoir* sobre lâmina retocada (inversa) com trincadura convexa (✓149), um *racloir* duplo convexo (✓173, fig. 92), uma lâmina com dorso retocada (✓154), uma lâmina com dorso quebrada (✓166), uma lâmina truncada (✓151), uma lâmina retocada apontada (✓167) e uma lâmina apontada (✓160), cinco lâminas retocadas e um fragmento mesial de lâmina retocada (✓153, 161, 163, 164, 168 e 159), duas lamelas com dorso retocadas (✓150, fig. 93, 169), duas lamelas retocadas (✓156, 157), uma lasca com dorso (✓172), uma lasca parcialmente bifacial (✓145) e um fragmento mesial de lasca bifacial (✓147), uma lasca fragmentada com retoque envolvente unifacial (✓174), uma lasca retocada (✓175), cinco lâminas (✓150, 152, 155, 162 e 165) e uma lamela (✓158) apresentando microrretoques e/ou embotadas por utilização ou usura.



Fig. 90. Inv. D73 113. Ponta bifacial com pedúnculo e aletas. Akanien, Tunísia.



Fig. 91. Inv. D73 144. Ponta bifacial sub-losângica. África do Norte.

2.11.3 Neolítico da Europa

Bem representado nas *Coleções Mediterrâneo, Oriente Médio e Limur*, o Neolítico europeu possui provavelmente sua origem no Oriente medi-

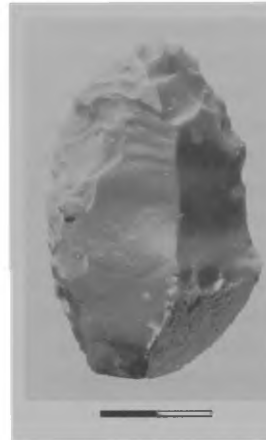


Fig. 92. Inv. D73 173. *Racloir* duplo convexo/lasca. África do Norte.



Fig. 93. Inv. D73 150. Lamela com dorso, retocada. África do Norte.

terrânico, precisamente na Anatólia, no decurso do 7º milênio antes de nossa era. Sua fase antiga, já com cerâmica, identificada já no 6º milênio nos Bálcãs (culturas de *Sesklo*), na Europa central (culturas de *Starcevo-Körös*) e na região mediterrânica ocidental (o *Cardeal*). Os tipos de cerâmicas e de suas decorações servem para distinguir manifestamente os grupos; por exemplo, as formas e decorações pintadas da cerâmica dos tipos Proto-Sesklo e Sesklo na Grécia e Macedônia são totalmente diferentes das formas e decorações impressas do *Cardeal*, distribuída ao longo do litoral mediterrânico da Itália até a Espanha e mesmo até Portugal e a costa atlântica francesa. Paralelamente à corrente *Cardeal*, ao sul, uma segunda corrente, o Danubiense, se irradia da Europa central até a Bacia parisiense durante o sexto milênio antes de nossa era.

Evidentemente, as culturas neolíticas se diferenciam também nos seus outros componentes, indústrias, habitações, tumbas, meios econômicos etc. Em seguida, o Neolítico Médio e depois o Neolítico Superior se diversificam intensamente em numerosas culturas ou conjuntos regionais (por exemplo, as diferentes fácies

do Chasseense na França). Todavia, a *Cerâmica Linear* (tipo de decoração) domina, durante o Neolítico Médio, a Europa central (onde este tipo aparecera na fase antiga) e ocidental. Neste mesmo vasto território, as grandes correntes do Neolítico recente, 4º milênio, são as de *Rössen*, de *Rubané* e da *Cerâmica pontilhada*.

Com o Neolítico recente, ao qual o *Calcolítico* sucede, ou com o qual se confunde em parte, a expressão pré-histórica da Europa se modifica definitivamente: as sociedades afirmam sua nova identidade, em seus comportamentos de produção de bens de consumo, a padronização de armas, utensílios, mobiliários domésticos, em sua urbanização e na organização de seus territórios. A Europa passa quase imperceptivelmente da Pré-história à História.

2.11.4 Séries do Neolítico da Europa da Coleção Mediterrâneo

Uma parte das 42 peças abrangidas provém de Portugal e da Itália e consiste do Neolítico, *stricto sensu*; uma outra, de Portugal, é indistintamente atribuível ao Neolítico-Calcolítico em função da imprecisão que pesa sobre suas proce-
dências estratigráficas ou cronoculturais.

Da região do Alto Alentejo (Portugal meridional), destacam-se: três fragmentos de lâminas de machados polidas (68/3. 168-170), um fragmento de disco em rocha granulosa (196), mas são rejeitados, por falta de evidências de uma intervenção humana, quatro fragmentos de rochas diversas (149, 194, 195 e 197).

Outras dez peças são originárias da Serra do Monsanto (Portugal), nenhuma apresentando traços tipológicos discriminantes: além de um entalhe sobre lasca (145) e um outro sobre uma lasca retocada (149), existem uma lâmina e uma lasca retocadas (167 e 146) bem como seis lascas brutas (148, 150-152, 161 e 166).

As 12 peças de Gargano, na Apúlia (Itália), são atribuídas ao Neolítico: uma ponta bifacial com pedúnculo de forma subblosangular de Lecce (64 / 1. 77, fig. 94), comparável ao de Gargano (76 fig. 95), uma ponta bifacial pedunculada (64 / 1. 75), uma ponta bifacial longa e delgada com uma reentrância de estran-

gulamento no terço inferior (69), uma ponta pedunculada com retoques bifaciais (70, fig. 96), uma lâmina pedunculada quebrada distal (67), uma ponta-furador sobre lâmina (68), um *grattoir* de tipo unguiforme sobre lasca (72), uma lâmina e um fragmento mesial de lâmina (65 e 69), um núcleo de pequenas lascas e uma calota de núcleo (74 e 73), um machado talhado (bifacial), em sílex, apresentando duas pequenas reentrâncias simétricas no terço inferior (71). A mesma atribuição ao Neolítico, pode ser pensada para uma ponta bifacial pedunculada e com aletas e uma lâmina de machado polida em rocha negra de um sítio de Brescia (Toschiesa d'Iseo, 64 / 1. 85 e 84) e igualmente para uma lâmina de machado polida em rocha negra de uma palafita do lago de Garda (64 / 1. 87).

As cinco peças de Teramo, Valle della Vibrata, referem-se ao Neolítico-Calcolítico: um machado talhado em rocha verde (64 / 1. 59), um trapézio com base côncava (58, fig. 97), três lamelas brutas (55-57). O mesmo pode ser dito das peças de Bari e aquelas da Calábria: uma faca bifacial com um bordo

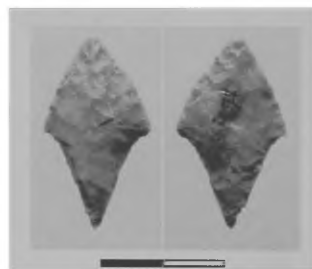


Fig. 94. Inv. 64/1.77. Ponta de flecha bifacial com pedúnculo. Gargano, Apúlia, Itália.

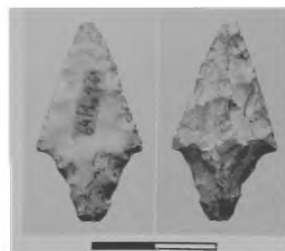


Fig. 95. Inv. 64/1.76. Ponta de flecha bifacial com pedúnculo. Gargano, Apúlia, Itália.

convexo e outra côncavo-retilínea, uma faca bifacial quadrangular (64 / 1. 78, fig. 98, e /80) e um fragmento bifacial com bordo denticulado (/79) de Bari; uma lâmina de machado polida em rocha verde e um disco espesso (64 /1. 83 e "Z") da Calábria.

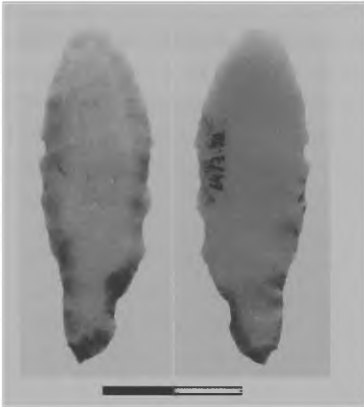


Fig. 96. Inv. 64/1.70. Ponta com pedúnculo. Gargano, Apúlia, Itália.

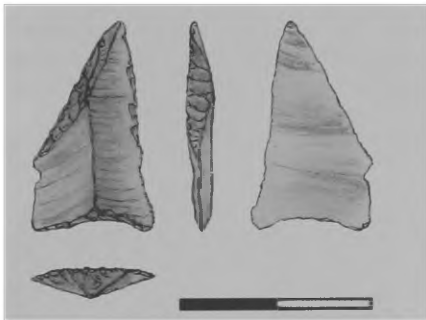


Fig. 97. Inv. 64/1.58. Trapézio de base côncava. Polesini, Itália.

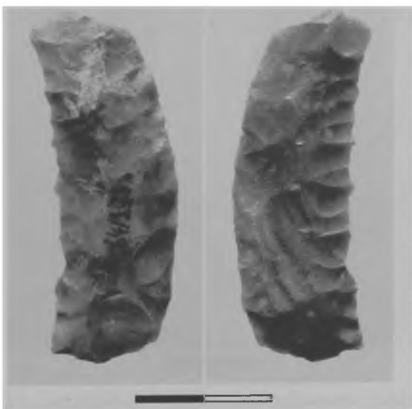


Fig. 98. Inv. 64/1.78. Faca. Bari, Itália.

A essas peças é necessário acrescentar uma peça cuja origem se perdeu, mas cujo número de inventário permite considerá-la como pertencente à série de origem italiana: uma ponta sublosangular unifacial (retoques envolventes sobre uma só face (64 /1. 61).

2.11.5 Séries do Neolítico da Europa da Coleção Limur

As peças atribuídas ao Neolítico da França e mais amplamente da Europa representam a parte mais importante da *Coleção Limur*. Muitas dentre elas se beneficiam de uma proveniência precisa, por exemplo, aquelas advindas do famoso cromleque (perímetro megalítico formado de pedras erguidas ou menires) de Er-Lannic na Bretanha. Neste sítio do golfo de Morbihan, atualmente submerso em parte (pela subida do oceano), formado por dois círculos de menires (cerca de 80), as ocupações do Neolítico Médio estão bem caracterizadas por dois tipos de cerâmicas decoradas, de um lado pelo Chasseense, de outro lado pelo Castelic, datando dos 4º e 3º milênios antes de nossa era. Entretanto, uma parte das séries neolíticas da *Coleção Limur* sofre da imprecisão das origens cronoculturais e/ou geográficas, de maneira que a sua caracterização permanece genérica, como "neolítica" ou ainda mesmo mais vasta, como "neolítica-calcolítica"

O Neolítico bretão marcado pelo Megalitismo, com menires, dólmenes, cromleques, às vezes com alinhamentos espetaculares, várias centenas em Carnac (Morbihan), apresenta uma série de belas peças: três lâminas de machados polidas (4295, fig. 99, 4296 e 4368) de Carnac (Morbihan); uma lâmina de machado polida (3895), um *grattoir* sobre lasca (4268), uma lâmina com reentrância (4138) e uma lasca (4269) de Er-Lannic (Morbihan); duas lâminas de machados polidas (4301 e 4304) de Guevern (Morbihan); três lâminas de machados polidas (4298, 4309 e 4337) e uma peça quebrada indeterminada (4312) da Bretanha.

Algumas peças pertencem a sítios do centro da França: uma ponta com retoque envolvente unifacial (4184) e um fragmento proximal de lâmina grande com bordo retocado (4262) do

Grand-Pressigny (Indre-e-loire), sítio famoso desde o Paleolítico por suas jazidas de sílex de excelente qualidade para lascamento e talhe, sítio também célebre por suas oficinas de talhe datadas do Neolítico final; uma lâmina de machado polida (4264), um picão campigniano (4219, fig. 100), e, talvez, um *racloir* (4077), uma lâmina e uma lasca com bordo micro-retocado (4146 e 4059), uma lasca retocada (4062) de Girolles (Loiret); uma lâmina de machado talhada em preparação (4073), talvez dois *grattoirs* (4079, 4084), uma lâmina (4072) de Huisseau (Loiret). Da Bacia parisiense, se exhibe: uma lâmina de machado polida (4067) e um picão campigniano (4058) de Cérilly (Yonne), bem como uma lâmina de machado polida (4070) da floresta de Onche (Yonne), uma lâmina de machado

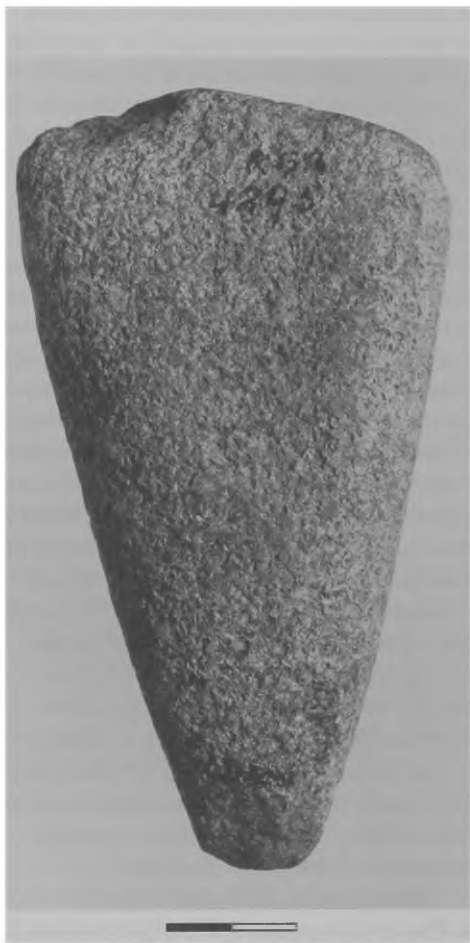


Fig. 99. Inv. 4295 379. Lâmina de machado polida. Carnac, Morbihan, França.

talhada (4259) de Catenoy (Oise), uma lâmina de machado talhada em preparação (4055, fig. 101) de Combe de Basse (Marne ?) e, talvez, um picão (4139) oriundo de Paris.

Atribuíveis ao Neolítico e/ou Calcolítico, são peças marcadas “Europe”, uma lâmina de machado polida (4380), “França” um picão (4328), dez lâminas de machados polidas (4290, 4318, 4321-4324, 4327, 4333, 4334, 4336), um picão campigniano (4275), ilustrado por A. Vilhena de Moraes em seu estudo (*op. cit.*, foto 11, p. 94), proveniente de um sítio francês etiquetado “Lanquais, Dordogne” um outro picão (4057) proveniente da Dordonha, também uma lâmina de machado polida (4307) marcada “Herm” uma réplica em gesso de uma lâmina de machado lascada (4065), da Bélgica, talvez também uma cunha (4288) bem como uma lasca (4064) e duas lâminas (4113 e 4143) provenientes da Dinamarca e uma outra cunha (4110) proveniente de Schleswig-Holstein (Alemanha). A mesma atribuição ampla pode ser dada a peças sem menção de proveniência: uma ponta de flecha pedunculada com aletas (3969, fig. 102) e uma ponta ogival bifacial com pedúnculo largo (3968, fig. 103), uma



Fig. 100. Inv. 4219 353. Picão campignien. Girolles, Loiret, França.

e outra lembrando tipos do Oriente mediterrânico e do Magreb-Saara, uma lâmina de machado talhada em preparação (4073, fig. 104), três lâminas de machados polidas (768, 3966 e 4330, figs. 105 e 106), três lâminas de machados talhadas (4212, 4215 e 4313), um pequeno machado votivo de rocha verde (4311), uma trincha com retoques parcialmente bifaciais (3993, fig. 107),

um disco espesso perfurado (4402), um almofariz com duas cúpulas diametralmente opostas (4366/4403), um meio-disco espesso perfurado (4364/4401, fig.108), uma bola com ranhura equatorial (4380, fig. 109), uma pedra polida com duas cúpulas diametralmente opostas, tipo “quebra coquinho” (4367, fig.110) que poderia pertencer à série de peças americanas (infra).



Fig. 101. Inv. 4055 367. Lâmina de machado lascada. Combe Basse, Bois de Marne, França.



Fig. 102. Inv. 3969 284. Ponta de flecha com pedúnculo e aletas. Pensilvânia, Estados Unidos.

Fig. 103. Inv. 3968 283. Ponta de flecha com pedúnculo. Pensilvânia, Estados Unidos.



Fig. 104. Inv. 4073 371. Lâmina de machado lascada. Huisseau, Loir-et-Cher, França.



Fig. 105. Inv. 3966 404. Lâmina de machado polida. França.



Fig. 106. Inv. 4330 428. Lâmina de machado polida. França.

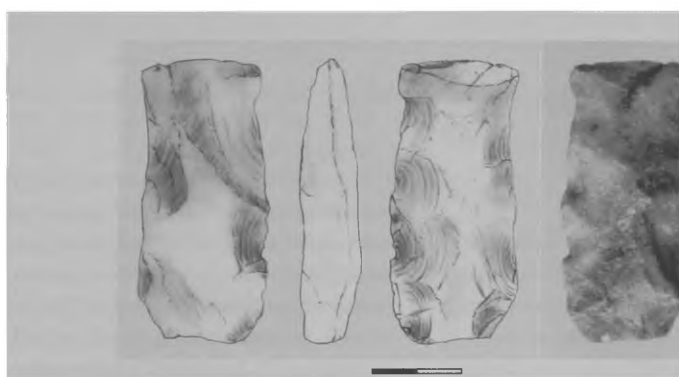


Fig. 107. Inv. 3993 357. Trincha bifacial. La Ganterie, Côte-du-Nord, França.



Fig. 108. Inv. 4364 427 4401. Disco-metade. França.

Fig. 109. Inv. 4380'. "Bola" com sulco. Europa.

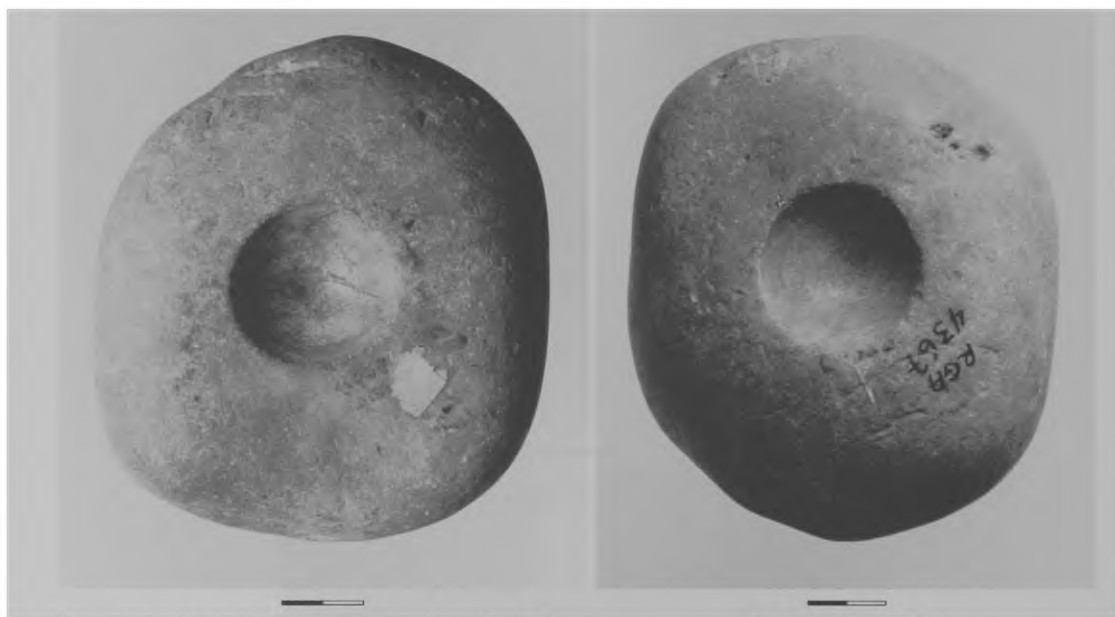


Fig. 110. Inv. 4367 431. Peça polida com duas cúpulas diametralmente opostas: "quebra-coquinho". Europa.

2.12 Calcolítico

A aparição de objetos metálicos, armas, ferramentas, adornos e elementos do vestuário, representa sem dúvida alguma uma grande novidade técnica e econômica na escala da evolução das populações pré-históricas. Com a utilização de metais para a fabricação de objetos em moldes, os processos de padronização indus-

trial se instalam e levam a uma especialização cada vez mais forte das cadeias de produção com todas as incidências que isto implica para a organização das sociedades e sobre a criação de novos ofícios em locais especializados. Esta novidade, concebida como revolucionária entre os pioneiros das pesquisas na Europa e no Oriente Próximo, no último terço do século XIX, foi ordenada em três Idades, de acordo com os

dados cronoestratigráficos então adquiridos: a *Idade do Cobre*, ou *Calcolítico*, a *Idade do Bronze* e por fim a *Idade do Ferro*. Devido à posição intermediária destas Idades entre a pré-história neolítica e as primeiras civilizações antigas, circum-mediterrânicas, um reagrupamento conceitual foi proposto e ainda permanece útil, o de *Protohistória*.

Essa delimitação ideal que estava acalentada pela habitual ilusão ora pela continuidade dos fenômenos arqueológicos descritos ora pela linearidade universal da Pré-História, evidentemente desmoronou, mesmo se suas grandes linhas permanecerem válidas para certas regiões para onde esse corte havia sido definido. De fato, as diferenças cronológicas da aparição do uso de metais no mundo são importantes. Além disso, a utilização de metais não é um fenômeno universal, não mais do que a escrita, por exemplo, o que torna evidentemente inválida a extensão deste esquema interpretativo da Pré-História final ou de *antes da-História* fora das zonas onde ele foi efetivamente aplicado. Entre elas se encontra o Oriente mediterrânico e a Europa, de onde procedem algumas peças das *Coleções Mediterrâneo - Oriente Médio e Limur*.

2.12.1 Calcolítico no Oriente Próximo e na Europa

A presença de objetos de cobre nos conjuntos arqueológicos é invocada para dar o *status* de Calcolítico para sociedades ainda profundamente neolíticas. A análise comparativa dessas sociedades do Neolítico final levou alguns a considerar como igualmente calcolíticas algumas dentre elas onde os objetos de cobre estão ausentes, mas que apresentam os traços distintivos (habitações em aldeias, recipientes de cerâmica, estatuária humana, tumbas, pastoreio – porcos, caprinos, bovinos – e culturas – trigo, cevada, lentilha) daquelas estritamente calcolíticas. As primeiras ocupações calcolíticas são datadas do 4º milênio antes de nossa era, ou a partir do fim do 5º milênio em alguns sítios, por exemplo, em Teleilat el-Ghassoul na Jordânia, próximo de Jericó, onde foi definido o *Gassuliense*, ou Bersheva em Israel. Enxós,

cinzéis, trinchas, machados e outras ferramentas para trabalhar as madeiras são característicos dos conjuntos líticos Gassulienses. O cobre utilizado nas diversas aglomerações de Bersheva (ou Bersheba na grafia das peças da coleção Mediterrâneo), era importado da Transjordânia.

No Egito, a primeira fase calcolítica é datada da segunda metade do 4º milênio a.C. Conhecida pelo nome de Gerzeano, definida no sítio de El Gerzeh (Baixo Egito), essa fase mostra não apenas a utilização do cobre, mas também a do ouro, da prata, e do chumbo. Deve-se notar que alguns objetos de cobre e de ouro (adornos) já existiam nos conjuntos de uma cultura precedente, o Amratiano no Médio e Alto Egito, datado da primeira metade do 4º milênio. Em definitivo, existe praticamente um sincronismo entre a aparição e o desenvolvimento do Calcolítico nas duas regiões vizinhas do Oriente Próximo.

As minas de cobre de Rudna Glava na Sérvia e de Ai Bunar, na Bulgária, são exploradas desde o Neolítico Recente e estão, durante o 4º milênio, na origem das mais antigas culturas calcolíticas da Europa, na região balcânica, as de *Vinca-Plocnik* e *Gumelnita*, com objetos metálicos, adornos (ouro), machados (cobre). No norte da Europa se desenvolveu durante o mesmo período outra cultura calcolítica, denominada das *Taşas Afuniladas*. As fases Média e Recente do Calcolítico difundiram por toda a Europa uma grande diversidade de formas originais, bem como tumbas (entre as quais os megalitos da Europa ocidental) e cerâmicas antes de se fundir ou dar lugar ao Bronze Antigo.

2.12.2 Séries do Calcolítico da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio

Cabe aqui ressaltar que, devido às imprecisões que pesam sobre as origens de uma parte das peças da *Coleção*, a divisão entre o que remete ao Neolítico e o que remete ao Calcolítico nem sempre é possível (a cerâmica seria melhor do que o lítico para a identificação de proveniência cultural). Assim, várias peças líticas possivelmente calcolíticas já foram inventa-

riadas na apresentação do Neolítico (supra). As peças mantidas aqui são incontestavelmente ou muito provavelmente calcolíticas.

Do sítio epônimo do Gassuliense, Teleilat Ghassul, provêm: três lâminas de machados talhadas e parcialmente polidas em sílex (D 73/12, 78 e 79). O sítio de referência de Bersheba está representado por peças características: um trapézio bifacial (D 73/95, fig. 111), um picão triédrico (/93, fig. 112), uma lâmina de machado talhada sobre lasca, cujo bisel foi obtido pelo lascamento e cujo talão é cortical (/96, fig. 113) e um disco bifacial sobre lasca com talão liso (/94). Duas outras lâminas de machados talhadas e parcialmente polidas são originárias de dois sítios inventariados como calcolíticos (mas não identificados por nós), D 73/81 de Khar e D 73/80 de El Gib.

2.12.3 Série do Calcolítico da Coleção Limur

Nenhuma peça dessa coleção pode ser atribuída com segurança ao Calcolítico; várias peças da França já foram reagrupadas em um lote “Neolítico-Calcolítico”. Para o Oriente Próximo, apenas as peças marcadas “Tebas” no Egito seriam passíveis de serem consideradas calcolíticas: um *racloir* sobre lâmina espessa cortical e retocada sobre um bordo (4045), uma lâmina com dorso retocada (4046), uma lasca laminar cortical microrretocada (4044), uma lâmina (4048) e uma lasca espessa com resíduo cortical (4047).

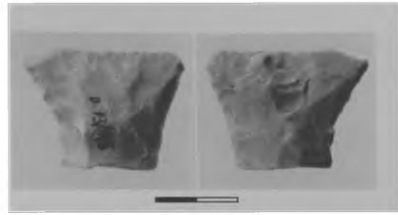


Fig. 111. Inv. D73 95. Fragmento de peça bifacial. Bersheba, Palestina.

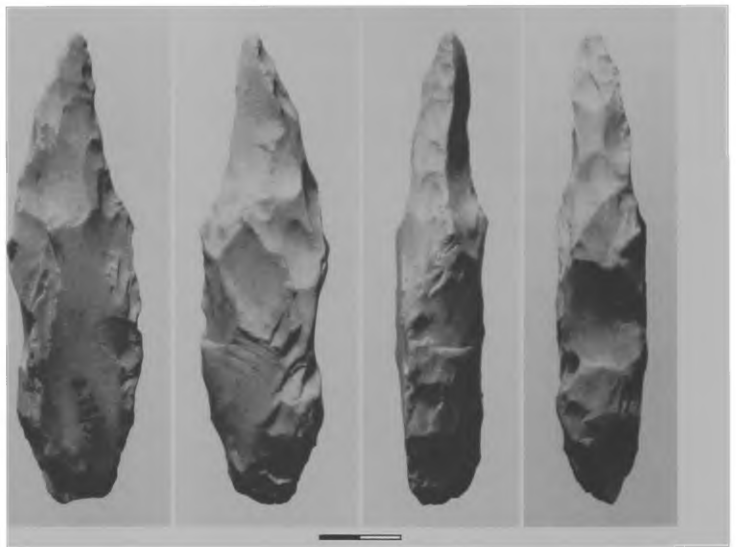


Fig. 112. Inv. D73 93. Picão triédrico. Bersheba, Palestina.



Fig. 113. Inv. D73 96. Lâmina de machado lascada. Bersheba, Palestina.

2.13 Peças pré-históricas americanas da Coleção Limur

Uma pequena série lítica americana comporta peças tecnicamente notáveis, mas cujas origens são muito imprecisas para permitir qualquer tipo de identificação cultural ou cronológica. Eis aqui o inventário ordenado do norte para o sul do continente.

2.13.1 Peças dos Estados Unidos

Tendo como procedência a Pensilvânia (leste dos EUA), há uma ponta de flecha pedunculada (3968) e uma ponta de flecha pedunculada com aletas (3969) e do estado vizinho, Kentucky, temos uma lâmina parcialmente bifacial em rocha vulcânica e uma lâmina microrretocada em andesito (4043 e 4034). Uma ponta de flecha pedunculada (4175) é originária da região de Salt Lake (Utah), a oeste dos EUA. Enfim, marcadas “América do Norte” (que não autoriza *a priori* a exclusão do México), há uma peça bifacial, com retoque plano, em forma de lâmina de machado (4040), uma lasca subtriangular retocada em sílex (4040), uma pequena *folha* com retoque envolvente unifacial (4042, fig. 114), um picão retocado em suas duas faces e parcialmente polido (4039) em sílex, de acordo com a classificação d’A. V de M (*op. cit.* p. 93). Por suas técnicas de retoques e suas formas, todas estas peças poderiam proceder de culturas do Paleo-Índio norte-americano.

2.13.2 Peças do México

A série comporta peças em obsidiana com grande qualidade técnica que podem, elas também, pertencer a culturas do tipo Paleo-Índio: três núcleos de lamelas por lascamento de pressão (3957, 3958, fig. 115, 3960, fig. 116), uma metade de ponta bifacial (3961, fig. 117), uma parte proximal pedunculada de peça (ponta ?) bifacial (3962), um fragmento mesial de lâmina bifacial (3964) e duas lamelas (3959 A e B).

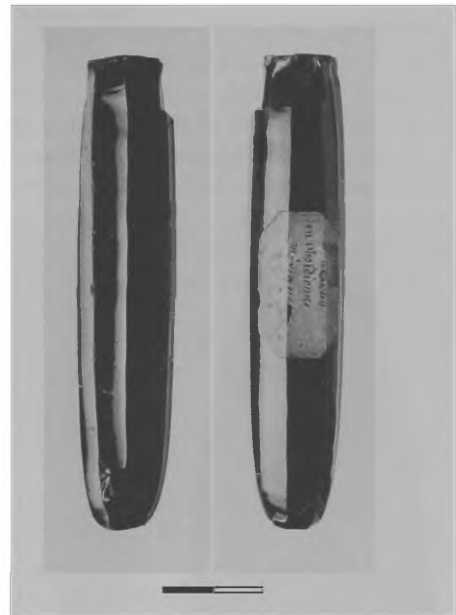


Fig. 115. Inv. 3958 318. Núcleo de lamelas. Charnay, Tenen, México.

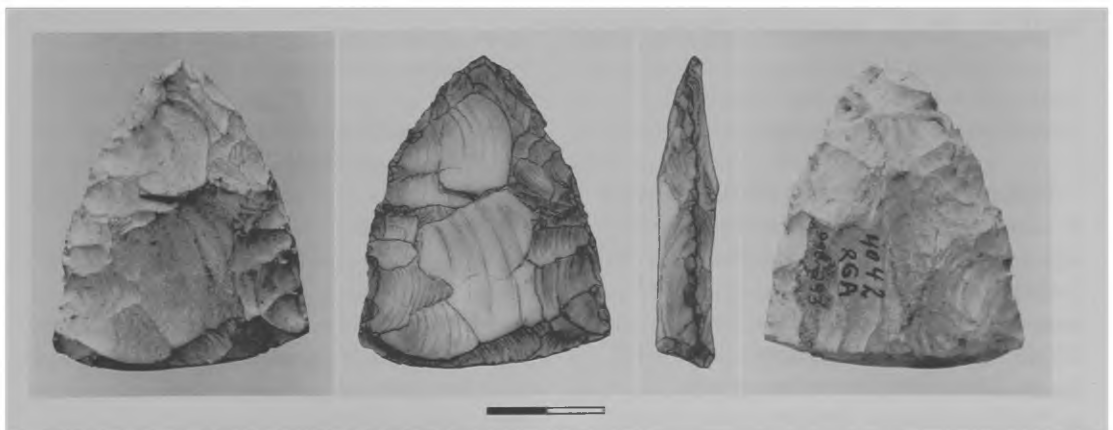


Fig. 114. Inv. 4042 293. Folha. América do Norte.

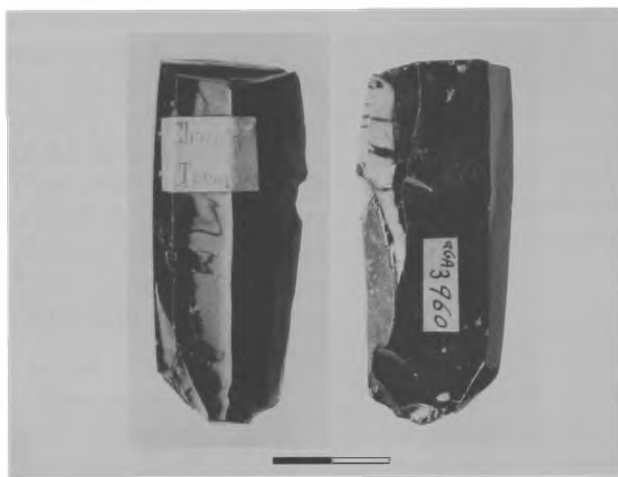


Fig. 116. Inv. 3960 321. Núcleo de lamelas.
Charnay, Tenen, México.



Fig. 117. Inv. 3961 322. Ponta bifacial. Charnay, Tenen, México.

2.13.3 Outras peças americanas

Uma plaqueta de xisto (3967), sem traços de intervenção humana e quatro pequenos seixos (2 cm de diâmetro) de rocha vulcânica (4420), considerados polidores para cerâmica de acordo com A. Vilhena de Moraes (1972/73), enfim uma plaqueta com bordos denticulados (3955) foram etiquetadas “Baixo Peru” sem outros detalhes; com a mesma proveniência três pontas bifaciais mais ou

menos alongadas (sobre lâminas) com extremidade distal quebrada (3949, 3951 e 3953); uma ponta bifacial pedunculada (sobre lâmina) com extremidade distal quebrada (3952); um fragmento mesial de peça bifacial (sobre lâmina em obsidiana 3964); uma plaqueta laminar com bordos retocados (3967). Além dessas peças antes mencionadas, uma peça sem qualquer indicação sobre a procedência (4367), classificável como “quebra-coquinho” poderia, por esta razão, ser americana. Mas, afirmar

isto, seria ultrapassar os limites do razoável. Assim, essa peça faz parte do conjunto de peças líticas das *Coleções Limur – Mediterrâneo - Oriente Médio* inventariadas separadamente (*infra*).

Conclusão

O interesse histórico, científico e museológico das *Coleções Limur, Mediterrâneo e Oriente Médio* é excepcional: são peças típicas da tecnologia lítica mais universal que existe, numa escala que abrange praticamente quase toda a Pré-história e são procedentes dos mais importantes sítios de referência, como aqueles escavados no primeiro século das pesquisas pré-históricas, inaugurado no vale da Somme, no norte da França, desde os anos 1840-60.

As grandes classificações culturais feitas antes do final do século XIX apóiam-se, principalmente, nas indústrias líticas reveladas nesses sítios que se tornaram epônimos. Os bifaces de Saint-Acheul forjaram a definição do Acheulense, as foices de Fayum a do Calcolítico no Oriente-Médio. As peças aqui reunidas cobrem, assim, a história constitutiva da Pré-história e de suas subdivisões: as maiores como o Paleolítico, o Mesolítico, a Proto-história (Idade dos metais); as mais específicas como o Magdaleniense ou o Solutrense.

É um privilégio didático apresentar no museu de Arqueologia e Etnologia de uma das maiores universidades da América Latina peças tão famosas e importantes da pré-história da Europa ocidental, abrangendo desde a periferia do Mediterrâneo até o Oriente-Médio, além de belíssimas peças pertencentes igualmente à pré-história americana: é por isso que os principais instrumentos e armas de pedra, inventados por diversas humanidades pré-históricas de há mais de um milhão de anos, aparecem de maneira ordenada e em relação estreita com os conhecimentos atuais, visíveis e inteligíveis.

A pedra marca toda a pré-história, desde suas mais antigas origens, mais do que qualquer outro material trabalhado pelos homens, em razão evidente de sua quase que total potencialidade de conservação. Compreender as formas dadas pelos pré-históricos aos

seus utensílios de pedra, considerar as suas mudanças tecnológicas, avaliar a sua evolução cultural, perceber as suas especificidades industriais/tecnológicas regionais, é finalmente conhecer toda a Pré-história dos comportamentos técnicos, os mais fundamentais e constantes dos homens pré-históricos.

A pesquisa das melhores rochas para talhar e lascas visando a obtenção de múltiplos fragmentos nas formas desejadas, lascas, lâminas e também minúsculas lamelas é visível na diversidade das peças reunidas nessa prestigiosa *Coleção*, que vai de densos quartzitos a ultra-cortantes obsidianas, compreendendo também uma ampla variedade de sílex. O domínio das técnicas de talhe e lascamento das rochas de qualidade inferior, exploradas quando só elas eram acessíveis aos homens pré-históricos, é igualmente apreciável e testemunha generosamente a inteligência previsional e prática dos pré-históricos na transformação de materiais brutos em objetos.

Dessa relação profunda do Homem com a matéria, revelada por todas essas peças líticas, aparece a evolução do cérebro. O cérebro dos homens modernos da Pré-história da qual nós todos, atuais Sapiens, descendemos diretamente, é infinitamente mais complexo e performante, inovador, que o dos primeiros fabricantes de utensílios. Entre os seixos transformados provenientes do Paleolítico Inferior, em Portugal e os núcleos a lamelas do paleoíndio na América do Norte, dos bifaces acheulenses às folhas de louro, peças bifaciais do solutrense, graças a todos esses utensílios característicos das grandes culturas que atravessaram o tempo dos pré-históricos no mundo inteiro, mede-se o desenvolvimento do cérebro, o aumento regular de suas competências práticas e racionais.

Finalmente, a esplêndida *Coleção* reunida pela Universidade de São Paulo dará a todo visitante, assim como a todo arqueólogo, uma imagem completa e surpreendente da dimensão intelectual e criadora dos homens da Pré-história. Seus utensílios de pedra tornam próximos de nós e compreensíveis suas atividades técnicas e seus comportamentos econômicos e sociais.

Agradecimentos

Expressamos nossa profunda gratidão ao apoio sempre muito receptivo de nossas colegas do MAE, Maria Isabel D'Agostino Fleming e Célia Maria Cristina Demartini, proporcionando excelentes condições para a análise das coleções que se encontravam no período de estudo seja em vitrines seja nas reservas. Ao Sr. Luiz Carlos Borges Pinto por sua gentileza e disposição facilitando o acesso e a guarda das coleções

na reserva técnica. Ao colega e amigo Professor Gilson Rodolfo Martins, agradecemos pela sua dedicação espontânea na leitura e revisão cuidadosa da tradução do texto tornando sua forma final mais acessível. A Denise Dal Pino, pelos desenhos aprimorados, por sua excelente leitura tecnológica. A Cida Santos, pela organização e zelo no tratamento iconográfico das fotografias. Esse estudo é dedicado aos leitores voltados ao conhecimento dos primeiros homens e de suas culturas através de seus instrumentos de pedra.

Referências bibliográficas

- BAILEY, G.N. (Ed.)
1983 *Hunter Gatherer Economy in Prehistory. An European Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BORDES, F.
1961 *Typologie du Paléolithique ancien et moyen*. Bordeaux: Delmas.
1968 *Le Paléolithique dans le monde*. Paris: Hachette.
- BOSINSKI, G.
1985 *Der Neandertaler und seine Zeit*. Cologne: Rheinland Verlag.
1990 *Homo sapiens, l'histoire des chasseurs du Paléolithique supérieur en Europe*. Paris: Errance
- BRYAN, A.A.
1986 *New evidence for the Pleistocene peopling of the Americas*. Orono: Center for Study of Early Man.
- CAMPS, G.
1990 *Manuel de Recherche Préhistorique*. Paris: Doin.
- CHAVAILLON, J.
1996 *L'âge d'or de l'humanité. Chroniques du paléolithique*. Paris: Odile Jacob.
- CLARK, G.
1977 *World Prehistory in New Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, (3e édit.).
- COPPENS, Y.; Picq, P.
2001 *Aux origines de l'humanité*. Paris: Fayard, 2 vols.
- DESBROSSE, R.; Kozlowski, J.
2001 *Les habitats préhistoriques*. Paris: éditions CTHS.
- FAGAM, B.M.
1991 *Ancient North America: the archaeology of a continent*. London, New York: Thames and Hudson.
- DJINDJIAN, F.; OTTE, M.; KOZLOWSKI, J.
1997 *Le paléolithique supérieur en Europe*. Paris: Armand Colin.
- GAMBLE, C.
1989 *The Palaeolithic settlement of Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GARANGER, J. (Ed.)
1992 *La Préhistoire dans le monde*. Paris: « Nouvelle Clio », PUF.
- GUILAINE, J. (Ed.)
1992 *La Préhistoire d'un continent à l'autre*. Paris: Larousse.
- IHERING, H.von
1917 O Museu Paulista nos anos de 1913, 1914 e 1915. *Revista do Museu Paulista*, 10: 3-12.
- HUBLIN, J.-J.
1995 *Les Hommes préhistoriques*. Paris: Hachette.
- KING, M.E.
1984 Museums, archaeology and the public. *Curator*, 27 (4): 298-307.
- LEROI-GOURHAN, A. et al.
1988 *Dictionnaire de la Préhistoire*. Paris: PUF.
- LOUBOUTIN, C.
1990 *Au Néolithique, les premiers paysans du monde*. Paris: « Découvertes Gallimard ».
- MAY, F.
1986 *Les Sépultures préhistoriques*. Paris: Editions du CNRS.
- MOHEN, J.-P.; TABORIN, Y.
1998 *Les Sociétés de la Préhistoire*. Paris: Hachette.

- MOURE-ROMANILLO, A.; SANTOS YANGUAS, J.; ROLDAN, J.M. (Eds.)
1991 Prehistoria e Historia antigua. In: *Manual de Historia de España*. Madrid: Ed. Historia 16.
- OTTE, M.
1996 *Le Paléolithique ancien et moyen en Europe*. Paris: Armand Colin.
- OTTE, M.; VIALOU, D.; PLUMET, P.
2003 *La Préhistoire*. Bruxelles: De Boeck Université.
- PALMA DI CESNOLA, A.
1996 *Le Paléolithique inférieur et moyen en Italie*. Grenoble: Jérôme Million.
2001 *Le Paléolithique supérieur en Italie*. Grenoble: Jérôme Million.
- PIVETEAU, J.
1991 *La main et l'hominisation*. Paris: Masson.
- RENAULT-MISKOVSKI, J.
1991 *L'environnement au temps de la Préhistoire*. Paris: Masson.
- SARIAN, H.
1967 A coleção Cipriota do MAE. *Dédalo*, Revista de Arte e Arqueologia, São Paulo, ano III, n.º 6: 19-30.
1999 Curadoria sem curadores? *Anais da 1ª Semana dos Museus da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão: 33-35.
- SIMÕES DE PAULA, E.
1965 Crônica do Museu. *Dédalo*, Revista de Arte e Arqueologia, São Paulo, ano I, Vol. I, n.º 1: 29-31.
- SOFFER, O.
1987 *The Pleistocene Old World Regional Perspectives*. New York: Plenum Press.
- SOFFER, O.; GAMBLE, C. (Eds.)
1990 *The World at 18 000 B.P.*, vol. 1 High Latitudes, vol. 2 Low Latitudes. London.
- SOFFER, O.; PRASLOV, N.D. (Eds.)
1993 *From Kostenki to Clovis: Upper Paleolithic Paleo-Indian Adaptations*. Plenum Press.
- VIALOU, D.
1991/2006 *La Préhistoire*. "L'univers des Formes" Paris: Gallimard.
1998 *Prehistoric Art and Civilization*. New York: H.N. Abrams, Inc..
- VIALOU, D. et al.
2004 *Dictionnaire de la Préhistoire*. Paris: Robert-Laffont.
- VILHENA DE MORAES, A.
1972/73 Estudo do material lítico da coleção "Límur" do Museu Paulista. *Revista do Museu Paulista*, N.S. vol. XX: 33-107.
- VILHENA VIALOU A.
1986 *Tecno-tipologia das indústrias líticas do sítio Almeida em seu quadro natural, arqueo-etnológico e regional*. Universidade de São Paulo, Museu Paulista, Instituto de Pré-História. São Paulo.
2000 Algumas observações sobre a terminologia e tecnologia lítica brasileira: problemas atuais. In: Kern, A. A. et al. (Eds.) *Sociedades Ibero-americanas: reflexões e pesquisas recentes*. Porto Alegre, EDIPUCRS: 345-361.

Anexos

Anexo 1

Inventário da Coleção Limur								
Nº RGA	0800	Outro Nº	Nº Duplo	Figuras	Tipo	Sítio / Localidade	Departamento	Pais - Continente
422	481	77			lâmina de machado lascada	Carnac	Morbihan	França
768	366				lâmina de machado polida			
1298	43			12	biface ogival			Europa
1299	44				biface			Europa
3877	281				ponta foliácea			
3884	332				furador em lasca			
3895	377				lâmina de machado polida	Cromlech d'Er Lannic	Morbihan	França
3915	282				ponta foliácea			
3916	123				lâmina apontada com retoque plano			
3948					biface			
3949	149				peça bifacial			Peru
3951	150				peça bifacial			Peru
3952	152				ponta bifacial			México
3953	151				peça bifacial			Peru
3955	95				plaqueta denticulada			Peru
3956	245				lamela distal		Dordogne	França
3957	317				núcleo de lamelas			México
3958	318			115	núcleo de lamelas	Charnay	Tenen	México
3959	320	b			lamela	Charnay	Tenen	México
3959'	319	a			lamela	Charnay	Tenen	México
3960	321			116	núcleo de lamelas	Charnay	Tenen	México
3961	322			117	ponta bifacial	Charnay	Tenen	México
3962	323				ponta bifacial com pedúnculo	Charnay	Tenen	México
3964	324				lâmina bifacial mesial	Charnay	Tenen	México
3965	246				lamela		Mediterrâneo	França
3966	404			105	lâmina de machado polida			
3967	397				plaqueta retocada			Peru
3968	283			103	ponta de flecha com pedúnculo		Pensylvânia	Estados Unidos
3969	284			102	ponta de flecha com pedúnculo e aletas		Pensylvânia	Estados Unidos
3970	335	14			furador sobre lasca com reentrância	Thenay	Loir-et-Cher	França

Anexo 1 (cont.)

Inventário da Coleção Limur

Nº RGA	0800	Outro Nº	Nº Duplo	Figuras	Tipo	Sítio / Localidade	Departamento	Pais - Continente
3971	336			33	furador	Thenay	Loir-et-Cher	França
3972	337				micro furador	Thenay	Loir-et-Cher	França
3973	154				lâmina retocada	Tilly	Vienne	França
3974	339	17			furador em lasca	Thenay	Loir-et-Cher	França
3975	340				lasca retocada	Thenay	Loir-et-Cher	França
3976	341				lasca com reentrância	Thenay	Loir-et-Cher	França
3977	325				lasca escama	Thenay	Loir-et-Cher	França
3978	326				lasca	Thenay	Loir-et-Cher	França
3979	29				biface	St-Acheul	Somme	França
3980	50				lasca denticulada - bordo de núcleo	St-Acheul	Somme	França
3981	356				biface	Tilly	Vienne	França
3982	285				biface	Tilly	Vienne	França
3983	30				biface	Chantevour	Allier	França
3984	36				biface	Tilly	Vienne	França
3985	45				biface	La Gantez		França
3986	46				biface	La Gantez		França
3987	47				biface	La Gantez		França
3988	21				uniface	La Ganterie	Côte-du-Nord	França
3989	97				racloir em lasca retocada	La Ganterie	Côte-du-Nord	França
3990	51				lasca utilizada	La Ganterie	Côte-du-Nord	França
3991	98				lasca utilizada	Conneville	Oise	França
3992	155				lasca de bordo micro-desgatado	La Ganterie	Côte-du-Nord	França
3993	357			107	trincha bifacial	La Ganterie	Côte-du-Nord	França
3994	156				lâmina	La Ganterie	Côte-du-Nord	França
3995	358				truncatura em lasca retocada	La Ganterie	Côte-du-Nord	França
3996	359				lasca retocada	La Ganterie	Côte-du-Nord	França
3997	37	42			biface	Langeais	Indre-et-Loire	França
3998	15	43		13	machadinha (<i>hachereau</i>)		Garonne	França
3999	23				biface	Preuilly sur Glaise	Indre-et-Loire	França
4001	31				biface	Thenay	Loir-et-Cher	França
4002	41				biface		Sarthe	França

Anexo 1 (cont.)

Inventário da Coleção Limur

Nº RGA	0800	Outro Nº	Nº Duplo	Figuras	Tipo	Sítio / Localidade	Departamento	País - Continente
4003	24				biface "abbeviliense"	Paris, Grenelle	Seine	França
4004	22				biface	Neuilly	Seine	França
4005	16	51			lasca retocada com reentrâncias	Clichy	Seine	França
4006	38				biface	Clichy	Seine	França
4006'	52				lasca retocada com reentrância	Clichy	Seine	França
4007	157				lâmina com microrretoques	Levallois	Seine	França
4008	53				lasca retocada	Levallois	Seine	França
4009	42				biface	St-Acheul	Somme	França
4010	39			8	biface	St-Acheul	Somme	França
4011	11				núcleo de lâminas e lamelas	St-Acheul	Somme	França
4013	48				biface	Abbeville	Somme	França
4014	54				lasca	Abbeville	Somme	França
4015	158				lasca laminar	Abbeville	Somme	França
4016	19				biface	Belmonte	Poitou	França
4017	286				ponta	Conneville	Oise	França
4018	25				biface			Europa
4019	55				ponta arqueada	Moustier	Dordogne	França
4020	56				lasca retocada	Moustier	Dordogne	França
4021	342				lasca retocada	Moustier	Dordogne	França
4022	287				ponta mousteriense	Moustier	Dordogne	França
4023	57				<i>racloir</i> em lasca retocada	Moustier	Dordogne	França
4024	288				ponta mousteriense	Moustier	Dordogne	França
4025	289				<i>racloir</i> convexo	Moustier	Dordogne	França
4026	290				lâmina	Moustier	Dordogne	França
4027	58				lasca retocada	Moustier	Dordogne	França
4028	59				<i>racloir</i> em lâmina com dorso cortical	Moustier	Dordogne	França
4029	17	73			<i>racloir</i>	Moustier	Dordogne	França
4030	60				lasca microrretocada	Moustier	Dordogne	França
4031	99				<i>grattoir</i> atípico	Moustier	Dordogne	França
4032	159				lasca com reentrância	Moustier	Dordogne	França
4033	61				lasca	Moustier	Dordogne	França

Anexo 1 (cont.)

Inventário da Coleção Limur								
Nº RGA	0800	Outro Nº	Nº Duplo	Figuras	Tipo	Sítio / Localidade	Departamento	País - Continente
4034	291				lâmina microrretocada		Kentucky	Estados Unidos
4035	96				lâmina truncada			
4036	160				lâmina truncada	Gabes		Tunísia
4037	153				peça bifacial pedunculada			Palestina
4038	161				lâmina com crista	La Madeleine	Dordogne	França
4039	347				picão			América do Norte
4040	292				peça bifacial			América do Norte
4040	62				lasca retocada			América do Norte
4041	162				lâmina com bordos usados	Langeais	Indre-et-Loire	França
4042	293			114	folha			América do Norte
4043	294				lâmina parcialmente bifacial		Kentucky	Estados Unidos
4044	63				lasca laminar microrretoque	Tebas		Egito
4045	64				racloir em lâmina retocada	Tebas		Egito
4046	65				lâmina retocada com dorso cortical	Tebas		Egito
4047	327				lasca			Egito
4048	163				lâmina			Egito
4049	164				lâmina	Gabes		Tunísia
4049'	137				grattoir duplo sobre lâmina	Gabes		Tunísia
4050	328				lasca micro-desgastada	Yzeures ou Yzeste	Indre	França
4050'					grattoir em lasca retocada			
4051	66				lasca retocada bitruncada			França
4052	67				lasca retocada			França
4053	6				lasca			França
4054	68				lasca retocada	Preuilly sur Glaise	Indre-et-Loire	França
4055	367			101	lâmina de machado lascada	Combe Basse	Bois de Marne	França
4056	35				lasca retocada		Dordogne	França
4057	348				picão		Dordogne	França

Anexo 1 (cont.)

Inventário da Coleção Limur

Nº RGA	0800	Outro Nº	Nº Duplo	Figuras	Tipo	Sítio / Localidade	Departamento	País - Continente
4058	349				picão	Cerilly	Yonne	França
4059	360				lasca retocada micro-denticulada	Girolles	Loiret	França
4060	361				lasca retocada bifacial	Thenay	Loir-et-Cher	França
4061	100				<i>grattoir</i> em lasca	Chateau- rouge	Oise	França
4062	69				lasca retocada	Girolles	Loiret	França
4063	247				lasca microrretocada	Bruniquel	Tarn-et- Garonne	França
4064	70				lasca	Anholt		Dinamarca
4065	368				lâmina de machado lascada			Bélgica
4066	32				biface		Loir-et-Cher	França
4067	369				lâmina de machado polida	Cerilly	Yonne	França
4068	424				picão-lamina de machado bifacial			
4069	26				biface "abbeyvillense"	Sherd Hill March		Inglaterra
4070	370				lâmina de machado polida	Forêt d'Onche	Yonne	França
4072	165				lâmina	Huisseau	Loir-et-Cher	França
4073	371			104	lâmina de machado lascada	Huisseau	Loir-et-Cher	França
4074	71				lasca com bordo usado	Conneville	Oise	França
4075	101				<i>grattoir</i> arqueado	Ribeyrol		França
4076	72				<i>racloir</i>	Conneville	Oise	França
4077	73				<i>racloir</i>	Girolles	Loiret	França
4078	248				lasca	Conneville	Oise	França
4079	102				<i>grattoir</i>	Huisseau	Loir-et-Cher	França
4080	343				lasca retocada	Gorge d'Enfer	Dordogne	França
4081	74				<i>racloir</i> em lasca retocada	Pierrefitte	Allier	França
4082	75				lasca	Laugerie- Basse	Dordogne	França
4083	76				lasca retocada	Tilly	Vienne	França
4084	103				<i>grattoir</i>	Huisseau	Loir-et-Cher	França
4085	77				<i>racloir</i> retilíneo em calota de seixo			França
4086	329				lasca			França

Anexo 1 (cont.)

Inventário da Coleção Limur								
Nº RGA	0800	Outro Nº	Nº Duplo	Figuras	Tipo	Sítio / Localidade	Departamento	País - Continente
4087	104				<i>grattoir</i> subcircular em lasca			França
4088	105				<i>grattoir</i>			França
4089	106				lasca retocada			França
4090	78				lasca retocada			França
4091	79				lasca microrretocada			França
4093	107				lasca subcircular microrretocada			França
4094	80				<i>racloir</i>			França
4095	81				lasca com bordo desgastado	La Madeleine	Dordogne	França
4095'	249			40	buril duplo de ângulo	La Madeleine	Dordogne	França
4096	108			37	<i>grattoir</i> circular	La Ganterie	Côte-du-Nord	França
4097	295				lâmina retocada	Bruniquel	Tarn-et-Garonne	França
4098	110				<i>grattoir</i> semi-circular	Gorge d'enfer	Dordogne	França
4099	109				<i>grattoir</i>	Laugerie-Haute	Dordogne	França
4100	344				ponta		Seine	França
4101	82				lasca	La Madeleine	Dordogne	França
4102	83				lasca retocada	Bédeilhac	Ariège	França
4103	166				lâmina	Montguillin	Oise	França
4104	111				<i>grattoir</i>	Conneville	Oise	França
4105	139				<i>grattoir</i> em lasca bordos desgastados	Conneville	Oise	França
4106	112				lasca retocada		Dordogne	França
4107	167				lâmina	Bruniquel	Tarn-et-Garonne	França
4108	203				lâmina fragmento	La Madeleine	Dordogne	França
4109	168				lâmina com base retocada	La Madeleine	Dordogne	França
4110	365				cunha	Schlewig-Holstein		Alemanha
4111	169				lâmina quebrada	Laugerie-Basse	Dordogne	França
4112	113				<i>grattoir</i> em lasca retocada	St. Martin d'Ardèche	Ardèche	França
4113	170				lâmina			Dinamarca
4114	171				lâmina	Laugerie-Haute	Dordogne	França

Anexo 1 (cont.)

Inventário da Coleção Limur

Nº RGA	0800	Outro Nº	Nº Duplo	Figuras	Tipo	Sítio / Localidade	Departamento	País - Continente
4115	172				lâmina quebrada	Laugerie-Haute	Dordogne	França
4116	124				<i>grattoir</i> em lâmina retocada	Laugerie-Haute	Dordogne	França
4117	173				lâmina	Laugerie-Haute	Dordogne	França
4118	174				lâmina distal	Laugerie-Haute	Dordogne	França
4119	175		4270 g		lâmina mesial microrretocada	Laugerie-Haute	Dordogne	França
4120	84				lasca retocada	St. Aubin	Yonne	França
4121	330				lasca triangular	La Madeleine	Dordogne	França
4122	85				lâmina	La Madeleine	Dordogne	França
4123	176				lâmina quebrada	La Madeleine	Dordogne	França
4124	177				lâmina quebrada	La Madeleine	Dordogne	França
4125	178				lasca laminar plana	La Madeleine	Dordogne	França
4126	179				lâmina fragmento	Laugerie-Haute	Dordogne	França
4127	180				lâmina	Laugerie-Haute	Dordogne	França
4128	181				lâmina	Laugerie-Haute	Dordogne	França
4129	331				lasca	Laugerie-Haute	Dordogne	França
4130	182				lâmina	Laugerie-Haute	Dordogne	França
4131	183				lasca	Laugerie-Haute	Dordogne	França
4132	185				lâmina	Laugerie-Haute	Dordogne	França
4133	362				ponta bifacial	Thenay	Loir-et-Cher	França
4134	184				lâmina com retoque inverso e micro-usada	Thenay	Loir-et-Cher	França
4135	125				<i>grattoir</i> duplo - lâmina microrretocada	Paris	Seine	França
4136	140				lâmina	Laugerie-Basse	Dordogne	França
4137	186				lâmina	Tawon	Garonne	França

Anexo 1 (cont.)

Inventário da Coleção Limur

Nº RGA	0800	Outro Nº	Nº Duplo	Figuras	Tipo	Sítio / Localidade	Departamento	País - Continente
4138	187				lâmina com reentrância	Cromlech d'Er Lannic	Morbihan	França
4139	350				picão	Paris	Seine	França
4140	86			31	<i>racloir</i> duplo em lâmina bitruncada	Paris	Seine	França
4141	188				lâmina	Paris	Seine	França
4142	126				<i>grattoir</i> em lâmina retocada	St. Aubin	Yonne	França
4143	189				lâmina			Dinamarca
4144	190				lâmina proximal com reentrância	Langeais	Indre-et-Loire	França
4145	87				lasca		Loir-et-Cher	França
4146	191				lâmina micro usada com reentrância	Girolles	Loiret	França
4147	88				ponta levallois	Girolles	Loiret	França
4148	192				lâmina retocada	Menton	Ligúria	Itália
4149	193				lâmina	Loweyre		França
4150	194				lâmina		Côte d'Or	França
4151	141				buril diedro e <i>grattoir</i>	Les Eyzies	Dordogne	França
4152	195				lâmina	Laugerie- -Basse	Dordogne	França
4153	127			35	<i>grattoir</i> em lâmina	La Madeleine	Dordogne	França
4154	250			32	ponta de la Gravette	Menton	Ligúria	Itália
4155	114			36	<i>grattoir</i> nucleiforme subcircular	Badefols ou Badjols	Dordogne	França
4156	196				lâmina	Badefols ou Badjols	Dordogne	França
4157	197				lâmina proximal micro-usada	Badefols ou Badjols	Dordogne	França
4158	198				lâmina	Bruniquel	Tarn-et- -Garonne	França
4159	296				lasca triangular	Bruniquel	Tarn-et- -Garonne	França
4160	199				lâmina	Thenay	Loir-et-Cher	França
4161	142				buril	Badefols ou Badjols	Dordogne	França
4162	200				lâmina	Pech de L'Azé	Dordogne	França
4163	128				<i>grattoir</i> em lâmina retocada	Saligny	Allier	França

Anexo I (cont.)

Inventário da Coleção Limur

Nº RGA	0800	Outro Nº	Nº Duplo	Figuras	Tipo	Sítio / Localidade	Departamento	País - Continente
4164	201				lasca retocada	Levallois	Seine	França
4165	129				<i>grattoir</i> em lâmina	La Madeleine	Dordogne	França
4166	297				lâmina com crista microrretocada	La Madeleine	Dordogne	França
4167	251				lamela	La Madeleine	Dordogne	França
4168	202				lasca	La Madeleine	Dordogne	França
4170	130				<i>grattoir</i> em lâmina com bordo desgastado	La Madeleine	Dordogne	França
4171	205				lâmina	Thenay	Loir-et-Cher	França
4172	206				lâmina	Hargicourt		França
4173	298				folha de louro	Solutré	Saône-et-Loire	França
4174	89				lasca com reentrância	Solutré	Saône-et-Loire	França
4175	299				ponta de flecha pedunculada	Iago Salé	Colorado	Estados Unidos
4176	300				lasca micro-usada	La Bussière	Vienne Poitou	França
4177	131			45	<i>grattoir</i> em lâmina retocada	La Bussière	Vienne Poitou	França
4178	252				lamela	La Bussière	Vienne Poitou	França
4178	207				lâmina com bordos usados	La Bussière	Vienne Poitou	França
4179	208				lâmina com bordos usados	La Bussière	Vienne Poitou	França
4180	345				furador - bico sobre lasca	Thenay	Loir-et-Cher	França
4181	90				lasca	Thenac	Charente	França
4182	301				folha de louro	Solutré	Saône-et-Loire	França
4183	302			46	folha de louro	Solutré	Saône-et-Loire	França
4184	303				ponta unifacial	Grand Presigny	Indre-et-Loire	França
4185	253				lasca	Figuiet	Ardèche	França
4186	304				ponta moustériense	Menton	Ligúria	Itália
4187	115			22	ponta arqueada - <i>racloir</i> duplo	Chez Pourré	Corrèze	França

Anexo 1 (cont.)

Inventário da Coleção Limur

Nº RGA	0800	Outro Nº	Nº Duplo	Figuras	Tipo	Sítio / Localidade	Departamento	Pais - Continente
4188	204				lâmina	Thenay	Loir-et-Cher	França
4189	346				furador em lasca retocada	Thenay	Loir-et-Cher	França
4191	351				lâmina com crista retocada			
4192	305				folha de louro	Solutré	Saône-et-Loire	França
4193	306			47	folha de louro	Solutré	Saône-et-Loire	França
4194	307				folha de louro	Solutré	Saône-et-Loire	França
4195	143			42	buril diedro e <i>grattoir</i>	Perigueux	Dordogne	França
4196	132				<i>grattoir</i> em lâmina microrretocada	Laugerie-Basse	Dordogne	França
4197	133				<i>grattoir</i> em lâmina retocada	Les Eyzies	Dordogne	França
4198	144				lasca retocada	Les Eyzies	Dordogne	França
4199	254				queda de buril	Bruniquel	Tarn-et-Garonne	França
4200	255				lamela	Bruniquel	Tarn-et-Garonne	França
4201	308			48	folha de louro	Laugerie-Haute	Dordogne	França
4202	209				lâmina denticulada	Pierrefitte	Allier	França
4203	91				<i>grattoir</i>	Thenay	Loir-et-Cher	França
4204	145				buril			
4206	256				lamela	Bruniquel	Tarn-et-Garonne	França
4207	257				lamela microrretocada	Bruniquel	Tarn-et-Garonne	França
4208	258				lamela	Bruniquel	Tarn-et-Garonne	França
4209	210				<i>racloir</i>	Gros		França
4211	20				biface			França
4212	372				lâmina de machado lascada			
4213	4				núcleo			França
4214	27				biface	Girolles	Loiret	França
4215	373				lâmina de machado lascada			
4216	92				lasca retocada	Gros		França
4218	352				biface	Girolles	Loiret	França

Anexo 1 (cont.)

Inventário da Coleção Limur

Nº RGA	0800	Outro Nº	Nº Duplo	Figuras	Tipo	Sítio / Localidade	Departamento	País - Continente
4219	353			100	picão campignien	Girolles	Loiret	França
4220	7				bloco percutido	Langeais	Indre-et-Loire	França
4221	18				lasca retocada	Langeais	Indre-et-Loire	França
4222	309				lasca retocada	Menton	Liguria	Itália
4223	211				lâmina com bordos microusados			
4224	212				lâmina			
4225	213				lâmina			
4226	214				lâmina			
4227	215				lâmina com reentrância - bordos micro-usados			
4228	310				ponta espessa inteira retocada	Tilly	Vienne	França
4229	93				ponta moustériense	Tilly	Vienne	França
4230	311		21		ponta moustériense	Chez Pourré	Corrèze	França
4231	312				lasca retocada	Menton	Liguria	Itália
4232	5				núcleo globular			França
4233	259				lâmina mesial retocada	Menton	Liguria	Itália
4234	313		20		ponta moustériense	Menton	Liguria	Itália
4235	260				lamela	Poisat ou Poigard	Indre	França
4236	261				lamela	Poisat ou Poigard	Indre	França
4237	262				lamela	Poisat ou Poigard	Indre	França
4238	263				lamela	Poisat ou Poigard	Indre	França
4239	264				lamela	Poisat ou Poigard	Indre	França
4240	265				lamela	Poisat ou Poigard	Indre	França
4241	266				lamela com dorso	Poisat ou Poigard	Indre	França
4242	270				queda de buril	Poisat ou Poigard	Indre	França
4243	2				bloco percutido	Langeais	Indre-et-Loire	França
4245	405		4282		percutor		Dordogne	França

Anexo 1 (cont.)

Inventário da Coleção Limur

Nº RGA	0800	Outro Nº	Nº Duplo	Figuras	Tipo	Sítio / Localidade	Departamento	Pais - Continente
4251	217				lâmina			
4252	12			30	núcleo de lâminas e lamelas	Robri-Hills		Inglaterra
4253	13				núcleo de lamelas	Robri-Hills		Inglaterra
4254	14				lasca bordo de núcleo de lâminas e lamelas	Les Eyzies	Dordogne	França
4255	216				lâmina retocada	Bruniquel	Tarn-et-Garonne	França
4256	117				<i>grattoir</i>	Langeais	Indre-et-Loire	França
4257	116			28	núcleo piramidal de lasca	Menton	Liguria	Italia
4259	374				lâmina de machado lascada	Catenoy	Oise	França
4261	33				biface			Inglaterra
4262	218				lâmina retocada	Grand Pres-signy	Indre-et-Loire	França
4263	28				biface	Doures		França
4264	375				lâmina de machado polida	Girolles	Loiret	França
4265	49				biface			Inglaterra
4266	118				lasca microrretoque			Irlanda
4267	3				biface			Inglaterra
4268	119				<i>grattoir</i> em lasca laminar	Cromlech d'Er Lannic	Morbihan	França
4269	332				lasca	Cromlech d'Er Lannic	Morbihan	França
4270	267	a			lasca	Bruniquel	Tarn-et-Garonne	França
4270	268	b			lamela	Bruniquel	Tarn-et-Garonne	França
4270	269	c			lamela	Bruniquel	Tarn-et-Garonne	França
4270	271	d			lasca laminar	Bruniquel	Tarn-et-Garonne	França
4270	272	e			lamela microrretocada	Bruniquel	Tarn-et-Garonne	França
4270	273	f			lasca laminar	Bruniquel	Tarn-et-Garonne	França
4270	274	g			lâmina distal	Bruniquel	Tarn-et-Garonne	França
4271	275				lamela			Europa
4272	34				biface			Inglaterra

Anexo 1 (cont.)

Inventário da Coleção Limur

Nº RGA	0800	Outro Nº	Nº Duplo	Figuras	Tipo	Sítio / Localidade	Departamento	Pais - Continente
4273	276				lasca retocada	Conneville	Oise	França
4274	120				lasca com reentrância e retocada	Chateau-rouge	Oise	França
4275	354				picão	Lanquais	Dordogne	França
4276	94				<i>racloir</i>	Troyes	Aube	França
4277	219				lâmina proximal microrretocada	Bruniquel	Tarn-et-Garonne	França
4278	220				lâmina micro-denteada	Laugerie-Haute	Dordogne	França
4279	1				bloco percutado	Langeais	Indre-et-Loire	França
4280	9				bloco percutado	Janville		França
4281	10		4233 e 4332		núcleo globular			França
4282	406				seixo abrasador - polidor	Laugerie-Basse	Dordogne	França
4283	8				biface	Ully St Georges	Oise	França
4284	426				seixo com os polos percutados			
4285	363				ponta com retoque bifacial			França
4286	407				lâmina de machado polida	Kernocho-Pleumeer	Bretanha	França
4287	479				lâmina de machado polida			Irlanda
4288	364				cunha			Dinamarca
4289	408				lâmina de machado polida	Kergod-Guidel	Bretanha	França
4290	378				lâmina de machado polida	Gruta das Fadas	Dolmer	França
4291	409				lâmina de machado polida			
4292	410				lâmina de machado polida			
4293	411				lâmina de machado polida			
4294	412				lâmina de machado polida			
4295	379			99	lâmina de machado polida	Carnac	Morbihan	França
4296	380				lâmina de machado polida	Carnac	Morbihan	França
4297	429				lâmina de machado polida			
4298	433				lâmina de machado polida		Bretanha	França
4299	381				lâmina de machado polida			

Anexo 1 (cont.)

Inventário da Coleção Limur								
Nº RGA	0800	Outro Nº	Nº Duplo	Figuras	Tipo	Sítio / Localidade	Departamento	País - Continente
4301	382				lâmina de machado polida	Guevern	Bretanha	França
4302	413				lâmina de machado polida	Kerignien-Guevern	Bretanha	França
4303	221				lâmina			Europa
4304	383				lâmina de machado polida	Guevern-Guidel	Bretanha	França
4305	414				lâmina de machado polida	Kernigat-Guidel	Bretanha	França
4306	415				lâmina de machado polida	Kergoijan	Bretanha	França
4307	391				lâmina de machado polida	Herm		França
4308	222				bordo de núcleo			Europa
4309	384				lâmina de machado polida		Bretanha	França
4310	416				cunha	Hadenleben-sevig	Holstein	Alemanha
4311	417				lâmina votiva			
4312	398				lâmina de machado quebrada	Coitkermalo-Guidel	Bretanha	França
4313	418				lâmina de machado lascada			
4315	385				lâmina de machado polida	Tilly	Vienne	França
4316	40				uniface	Tilly	Vienne	França
4317	403				percutor			França
4318	392				lâmina de machado polida			França
4318'	425				bloco percutado			França
4320					núcleo globular	Langeais	Indre-et-Loire	França
4321	386				lâmina de machado polida			França
4322	387				lâmina de machado polida			França
4323	388				lâmina de machado polida			França
4324	393				lâmina de machado polida			França
4325	430				lâmina de machado polida			França
4326	422				lâmina de machado polida			
4327	376				lâmina de machado polida com gume retocado			França
4328	355				picão			França
4329	223				lâmina retocada			Europa
4330	428			106	lâmina de machado polida			
4332	419				lâmina de machado polida			

Anexo 1 (cont.)

Inventário da Coleção Limur								
Nº RGA	0800	Outro Nº	Nº Duplo	Figuras	Tipo	Sítio / Localidade	Departamento	País - Continente
4333	394				lâmina de machado polida			França
4334	395				lâmina de machado polida			França
4335	420				lâmina de machado polida			
4336	389				lâmina de machado polida			França
4337	390				lâmina de machado polida	Kerviglos Eclohas- -Carnoit	Bretanha	França
4338	399				plaqueta polida parcial	La Madeleine	Dordogne	França
4339	146				lâmina quebrada			Europa
4340	147			43	buril diedro de eixo em lâmina			Europa
4341	224				lâmina			Europa
4342	225				lâmina			Europa
4343	314			23	ponta moustériense/ <i>grattoir</i> e <i>racloir</i> duplo			Europa
4344	226				lâmina			Europa
4345	122				<i>grattoir</i>			Europa
4346	227				lâmina com reentrância			Europa
4347	228				lâmina			Europa
4348	229				lâmina			Europa
4349	230				lâmina microrretocada			Europa
4350	231				lâmina proximal			Europa
4351	232				lâmina quebrada distal			Europa
4352	134			30	<i>grattoir</i> e buril duplo / quebra de lâmina			Europa
4353	233				lâmina retocada nos dois bordos			Europa
4354	135				<i>grattoir</i>			Europa
4355	234				lâmina			Europa
4356	235				lâmina retocada			França
4357	136				<i>grattoir</i> em lâmina retocada			Europa
4358	236				lâmina			Europa
4359	277				lamela			Europa
4360	237				lâmina			Europa
4363	400				plaqueta de arenito	Niaux	Ariège	França
4364	427		4401	108	disco metade			

Anexo 1 (cont.)

Inventário da Coleção Limur

Nº RGA	0800	Outro Nº	Nº Duplo	Figuras	Tipo	Sítio / Localidade	Departamento	País - Continente
4366	482		4403		almofariz: duas cúpulas diametralmente opostas	Carnac	Morbihan	França
4367	431			110	quebra coquinho			
4368	396		4407		lâmina de machado polida	Carnac	Morbihan	França
4379	238				lâmina retocada			Europa
4380	148			39	buril sobre bordo retocado			Europa
4380	421				lâmina de machado polida			Europa
4380'	432			109	"bola" com sulco			Europa
4381	239				lâmina			Europa
4382	240				lâmina			Europa
4383	333				lâmina distal retocada			Europa
4384	241				lâmina			Europa
4385	278				lamela com dorso apontada			Europa
4386	279				lâmina proximal retocada			Europa
4387	242				lâmina			Europa
4388	243				lâmina micro desgastada			Europa
4389	334				lasca fragmento			Europa
4390	244				lâmina proximal retocada			Europa
4398	67	a	4998		lâmina de machado polida			
4402	480				disco esférico com perfuração central	Carnac	Morbihan	França
4405	423				lâmina de machado polida	Carnac	Morbihan	França
4407			4368		lâmina de machado polida - molde da 4368	Carnac	Morbihan	França
4408	315				<i>grattoir</i> em lasca com reentrância			Bélgica
4410	338		3970/18		furador	Thenay	Loir-et-Cher	França
4411	401				"bola"	Laugerie-Basse	Dordogne	França
4420	402				quatro seixos rolados			Peru
4436	138				buril diedro	Les Eyzies	Dordogne	França
4437	280				lâmina	Bruniquel	Tarn-et-Garonne	França
4439	121				lasca circular unifacial	La Ganterie	Côte-du-Nord	França
4441	316				ponta espessa	Saligny	Allier	França

Anexo 2

Inventário da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio

Código	Nº	Fig.	Objeto	Procedência	País/Região
?	10309		lasca	?	
64/ 1	1		frag. de lascamento	Polesini	Itália
64/ 1	3	38	buril / quebra de lasca	Gargano (Righa)	Itália
64/ 1	4	11a	utens. duplo buril / <i>racloir</i>	Polesini	Itália
64/ 1	6		lasca quebrada retocada	Gargano (Righa)	Itália
64/ 1	7		lasca	Polesini	Itália
64/ 1	8		lasca cortical	Gargano (Righa)	Itália
64/ 1	9	11b	lâmina microrretocada	Polesini	Itália
64/ 1	10		<i>grattoir</i> / lasca retocada	Polesini	Itália
64/ 1	11		buril plano oblíquo	Polesini	Itália
64/ 1	13		<i>grattoir</i> / lasca retocada	Polesini	Itália
64/ 1	14		<i>grattoir</i> circular	Gargano (Righa)	Itália
64/ 1	15	11c	<i>grattoir</i> / lasca retocada	Polesini	Itália
64/ 1	17	11b	<i>grattoir</i> / lasca retocada	Polesini	Itália
64/ 1	18		<i>racloir</i> / lasca	Polesini	Itália
64/ 1	19		<i>grattoir</i> / lasca retocada	Polesini	Itália
64/ 1	19		lasca retocada, dorso arqueado	Polesini	Itália
64/ 1	20	11a	44 <i>grattoir-racloir</i> duplo/ lâmina quebrada	Polesini	Itália
64/ 1	21		<i>grattoir</i> unguiforme	Gargano (Righa)	Itália
64/ 1	23		lâmina	Polesini	Itália
64/ 1	24		lâmina quebrada	Polesini	Itália
64/ 1	25		lâmina	Polesini	Itália
64/ 1	26	11a	lasca com dorso	Polesini	Itália
64/ 1	27		lamela com micro-dorso	Polesini	Itália
64/ 1	28	11c	lamela com dorso	Polesini	Itália
64/ 1	29		lamela com dorso	Polesini	Itália
64/ 1	30	11b	lamela retocada	Polesini	Itália
64/ 1	31		lamela com dorso	Polesini	Itália
64/ 1	32		<i>croissant</i> (crescente)	Polesini	Itália
64/ 1	33		lamela com dorso	Polesini	Itália
64/ 1	34		lâmina apontada	Polesini	Itália
64/ 1	35		furador / lâmina	Polesini	Itália
64/ 1	36		ponta " <i>flutée</i> "	Polesini	Itália
64/ 1	37		queda de buril	Polesini	Itália
64/ 1	38		núcleo a lamelas	Polesini	Itália
64/ 1	39		núcleo a lamelas	Polesini	Itália

Anexo 2 (cont.)

Inventário da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio					
Código	Nº	Fig.	Objeto	Procedência	País/Região
64/ 1	40		frag. de núcleo	Gargano (Righa)	Itália
D 64	41	29	núcleo a lamelas	Romanelli	Itália
D 64	42	27	frag. de núcleo a lasca	Polesini	Itália
64/ 1	43		frag. de núcleo	Polesini	Itália
64/ 1	44	4	lasca pseudo-Levallois	Teramo valle della Vibrata	Itália
64/ 1	45	5d	lasca pseudo-Levallois	Teramo valle della Vibrata	Itália
64/ 1	46	6a	ponta Levallois	Teramo valle della Vibrata	Itália
64/ 1	47	16	núcleo Levallois	Teramo valle della Vibrata	Itália
64/ 1	48		núcleo discóide	Teramo valle della Vibrata	Itália
64/ 1	49		frag. de núcleo de lascas pequenas	Teramo valle della Vibrata	Itália
64/ 1	49	5b	lasca Levallois retocada	Teramo valle della Vibrata	Itália
64/ 1	50	5f	<i>racloir</i> duplo converg. retil. e arqueado	Teramo valle della Vibrata	Itália
64/ 1	51	5c 25	<i>racloir</i> / lasca retocada	Teramo valle della Vibrata	Itália
64/ 1	52	5a 24	<i>racloir</i>	Teramo valle della Vibrata	Itália
64/ 1	53	5e	lasca Levallois retocada	Teramo valle della Vibrata	Itália
64/ 1	54	6b 19	ponta moustériense	Teramo valle della Vibrata	Itália
64/ 1	55		lamela	Teramo valle della Vibrata	Itália
64/ 1	56		lamela	Polesini	Itália
64/ 1	57		lamela	Polesini	Itália
64/ 1	58	97	trapézio de base côncava	Polesini	Itália
64/ 1	59		lâmina de machado lascada	Teramo valle della Vibrata	Itália
64/ 1	61		ponta unifacial	Teramo valle della Vibrata	Itália
64/ 1	62	2a	biface	Monte Gargano reg. setentrional	Itália
64/ 1	63		lâmina	Zangadanello di Verona	Itália
64/ 1	64		lâmina	Zangadanello di Verona	Itália
64/ 1	65		lâmina	Gargano (Righa) Puglia	Itália
64/ 1	67		lâmina com pedúnculo.	Gargano (Righa) Puglia	Itália
64/ 1	68		ponta-furador	Gargano (Righa) Puglia	Itália
64/ 1	69		frag. mesial de lâmina	Gargano (Righa) Puglia	Itália
64/ 1	69		ponta bifacial	Gargano - Puglia	Itália
64/ 1	70	96	ponta com pedúnculo	Gargano (Righa) Puglia	Itália
64/ 1	71		lâmina de machado lascada polida	Gargano - Puglia	Itália
64/ 1	72		<i>grattoir</i> unguiforme	Gargano (Righa)	Itália
64/ 1	73		calota de núcleo	Gargano (Righa) Puglia	Itália
64/ 1	74		núcleo de seixo	Gargano (Righa) Puglia	Itália

Anexo 2 (cont.)

Inventário da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio					
Código	Nº	Fig.	Objeto	Procedência	País/Região
64/ 1	75		ponta de flecha bifacial com pedúnculo	Gargano - Puglia	Itália
64/ 1	76	95	ponta de flecha bifacial com pedúnculo	Gargano - Puglia	Itália
64/ 1	77	94	ponta de flecha bifacial com pedúnculo	Lecce	Itália
64/ 1	78	98	faca bifacial	Bari	Itália
64/ 1	79		frag. bifacial	Bari	Itália
64/ 1	80		faca bifacial	Bari	Itália
64/ 1	81	9	biface	Bari	Itália
64/ 1	82	3a 10	biface acheulense	Calábria	Itália
64/ 1	83		lâmina de machado polida	Calábria	Itália
64/ 1	84		lâmina de machado polida	Brescia, Torbiera d'Iseo	Itália
64/ 1	85		ponta de flecha bifacial com pedúnculo e aletas	Brescia, Torbiera d'Iseo	Itália
64/ 1	87		lâmina de machado polida	palafita do Lago di Garda	Itália
64/ 1	"Z"		disco-bola		Itália
65/1	1		lâmina de machado polida	?	Chipre
68/3	1	16 2	chopper	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	3	3	lasca inicial de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	5	2b	biface	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	6	8 15	denticulado, <i>racloir</i> , furador / lasca de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	6	6	lasca de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	7	9	lasca de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	8	10	<i>racloir</i> / lasca de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	9	11 14	<i>racloir</i> / lasca de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	10	12 3	<i>chopper</i>	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	11	13	lasca de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	12	14 6	<i>chopping-tool</i>	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	13	15 1	<i>chopper</i>	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	15	18 5	<i>chopper</i>	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	16	19	<i>chopper</i>	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	17	20	<i>chopper</i> : frag. / seixo chato extr. talhada	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	18	21	<i>chopping-tool</i>	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	19	22	<i>chopping-tool</i>	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal

Anexo 2 (cont.)

Inventário da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio						
Código	Nº	Fig.	Objeto	Procedência	País/Região	
68/3	20	23	4	<i>chopper</i>	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	22	25		<i>chopping-tool</i>	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	23	26		<i>chopping-tool</i>	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	24	27		grande lasca de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	25	28		grande lasca de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	26	29		pequena lasca de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	27	30		pequena lasca de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	28	31		lasca	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	29	32		lasca	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	30	33		lasca de seixo - bico	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	31	34		lasca de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	32	35		lasca de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	33	36		frag. de seixo rolado parcial / cortical	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	34	37		lasca de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	35	38		lasca de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	36	39		lasca de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	38	42		disco - lasca de seixo	Casal do Monte	Portugal
68/3	39	43		metade de seixo rolado parcial / talhado	Casal do Monte	Portugal
68/3	40			<i>chopping-tool</i>	Casal do Monte	Portugal
68/3	40	44		lasca retocada rolada com uma grande reentrância	Casal do Monte	Portugal
68/3	41	45		frag. seixo rolado ± talhado	Casal do Monte	Portugal
68/3	42	46		frag. seixo rolado ± talhado	Casal do Monte	Portugal
68/3	43	47		frag. seixo rolado ± talhado	Casal do Monte	Portugal
68/3	44	48		seixo rolado com talhe	Casal do Monte	Portugal
68/3	45	49		seixo rolado com talhe	Casal do Monte	Portugal
68/3	46	50		seixo rolado com talhe	Casal do Monte	Portugal
68/3	47	51		seixo rolado com talhe	Casal do Monte	Portugal
68/3	48	52		metade de seixo rolado ± percutido	Casal do Monte	Portugal
68/3	49	53		frag. seixo rolado com talhe	Casal do Monte	Portugal
68/3	50	54		frag. de seixo rolado ± percutido	Casal do Monte	Portugal
68/3	51	55		frag. seixo rolado com talhe	Casal do Monte	Portugal
68/3	52	56		frag. seixo rolado com talhe	Casal do Monte	Portugal
68/3	53	57		frag. seixo rolado com talhe	Casal do Monte	Portugal
68/3	54	58		lasca de seixo rolado ± percutido	Casal do Monte	Portugal

Anexo 2 (cont.)

Inventário da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio

Código	Nº	Fig.	Objeto	Procedência	País/Região
68/3	55	59	lasca denticulada c/ três reentrâncias	Casal do Monte	Portugal
68/3	56	60	frag. ou lasca de seixo rolado com talhe	Casal do Monte	Portugal
68/3	57	61	reentrância- <i>racloir</i> lasca rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	58	62	lasca de seixo rolado não talhado	Casal do Monte	Portugal
68/3	59	64	seixo rolado com talhe	Casal do Monte	Portugal
68/3	60	65	núcleo	Casal do Monte	Portugal
68/3	61	66	seixo rolado com talhe	Casal do Monte	Portugal
68/3	62	67	núcleo	Casal do Monte	Portugal
68/3	63	68	núcleo	Casal do Monte	Portugal
68/3	64	69	seixo rolado com talhe	Casal do Monte	Portugal
68/3	65	70	<i>racloir</i> -bico/ lasca espessa rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	66	71	núcleo	Casal do Monte	Portugal
68/3	67	72	reentrâncias / lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	69	74	reentrância- <i>racloir</i> / lasca rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	70	75	reentrância / lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	71	76	lasca	Casal do Monte	Portugal
68/3	73	78	seixo rolado ± percutido	Casal do Monte	Portugal
68/3	74	79	lasca	Casal do Monte	Portugal
68/3	75	80	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	76	81	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	77	82	frag. de seixo rolado ± percutido	Casal do Monte	Portugal
68/3	78	83	frag. de seixo rolado não talhado	Casal do Monte	Portugal
68/3	79	84	frag. de seixo rolado parcial/ estilhado	Casal do Monte	Portugal
68/3	80	85	frag. de seixo rolado ± percutido	Casal do Monte	Portugal
68/3	81	86	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	81	1c	seixo	Casal do Monte	Portugal
68/3	82	87	reentrância / lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	83	88	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	84	68	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	85	90	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	86	91	lâmina	Casal do Monte	Portugal
68/3	87	92	frag. de seixo rolado ± percutido	Casal do Monte	Portugal
68/3	88	93	lasca retocada	Casal do Monte	Portugal
68/3	89	94	frag. de seixo pouco rolado e percutido	Casal do Monte	Portugal

Anexo 2 (cont.)

Inventário da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio					
Código	Nº	Fig.	Objeto	Procedência	Pais/Região
68/3	90	95	lasca fragmentada de seixo rolado ± percutido	Casal do Monte	Portugal
68/3	91	96	frag. de seixo rolado ± percutido	Casal do Monte	Portugal
68/3	92	97	frag. de seixo rolado ± percutido	Casal do Monte	Portugal
68/3	94	99	<i>chopping-tool</i> seixo ½ cortical	Casal do Monte	Portugal
68/3	95	100	frag. seixo rolado com talhe	Casal do Monte	Portugal
68/3	96	101	núcleo	Casal do Monte	Portugal
68/3	97	102	núcleo	Casal do Monte	Portugal
68/3	98		<i>chopper</i>	Casal do Monte	Portugal
68/3	98	103	frag. de seixo rolado talhado ½ cort.	Casal do Monte	Portugal
68/3	99	104	núcleo	Casal do Monte	Portugal
68/3	100	105	frag. seixo rolado com talhe	Casal do Monte	Portugal
68/3	101	106	seixo talhado	Casal do Monte	Portugal
68/3	102	107	seixo talhado	Casal do Monte	Portugal
68/3	103	108	frag. de seixo rolado talhado ½ cort.	Casal do Monte	Portugal
68/3	104	109	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	105	110	frag. plaq. rolada retir. bifaciais	Casal do Monte	Portugal
68/3	106	111	frag. rolado alg. retir.	Casal do Monte	Portugal
68/3	107	112	frag. seixo rolado com talhe	Casal do Monte	Portugal
68/3	108	113	frag. rolado alg. retir. bifaciais ¾ cort.	Casal do Monte	Portugal
68/3	109	114	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	110	115	frag. rolado, retoq. bordo espesso	Casal do Monte	Portugal
68/3	111	116	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	112	117	lasca retocada	Casal do Monte	Portugal
68/3	113	118	lasca retocada	Casal do Monte	Portugal
68/3	114	119	lasca retocada	Casal do Monte	Portugal
68/3	115	120	lasca retocada	Casal do Monte	Portugal
68/3	116	121	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	117	122	lasca retocada	Casal do Monte	Portugal
68/3	118	123	lasca retocada	Casal do Monte	Portugal
68/3	119	124	núcleo	Casal do Monte	Portugal
68/3	120	125	frag. parc. cort. uma face talhada	Casal do Monte	Portugal
68/3	121	126	núcleo	Casal do Monte	Portugal
68/3	122	127	núcleo	Casal do Monte	Portugal
68/3	123	128	núcleo	Casal do Monte	Portugal
68/3	124	129	núcleo	Casal do Monte	Portugal

Anexo 2 (cont.)

Inventário da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio

Código	Nº	Fig.	Objeto	Procedência	País/Região
68/3	125	130	lasca	Casal do Monte	Portugal
68/3	126	131	núcleo	Casal do Monte	Portugal
68/3	127	132	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	128	133	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	129	134	frag. retiradas bifaciais	Casal do Monte	Portugal
68/3	130	135	frag. com retiradas	Casal do Monte	Portugal
68/3	131	136	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	132	137	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	133	138	lasca	Casal do Monte	Portugal
68/3	134	144	lasca	Casal do Monte	Portugal
68/3	134	139	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	135	140	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	136	141	lâmina retocada com crista	Casal do Monte	Portugal
68/3	137	142	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	138	143	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	140	145	lasca cortical não retocada	Casal do Monte	Portugal
68/3	141	146	lasca retocada rolada	Casal do Monte	Portugal
68/3	142	147	lasca	Casal do Monte	Portugal
68/3	143	148	lasca	Casal do Monte	Portugal
68/3	145	4	<i>chopping-tool</i>	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	145	159	lasca	Serra do Monsanto	Portugal
68/3	146	160	lasca retocada	Serra do Monsanto	Portugal
68/3	148	162	lasca	Serra do Monsanto	Portugal
68/3	149	163	lasca retocada com reentrância	Serra do Monsanto	Portugal
68/3	149	144	seixo fragmentado	Alto Alentejo	Portugal
68/3	150	164	lasca	Serra do Monsanto	Portugal
68/3	151	165	lasca	Serra do Monsanto	Portugal
68/3	152	161	lasca	Serra do Monsanto	Portugal
68/3	158	195	cubo	Alto Alentejo	Portugal
68/3	159	196	fragmento de disco	Alto Alentejo	Portugal
68/3	161	3	lasca de seixo grande	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	162	5	lasca de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	163	1a	<i>chopping-tool</i>		
68/3	164	?	lasca rolada de seixo	Alpiarca (Ribatejo)	Portugal
68/3	166	155	lasca	Serra do Monsanto	Portugal
68/3		197	fragmento cúbico	Alto Alentejo	Portugal

Anexo 2 (cont.)

Inventário da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio

Código	Nº	Fig.	Objeto	Procedência	País/Região
68/3	194		fragmento de concreção	Alto Alentejo	Portugal
68/3	168		frag. lâmina de machado polida	Alto Alentejo	Portugal
68/3	169		frag. lâmina de machado polida	Alto Alentejo	Portugal
68/3	170		lâmina de machado polida	Alto Alentejo	Portugal
68/3	167		lâmina retocada	Serra do Monsanto	Portugal
68/3	161		lasca	Serra do Monsanto	Portugal
68/3	73		lasca retocada de seixo rolado	Casal do Monte	Portugal
68/3	77		reentrâncias / lasca retocada	Casal do Monte	Portugal
D 64	41		núcleo a lâminas	Polesini	Itália
D 73	1		lasca	Haifa	Palestina
D 73	2		fragmento de lasca	Haifa	Palestina
D 73	3		lâmina	Haifa	Palestina
D 73	4		lâmina	Haifa	Palestina
D 73	5		lâmina	Haifa	Palestina
D 73	6	58	núcleo a lâminas	Ali Kosh Deh Luran (Kurdistão)	Irã
D 73	6		lâmina	Haifa	Palestina
D 73	7	59	núcleo a lamelas	Ali Kosh Deh Luran (Kurdistão)	Irã
D 73	7		fragmento de lasca	Haifa (perto - sem proced.)	Palestina
D 73	8		lâmina de foicinha denticulada	Djararabad	Irã
D 73	8		fragmento de aquecimento	Haifa (perto - sem proced.)	Palestina
D 73	9	34a	fragmento mesial de lâmina	Ali Kosh Deh Luran (Kurdistão)	Irã
D 73	9	34d	fragmento mesial de lâmina	Ali Kosh Deh Luran (Kurdistão)	Irã
D 73	9	34e	lâmina quebrada	Ali Kosh Deh Luran (Kurdistão)	Irã
D 73	9	34f	lâmina quebrada	Ali Kosh Deh Luran (Kurdistão)	Irã
D 73	9	34b	lâmina quebrada, microrretoque, reentrância	Ali Kosh Deh Luran (Kurdistão)	Irã
D 73	9	34c	lâmina quebrada, reentrância feita de microrretoques irregulares	Ali Kosh Deh Luran (Kurdistão)	Irã
D 73	9	35f	fragmento de lâmina retocada quebrada	Hassan Dag , Anatolia, Tabun	Israel
D 73	9	35g	fragmento de núcleo (provável)	Hassan Dag , Anatolia, Tabun	Israel
D 73	9	35a	fragmento de núcleo a lamelas	Hassan Dag , Anatolia, Tabun	Israel
D 73	9	35b	fragmento de núcleo a lamelas	Hassan Dag , Anatolia, Tabun	Israel

Anexo 2 (cont.)

Inventário da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio

Código	Nº	Fig.	Objeto	Procedência	País/Região
D 73	9	35d	fragmento de núcleo a lâminas	Hassan Dag, Anatólia, Tabun	Israel
D 73	9	35c	fragmento mesial de lâmina retocada	Hassan Dag, Anatólia, Tabun	Israel
D 73	9	35e	lâmina retocada quebrada parcialmente truncada	Hassan Dag, Anatólia, Tabun	Israel
D 73	9		lâmina	Haifa (perto - sem proced.)	Palestina
D 73	10		fragmento	Haifa (perto - sem proced.)	Palestina
D 73	11		lasca retocada bitruncada / foice	Geser	Israel
D 73	11		lasca retocada bitruncada / foice	Geser	Israel
D 73	11		lasca	Haifa (perto - sem proced.)	Palestina
D 73	12		lâmina de machado lascada parcialmente polida - atípica	Teleilat Ghassul - Jordania	Palestina
D 73	13		lasca retocada	Hago Shirim, Alta Galiléia	Israel
D 73	14		denticulado / lâmina retocada ou foice	Hago Shirim, Alta Galiléia	Israel
D 73	15		lasca retocada	Hago Shirim, Alta Galiléia	Israel
D 73	16		<i>grattoir</i> / lasca quebrada proximal	Hago Shirim, Alta Galiléia	Israel
D 73	17		lasca retocada	Hago Shirim, Alta Galiléia	Israel
D 73	18		lasca retocada	Hago Shirim, Alta Galiléia	Israel
D 73	19		lasca retocada	Hago Shirim, Alta Galiléia	Israel
D 73	20		lasca retocada	Hago Shirim, Alta Galiléia	Israel
D 73	21		ponta unifacial com pedúnculo	Hago-Shirim, Alta Galiléia	Israel
D 73	22	72	lâmina retocada - micro-furador	Neve Ur, vale do Jordão	Israel
D 73	22		pêso de tear	Neve Ur, vale do Jordão	Israel
D 73	23		pêso de tear	Neve Ur, vale do Jordão	Israel
D 73	24		lamela	Munhata, vale do Jordão	Israel
D 73	25	62	micro-serras com lustro em lâmina com duas pontas	Munhata, vale do Jordão	Israel
D 73	26	61	serra	Munhata, vale do Jordão	Israel
D 73	27	63	denticulado / lâmina com dorso truncada	Munhata, vale do Jordão	Israel
D 73	28		lasca retocada	Munhata, vale do Jordão	Israel
D 73	29		lasca retocada	Munhata, vale do Jordão	Israel
D 73	30		ponta / lâmina quebrada	Munhata, vale do Jordão	Israel
D 73	31		ponta / lâmina quebrada	Munhata, vale do Jordão	Israel
D 73	32	60	furador / lâmina retocada	Munhata, vale do Jordão	Israel
D 73	33		lâmina retocada	Munhata, vale do Jordão	Israel
D 73	34	65	ponta de flecha com pedúnculo e aletas	Munhata, vale do Jordão	Israel

Anexo 2 (cont.)

Inventário da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio

Código	Nº	Fig.	Objeto	Procedência	País/Região
D 73	35	66	ponta de flecha com pedúnculo e aletas	Munhata, vale do Jordão	Israel
D 73	36		ponta de flecha com pedúnculo e aletas	Munhata, vale do Jordão	Israel
D 73	37		ponta de flecha com pedúnculo e aletas	Munhata, vale do Jordão	Israel
D 73	38	64	biponta	Munhata, vale do Jordão	Israel
D 73	39		micro-serra / lâmina	Abu Gosh	Israel
D 73	40	69	micro-serra / lâmina	Abu Gosh	Israel
D 73	41		ponta / lâmina retocada inversa	Munhata, vale do Jordão	Israel
D 73	42		fragmento de peça bifacial	Abu Gosh	Israel
D 73	43		<i>grattoir</i> / lasca parcial / cortical	Abu Gosh	Israel
D 73	44	67	ponta de flecha com pedúnculo e aletas	Abu Gosh	Israel
D 73	45		lâmina com pedúnculo	Abu Gosh	Israel
D 73	46		micro-furador / lâmina denticulada dupla	Abu Gosh	Israel
D 73	50		lasca	Nahal Oren	Israel
D 73	51		lasca	Nahal Oren	Israel
D 73	52		lamela com dorso	Nahal Oren	Israel
D 73	53		lasca	Nahal Oren	Israel
D 73	54		lasca	Nahal Oren	Israel
D 73	55		lasca	Nahal Oren	Israel
D 73	56		fragmento distal de lamela	Nahal Oren	Israel
D 73	57		lasca	Nahal Oren	Israel
D 73	58		lasca	Nahal Oren	Israel
D 73	59		lasca	Nahal Oren	Israel
D 73	60		lasca	Nahal Oren	Israel
D 73	61	34	<i>grattoir</i> / lasca quebrada proximal	Gafzeh	Palestina
D 73	62	17	ponta Levallois	Gafzeh	Palestina
D 73	63		lasca	Tabun-Carmel	Israel
D 73	64		lasca com marcas de uso	Tabun-Carmel	Israel
D 73	65		lasca	Tabun-Carmel	Israel
D 73	66		lasca	Tabun-Carmel	Israel
D 73	67		lasca quebrada	Tabun-Carmel	Israel
D 73	68		lasca laminar	Tabun-Carmel	Israel
D 73	69		lasca laminar	Tabun-Carmel	Israel
D 73	70		lasca	Tabun-Carmel	Israel

Anexo 2 (cont.)

Inventário da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio

Código	Nº	Fig.	Objeto	Procedência	País/Região
D 73	71	18	lasca levallois	Tabun-Carmel	Israel
D 73	72		uma queda de buril	Tabun-Carmel	Israel
D 73	73		duas quedas de buril	Tabun-Carmel	Israel
D 73	74	26	reentrância / talão de lasca retocada	Tabun-Carmel	Israel
D 73	75		<i>grattoir</i> nucleiforme / lasca	Tabun	Israel
D 73	76	3c	<i>hand-ax</i>	Sinai	Palestina
D 73	77	68	ponta de flecha com pedúnculo	Abu Gosh	Israel
D 73	78		lâmina de machado lascada	Teleilat Ghassul	Palestina
D 73	79		lâmina de machado lascada parcialmente polida	Teleilat Ghassul - Jordania	Palestina
D 73	80		lâmina de machado lascada parcialmente polida	El Gib	
D 73	81		lâmina de machado lascada parcialmente polida	Khar	
D 73	82		lâmina de machado polida	Hago-Shirim, Alta Galiléia	Israel
D 73	83		lâmina de machado lascada parcialmente polida	Hago-Shirim, Alta Galiléia	Israel
D 73	84		micro-serra descontínua / lamela bitruncada	Hago Shirim, Alta Galiléia	Israel
D 73	85	70	lâmina bitruncada com dorso	Hago Shirim, Alta Galiléia	Israel
D 73	86		lâmina truncada	Hago Shirim, Alta Galiléia	Israel
D 73	87		lâmina retocada quebrada	Hago-Shirim, Alta Galiléia	Israel/ Palestina
D 73	88		buril múltiplo / quebra de lasca	Tabun-Carmel	Israel
D 73	89	3b	lâmina de machado <i>hand-ax</i>	Sinai	Palestina
D 73	90		lasca lustrosa micro-ret. ou micro-uso	Sinai	Palestina
D 73	91	10a	lasca	Sinai	Palestina
D 73	92	2c	biface acheulense - ponta quebrada	Maryan Baruch Alta Galiléia	Palestina
D 73	93	112	picão triédrico	Bersheba	Palestina
D 73	94		disco bifacial em lasca	Bersheba	Palestina
D 73	95	111	fragmento de peça bifacial	Bersheba	Palestina
D 73	96	113	lâmina de machado lascado	Bersheba	Palestina
D 73	97		ponta de flecha com pedúnculo	Kiriati El Ainab	Palestina
D 73	97		ponta de flecha com pedúnculo, sem aletas	Kiriati El Ainab	Palestina
D 73	98		<i>grattoir</i> / <i>racloir</i> duplo / lâmina		
D 73	99	49	lâmina denticulada de foice	Ergel Ahmar	Palestina

Anexo 2 (cont.)

Inventário da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio

Código	Nº	Fig.	Objeto	Procedência	País/Região	
D 73	100		lâmina micro-denticulada	Ergel Ahmar	Palestina	
D 73	101		lâmina	Ergel Ahmar	Palestina	
D 73	102	71	denticulado alternante / lâmina bitruncada	Galgala	Palestina	
D 73	103		serra denticulada / lâmina retocada bitruncada	Galgala	Palestina	
D 73	104	3d	11	biface	Tell Aslut	Israel
D 73	105	1b		chopper	Ubeidych / sul lago Cipo de Tiberiades	Israel
D 73	106	8b		lasca retocada, "lesma"		Palestina
D 73	107	6c		ponta mousteriense	Palestina	Palestina
D 73	108	8a		lasca retocada		Palestina
D 73	110			faca bifacial		Palestina
D 73	111			ponta bifacial com pedúnculo e aletas	Akanien	Tunísia
D 73	112			ponta bifacial com pedúnculo e aletas	Akanien	Tunísia
D 73	113	90		ponta bifacial com pedúnculo e aletas	Akanien	Tunísia
D 73	114			ponta bifacial com pedúnculo e aletas	Akanien	Tunísia
D 73	115			ponta bifacial com pedúnculo (aletas quebradas)	Akanien	Tunísia
D 73	116			ponta bifacial losângica	Akanien	Tunísia
D 73	117			ponta bifacial triangular de base cônica, longa haste, uma quebrada	Fayun A	Egito
D 73	118			ponta bifacial triangular de base cônica, longa haste, uma quebrada	Fayun A	Egito
D 73	119	84		ponta bifacial triangular de base cônica	Fayun A	Egito
D 73	120	83		ponta bifacial	Fayun A	Egito
D 73	121	85		ponta bifacial triangular de base cônica	Fayun A	Egito
D 73	122	82		ponta bifacial de base retilínea	Fayun A	Egito
D 73	123	77		faca / lâmina denticulada	Fayun A	Egito
D 73	124	79		lâmina bifacial denticulada	Fayun A	Egito
D 73	125			mecha de pua triédrica	Fayun A	Egito
D 73	126	89		mecha de pua triédrica	Fayun A	Egito
D 73	127	88		furador / lâmina retocada	Fayun A	Egito
D 73	128			lamela com dorso	Fayun A	Egito
D 73	129			lamela	Fayun A	Egito
D 73	130			lamela com dorso	Fayun A	Egito

Anexo 2 (cont.)

Inventário da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio					
Código	Nº	Fig.	Objeto	Procedência	País/Região
D 73	131		lamela com dorso	Fayun A	Egito
D 73	132		fragmento distal de lamela retocada	Fayun A	Egito
D 73	133	87	lamela com dorso	Fayun A	Egito
D 73	134		faca	Fayun A	Egito
D 73	135	73	faca	Fayun A	Egito
D 73	136	74	faca-foice	Fayun A	Egito
D 73	137	76	foice bifacial	Fayun A	Egito
D 73	138		foice bifacial	Fayun A	Egito
D 73	139	75	faca-foice	Fayun A	Egito
D 73	140		foice atípica	Fayun A	Egito
D 73	141	80	retângulo bifacial	Fayun A	Egito
D 73	142	78	triângulo com ápice arredondado e base com truncatura oblíqua	Fayun A	Egito
D 73	143	86	peça em T com pedúnculo	Fayun A	Egito
D 73	144	91	ponta bifacial sub losângica	África do Norte	África do Norte
D 73	145		lasca parcial / bifacial	África do Norte	África do Norte
D 73	146		ponta bifacial parcial	África do Norte	África do Norte
D 73	147		lasca retocada bifacial	África do Norte	África do Norte
D 73	148		foice atípica	Fayun A	Egito
D 73	149		utensílio duplo: lâmina com truncatura convergente / <i>grattoir</i>	África do Norte	África do Norte
D 73	150	93	lamela com dorso retocada	África do Norte	África do Norte
D 73	151		lâmina com truncatura retilínea	África do Norte	África do Norte
D 73	152		lâmina	África do Norte	África do Norte
D 73	153		lâmina retocada	África do Norte	África do Norte
D 73	154		lâmina retocada com dorso	África do Norte	África do Norte
D 73	155		lâmina	África do Norte	África do Norte
D 73	156		lamela	África do Norte	África do Norte

Anexo 2 (cont.)

Inventário da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio					
Código	Nº	Fig.	Objeto	Procedência	País/Região
D 73	157		lamela	África do Norte	África do Norte
D 73	158		lamela	África do Norte	África do Norte
D 73	159		fragmento mesial de lâmina	África do Norte	
D 73	160		lâmina apontada	África do Norte	África do Norte
D 73	161		lâmina retocada	África do Norte	África do Norte
D 73	162		lâmina	África do Norte	África do Norte
D 73	163		lâmina retocada	África do Norte	África do Norte
D 73	164		lâmina retocada	África do Norte	África do Norte
D 73	165		lâmina	África do Norte	África do Norte
D 73	166		lâmina com dorso	África do Norte	África do Norte
D 73	167		ponta / lasca laminar	África do Norte	África do Norte
D 73	168		lâmina retocada	África do Norte	África do Norte
D 73	169		lamela com dorso	África do Norte	África do Norte
D 73	170		ponta bifacial	África do Norte	África do Norte
D 73	171		ponta bifacial	Fayun A	Egito
D 73	172		lasca com dorso		África do Norte
D 73	173	92	<i>racloir</i> duplo convexo / lasca	África do Norte	
D 73	174		fragmento de lasca retocada		África do Norte
D 73	175		lasca com retoque lamelar bordo b. esq. semioblíquo part. cort.		África do Norte
D 73	176		peça quebrada com grande pedúnculo	Fayun A	Egito
D 73	177		ponta-bico bifacial	Fayun A	Egito
D 73	178	81	½ coroa ou " <i>croissant</i> " ou ½ anel inteira / bifacial	Fayun A	Egito
D 73	179		lasca bifacial foliácea	Fayun A	Egito

Anexo 2 (cont.)

Inventário da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio					
Código	Nº	Fig.	Objeto	Procedência	País/Região
D 73	180		buril de ângulo / lasca cortical	Fayun A	Egito
D 73	181	52	lamela com dorso arqueada apontada		Palestina
D 73	182		lamela com dorso apontada côncavo-convexa truncada arqueada		Palestina
D 73	183	53	lamela com dorso truncado		Palestina
D 73	184		lamela com dorso apontada côncavo-convexa truncada arqueada		Palestina
D 73	185		lamela com dorso		Palestina
D 73	186		lamela com dorso		Palestina
D 73	187		lamela com dorso apontada côncavo-convexa truncada arqueada		Palestina
D 73	188		lamela com dorso apontada côncavo-convexa truncada arqueada		Palestina
D 73	189		lamela com dorso apontada côncavo-conv. trunc. arqueada (<i>croissant</i>)		Palestina
D 73	190	50	microlito <i>croissant</i> peça geométrica com dorso		Palestina
D 73	191	51	micrólito <i>croissant</i> peça geométrica arco de círculo		Palestina
D 73	192		lamela com dorso apontada côncavo-conv. trunc. arqueada (<i>croissant</i>)		Palestina
D 73	193		lamela com dorso apontada côncavo-conv. trunc. arqueada (<i>croissant</i>)		Palestina
D 73	194		lamela com dorso apontada côncavo-conv. trunc. arqueada (<i>croissant</i>)		Palestina
D 73	195		lamela com dorso arqueada		Palestina
D 73	196		lamela com dorso apontada côncavo-conv. trunc. arqueada (<i>croissant</i>)		Palestina
D 73	197		lamela com dorso apontada arqueada		Palestina
D 73	198		furador quebrado / lamela com dorso		Palestina
D 73	199		lamela com dorso duplo		Palestina
D 73	200		lamela com dorso		Palestina
D 73	201		lâmina com bordos abatidos		Palestina
D 73	202	54	lâmina retocada com bordos abatidos		Palestina
D 73	203		lâmina retocada - ponta		Palestina
D 73	204		furador-bico / lâmina ret. bifacial		Palestina
D 73	205	55	buril diedro / lâmina		Palestina
D 73	206		ponta de flecha com pedúnculo, sem aletas		Palestina

Anexo 2 (cont.)

Inventário da Coleção Mediterrâneo e Oriente Médio

Código	Nº	Fig.	Objeto	Procedência	País/Região
D 73	207		ponta de flecha com pedúnculo, sem aletas		
D 73	208		<i>racloir</i> em lâmina	Sinai	Palestina
D 73	209		<i>racloir</i> / lâmina retocada bifacial		Palestina
D 73	210		buril diedro / lâmina com crista		Palestina
D 73	211	56	buril poliédrico / truncatura / lâmina		Palestina
D 73	212		<i>grattoir</i> / lasca retocada		Palestina
D 73	213	57	<i>grattoir</i> / lâmina		Palestina
D 73	214		fragmento mesial de lâmina micro-retocado		Palestina
D 73	215		lasca		Palestina
D 73	216		fragmento mesial de lâmina		Palestina
D 73	217		núcleo a lamelas	Palestina	Palestina
D 73	d 62	7	ponta levallois		
D 75/2	294		fragmento prox. de lâmina com crista	"Volo"	
D 75/2	295		fragmento de lâmina quebrada parcialmente truncada	"Volo"	

ctp, impressão e acabamento

imprensaoficial

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. João Grandino Rodas

Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária

Pró-Reitor: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Pró-Reitoria de Graduação

Pró-Reitora: Profa. Dra. Telma Maria Tenório Zorn

Pró-Reitoria de Pesquisa

Pró-Reitor: Prof. Dr. Marco Antonio Zago

Pró-Reitoria de Pós-Graduação

Pró-Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Diretora: Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano

Vice-Diretora: Profa. Dra. Marisa Coutinho Afonso

Conselho Deliberativo: Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano
Profa. Dra. Marisa Coutinho Afonso
Profa. Dra. Fabíola Andréa Silva
Prof. Dr. Astolfo Gomes de Mello Araujo
Profa. Dra. Maria Isabel D'Agostino Fleming
Prof. Dr. Camilo de Mello Vasconcellos
Prof. Dr. José Luiz de Moraes
Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata
Profa. Dra. Veronica Wesolowski de Aguiar e Santos
Dra. Carla Gibertoni Carneiro
Dra. Célia Cristina Demartini
Ms. Caroline Fernandes Caromano

